

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CLETO ROCHA POMBO FILHO

A investigação da intuição na psicanálise e seu conceito a partir de textos
selecionados de W.R.Bion

Maringá
2016

CLETO ROCHA POMBO FILHO

A investigação da intuição na psicanálise e seu conceito a partir de textos
selecionados de W.R.Bion

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade

Orientador: Prof. Dr. Paulo José da Costa

Maringá
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

Rocha Pombo Filho, Cleto

R672 A investigação da intuição na psicanálise e seu conceito a partir de textos selecionados de W.R. Bion / Cleto Rocha Pombo Filho -- Maringá, 2016.

130 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo José da Costa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração: Constituição do sujeito e historicidade, 2016.

1. Bion, Wilfred Ruprecht, 1897-1979 - Psicanálise. 2. Psicanálise - Intuição. 3. Psicoterapia - Perspectivas. I. Costa, Paulo José, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 21.ed.150.1

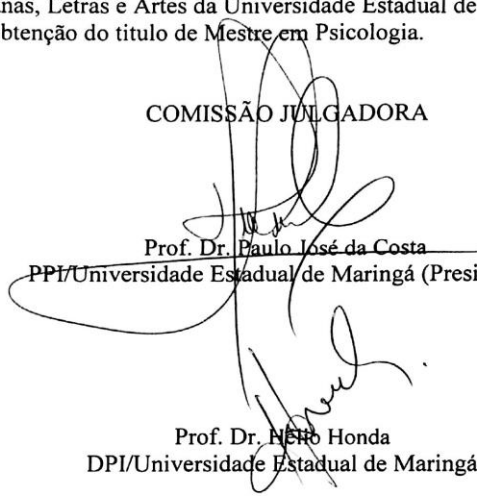
FOLHA DE APROVAÇÃO

CLETO ROCHA POMBO FILHO

A investigação da intuição na psicanálise e seu conceito a partir de textos selecionados de W.R.Bion

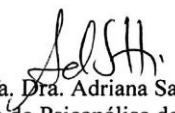
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Paulo José da Costa
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Prof. Dr. Nêto Honda
DPI/Universidade Estadual de Maringá



Profa. Dra. Adriana Salvitti
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo - SBPSP

Aprovado em: 18 de março de 2016.
Local da defesa: Bloco 10 – sala 10, Campus da UEM.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de deixar claro que a motivação desse trabalho foi para que essa pesquisa possa se reverter em benefícios para os pacientes dos analistas que estudarem esse tema sobre da intuição. Sigo agradecendo em primeiro lugar ao meu orientador Prof. Dr. Paulo José da Costa, pela sua grande dedicação e orientações lúcidas ao meu trabalho. Assim como pela sua generosidade e paciência em tolerar minhas falhas e limitações, sem as quais eu jamais teria conseguido concluir essa tese. Também muito me ajudou meu analista Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos que me mostrou os caminhos a seguir no mestrado, gerando atalhos em minha vida acadêmica. Agradeço a minha base familiar, meu pai Cleto Rocha Pombo, in memoriam, com quem aprendi a ser íntegro e honesto. Minha mãe Maria da Penha P. Rocha Pombo, que incansavelmente me incentivava dizendo você vai conseguir. Também recebi muito apoio, e agradeço muito a minha namorada Sinaida Haddad Costa, que durante muitos finais de semana estudou junto comigo horas e horas a fio até que eu concluísse tudo. Finalmente agradeço a Deus pela oportunidade de estar vivo e com saúde. Assim como agradeço ao mestre Lama Padma Samtem aos ensinamentos que recebi sobre meditação que me estimularam a estudar a intuição, e a se manter no momento presente, reconhecendo a natureza vazia de todos os fenômenos. Assim posso dizer a todas as pessoas acima: Obrigado meus mestres!! Enfim como dedicação final, desejo que os méritos desse trabalho se expandam e toquem a todos os seres.

A investigação da intuição na psicanálise e seu conceito a partir de textos selecionados de W.R.Bion

RESUMO

Esse trabalho investiga a intuição psicanalítica a ser elucidada na perspectiva bioniana, com a motivação de aproximar a experiência desse fenômeno perceptivo à descrição de um conceito. No vértice de Bion, a intuição do analista refere-se à percepção direta da realidade psíquica do paciente, que não tem intermediação do processo racional e que ultrapassa o funcionamento sensorial. O modelo utilizado pelo autor para ilustrar a intuição é o da mãe e seu bebê, devido à nessa relação à mãe precisar intuir as necessidades do bebê uma vez que ele não fala. A metodologia utilizada para essa investigação teórica foi à pesquisa bibliográfica, com a obtenção de dados sobre a intuição, em livros, artigos, revistas científicas, teses e por informações de bancos de dados da internet. Essa pesquisa foi realizada em língua portuguesa, inglesa e espanhola e foram selecionados os trabalhos que continham os temas intuição e psicanálise, especificamente sobre a intuição do analista, no que eles se relacionavam com a teoria de Bion. A partir de Freud, foi feito um *link* entre o conceito de atenção livremente flutuante, com a recomendação de W.R.Bion de o analista abster-se da memória e do desejo. Essas duas teorias complementam-se ajudando na compreensão sobre a intuição psicanalítica. Na sequência, esse *link* Freud-Bion foi correlacionado com o conceito de imagens intuitivas de Walter Trinka. E também foi trabalhado o quanto a intuição pode ajudar o analista no tratamento de pacientes de difícil acesso. Através de uma abordagem panorâmica sobre a vida e a obra de Bion, foi possível fazer uma correlação com a sua teoria e a sua concepção de intuição. Especificamente relacionando a intuição com o fenômeno da *reverie*, sendo esta concretizada pela percepção de um fato selecionado. O fato selecionado foi considerado como um dos representantes da descrição de uma percepção intuitiva, onde também estão envolvidas a atividade da função-alfa e a barreira de contato. Em relação ao meio de transporte da intuição, foi sugerido que ela ocorre por meio da identificação projetiva realista. Para essa conexão foram selecionadas citações diretas de Bion, onde ele aponta as várias maneiras como ele entende esse fenômeno intuitivo. Finalmente foram feitas duas aproximações da concepção bioniana de intuição em direção à possibilidade de um conceito. Uma pessoal utilizando para isso os conceitos inovadores de paisagem mental livremente flutuante e de *roaming* intuitivo, ambos facilitando o surgimento do fato selecionando. E a última formada pela teoria de Bion, onde ele refere-se à intuição como uma experiência

correlacionada ao item F da grade, onde esta está relacionada com a formação de conceitos. Assim o autor deixa o caminho aberto para que a intuição possa vir a situar-se dentro da categoria de um conceito, seja ele qual for, significando uma ferramenta técnica para que o analista possa perceber o estado de mente do paciente. Conclui-se que o objetivo do trabalho foi alcançado parcialmente. Pois a aproximação do fenômeno intuição enquanto a um conceito, se deu pela sugestão de que esse fenômeno possa estar intimamente ligado ao conceito de fato selecionado, quase como um sinônimo.

Palavras-chave: Intuição; psicanálise; pesquisa teórica; W.R.Bion.

The investigation of intuition in psychoanalysis and its concept from selected texts W.R.Bion

ABSTRACT

This work investigates the psychoanalytic intuition to be elucidated in bioniana perspective, seeking to approximate the experience of this perceptual phenomenon the description of a concept. At the summit of Bion, the analyst's intuition refers to the direct perception of the psychic reality of the patient, without intermediate rational thought and exceeds the sensory functioning. The example used by the author to illustrate the intuition's phenomena is related to the reverie of experience in the model of the relationship between mother and baby. Because of this relationship the mother needs to intuit baby's needs since he does not speak. For the theoretical support used was intuition in books, articles, journals and information databases on the internet. And survey was conducted on literature in Portuguese, English and Spanish. The selected works contained themes intuition and psychoanalysis, specifically on the intuition of the analyst, as they related to Bion's theory. The research started from Freud through a search in his work searching where appeared the word intuition or related words. So they were found as a point in common with the theme intuition, technical Freud's recommendations, with the discipline to refrain from memory and desire suggested by W.R.Bion. These two theories complement each other in helping to understand the meaning of psychoanalytic intuition. Further, this Freud-Bion link has been correlated with the intuitive images concept of Walter Trinca, emphasizing how the intuitive images may help the processes of treatment on patients with difficult access, by the analyst. Through a panoramic approach to the life and work of Bion, it was possible to make a correlation with his theory and his conception of intuition. Specifically relating intuition with the reverie phenomenon, which is achieved by the realization of a selected fact. The selected fact was regarded as one of the representatives of the description of an intuitive perception, which are also involved in the function-alpha activity and the contact barrier. Regarding the means of intuition's transport, has been suggested that it occurs through realistic projective identification. For this connection, Bion shows several ways that understands this phenomenon, and how he relates to the discipline of abstaining from memory and desire. Finally, two approaches were made of bioniana intuition design toward the possibility of a concept. Suggesting that a freely floating mental landscape with its roaming activated, favors the emergence of the selected fact. And

last focused according to the Bion's theory, which refers to the intuition and experience of a correlated on item F, therefore related to the formation of concepts. So the author gives the way for that intuition is likely to fall within the category of a concept, whatever it is, meaning a technical tool to allow the analyst to understand the patient's state of mind. We conclude that the objective was achieved partially. For the approach of the intuition phenomenon as a concept, it was due to the suggestion that this phenomenon can be closely linked to the fact selected concept, almost as a synonym for intuition.

Keywords: Intuition. Psychoanalysis. theoretical research. W.R.Bion

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A INTUIÇÃO E A PSICANÁLISE	16
1.1 Tema de Investigação	16
1.2 Problemática	18
1.3 A Importância do Estudo sobre Intuição	19
1.4 Método.....	20
1.4.1 Pesquisa bibliográfica.....	21
2 A NATUREZA DOS CONCEITOS PSICANALÍTICOS	23
2.1 Sobre as Características Gerais de um Conceito	23
2.2 Os Conceitos Psicanalíticos.....	25
2.3 Freud e os Conceitos Psicanalíticos	25
3 O LIMITE DA LINGUAGEM	28
3.1 Os Limites da Linguagem Escrita	28
3.2 Uma Proposta para Enfrentar os Limites da Linguagem.....	29
3.2.1 A linguagem poética e a psicanálise.....	29
4 A INTUIÇÃO E ALGUNS FATOS DO INÍCIO DA PSICANÁLISE	31
4.1 Freud e a Intuição	31
4.2 A Intuição e o processo de troca da hipnose pela associação livre	33
4.3 Freud, Bion e a Intuição	35
4.4 A Intuição, a Memória e o Desejo em Bion e Freud	36
5 AS IMAGENS INTUITIVAS DE WALTER TRINCA E A RECOMENDAÇÃO TÉCNICA EM SIGMUND FREUD	42
5.1 Introdução.....	42
5.2 Os Aspectos Não Verbais como Via de Acesso a Intuição	42
5.3 O Conceito de Imagens Intuitivas	46

6 A CORRELAÇÃO ENTRE AS IMAGENS INTUITIVAS DE TRINCA E A METÁFORA DO APARELHO TELEFÔNICO DE FREUD	47
6.1 Um Exemplo Clínico de uma Possível Imagem Intuitiva	48
6.2 Os Três Níveis de Funcionamento da Intuição.....	51
6.2.1 O nível grosseiro.....	52
6.2.2 O nível sutil	52
6.2.3 O nível secreto	54
7 A VIDA E A OBRA DE WILFRED RUPRECHT BION	57
7.1 Alguns dados biográficos	57
7.2 A obra de Bion	59
7.3 Uma Psicanálise vincular	60
7.4 Elementos de Psicanálise	64
7.5 A Grade	65
7.6 Transformações	66
7.7 A memória, Desejo e a Intuição	72
7.8 A Capacidade Negativa	72
7.9 Uma memória do futuro	73
7.10 Cogitações	75
8 ALGUMAS IDEIAS DE BION PARA BALIZAR O ESTUDO DA INTUIÇÃO	76
8.1 A Função Alfa.....	76
8.2 A Barreira de Contato.....	84
8.3 A Identificação Projetiva	86
8.4 A Identificação Projetiva Realista e a <i>Reverie</i>	87
9 A TEORIA DE BION E A INTUIÇÃO PSICANALÍTICA	92
9.1 A <i>Reverie</i> e a Intuição.....	96
9.2 A Intuição e a Função Alfa.....	102
9.3 A Intuição e a Identificação projetiva realista.....	103
9.4 A Paisagem Mental Livremente Flutuante.....	107
9.5 A Atitude de Principiante.....	109
9.6 O Conceito de <i>Roaming</i> Intuitivo.....	110

9.7 O Fato Selecionado e a Intuição.....	115
--	-----

10 APROXIMANDO A INTUIÇÃO ENQUANTO UM CONCEITO NO VÉRTICE DE BION.....	120
---	------------

10.1 Considerações finais sobre o termo Intuição na obra de Bion.....	122
---	-----

REFERÊNCIAS	125
--------------------------	------------

INTRODUÇÃO

Voltando à experiência analítica para obter uma indicação, sou lembrado de que um desenvolvimento mental saudável parece depender de verdade do mesmo modo que o organismo vivo depende de alimento. Caso falte verdade, ou ela seja deficiente, a personalidade deteriora. (Bion, 2004,p.54)

A psicanálise se caracteriza pela investigação da verdade sobre os processos mentais inconscientes que regem a vida de relação entre os seres humanos(Freud, 1900/1972). Na tarefa de desvendar esses processos,o psicanalista necessita utilizar de seu equipamento mental para acessar o material inconsciente, que jaz oculto pelo véu da repressão. Devido a isso, o foco desse trabalho é a investigação teórica sobre o funcionamento do equipamento mental do analista. Em particular, um tipo de funcionamento específico, chamado de intuição. Relaciona-se o funcionamento intuitivo ao ato do analista captar diretamente dados da realidade psíquica do paciente, sem necessariamente ser intermediado pelo pensamento racional. A importância da intuição na prática analítica, também é defendida por Sandler (2005),onde descreve que a “intuição é algo que nós usamos quando precisamos fazer explorações dentro do desconhecido, o inconsciente em outras palavras”(p.349). Esse fenômeno também é referido por alguns autores, que preconizam que a intuição psicanaliticamente treinada tem a função de preservar uma relação analítica, no que se refere à vivacidade das experiências emocionais advindas da realidade psíquica, como é o caso de Sapienza (1999), onde comenta que:

O exercício adequado da intuição pelo psicanalista constitui fator primordial na preservação de sobrevivência do processo analítico, em clima de esperança realista, permitindo desse modo a expansão das dimensões de tempo e espaço da realidade psíquica, para futuras investigações psicanalíticas (p. 424)

Desse modo, pode-se considerar que o fenômeno da intuição é um tipo de funcionamento psíquico, interessante para a prática da psicanálise, o que motiva a fazer uma investigação teórica sobre esse tema.

Para que seja possível investigar teoricamente como acontece uma intuição, foi escolhida, dentre os diversos autores da psicanálise,a obra de Wilfred Ruprecht Bion, devido ao seu pensamento psicanalítico ressaltar o uso da intuição como o principal método de acessar a realidade psíquica de um paciente.Para Bion(1970/2007), a realidade psíquica não é sensorial.Isto significa que elementos do mundo psíquico não podem ser identificados

somente pelo uso dos sentidos físicos, como a audição e a visão, por exemplo. Bion(1967/1990) preconiza que o analista deve utilizar a sua intuição para que, dessa forma, possa apreender as evoluções que acontecem dentro dessa tal realidade não sensorial. Também preconiza que o mais importante em uma sessão é o desconhecido. O trabalho psíquico para lidar com esse desconhecido torna-se mais um motivo para que o analista utilize sua intuição, como um recurso para captar esse material novo, que está por surgir a cada sessão. Rosito(1995) comenta que Bion “sugere que há um território psicanalítico com realidade própria, constante. Essa realidade é intuível, se o aparelho de pensar do analista está disponível para isso” (p.226). Essa disponibilidade, segundo Bion (1967/1990), acontece quando o analista tem sua mente livre da memória, do desejo e da necessidade de compreensão intelectual, afirmação esta que será explanada mais adiante.

Diante da importância da intuição psicanalítica para o cotidiano da clínica de um analista, esse trabalho se ocupará com a investigação do referido fenômeno, para que com isso possa se esclarecer o que significa esse vocábulo na visão de W.R.Bion.

Bion(1970/2007) faz uma comparação entre a psicanálise e a medicina:nessa o médico pode apalpar, cheirar e olhar o paciente, enquanto naquela o analista não pode realizar essas mesmas atitudes, pois a ansiedade não tem forma, cor, cheiro ou som.Por isso, na prática psicanalítica bioniana, é dada mais ênfase ao uso da intuição, seja ela o que for, do que à utilização dos sentidos físicos,conforme pontua Zimerman (2004): “Bion afirmou que preferia o termo intuir aos termos observar, escutar ou ver” (p.90).

Encontrar a definição sobre o conceito de intuição psicanalítica é uma pretensão audaciosa e se torna um desafio devido a existir um grande número de alusões à palavra intuição, porém quase nenhuma explicação sobre o que ela realmente significa. Como descreve Ribeiro (2010, p.07)

A maioria das definições não esclarece de onde e como surgem as intuições; algumas dizem que surgem do conjunto de conhecimentos adquiridos nas múltiplas experiências do Ser, que são readaptadas para se adaptarem a uma nova situação e que afloram à mente espontaneamente, pois tais conhecimentos pertencem ao seu universo peculiar e subjetivo de conhecimentos.

Esta obscuridade teórica sobre o tema da intuição, também é constatado por Muniz (1988), que “ao procurar na literatura disponível referências maiores e específicas sobre intuição verificamos existir um vazio de definições” (p.100). Segundo esse autor, ao pesquisar na extensa obra de Freud, foram encontradas três citações da palavra intuição, todas elas localizadas na XXXV das “Novas Conferências Introdutórias”, de 1932.Freud,nessas citações,parece não dar muita importância às definições do termo intuição.Esses acha dos são

confirmados por Piccini (1985), que também encontrou apenas essas três citações sobre a intuição na obra de Freud. Mas, como fruto investigativo da presente pesquisa, foi encontrada outra aparição do termo intuição na obra de Freud, no texto intitulado “História do Movimento Psicanalítico” (Freud, 1914/1974), constatada por Rosito (1995), na qual Freud reconhece que, supostamente, a intuição lhe ajudou a seguir o rumo de trocar a hipnose pelo método da associação livre. O criador da psicanálise também refere, nesse texto, que, em muitos casos, um grande esforço de investigação psicanalítica pode simplesmente constatar conhecimentos que os filósofos já tiveram antes por intuição.

Não somente a definição de intuição é rara de encontrar, como também trabalhos que abordem esse tema são pouco disponíveis dentro da extensa literatura psicanalítica, como conclui Cassorla (1991): “Revisando o *Chicago Psychoanalytic Literature Index*(1971-1985), o Index da *American Psychoanalytic Association*(1920-1987) e o *Index of Psycho-Analytic Writings*(1956-1969) foram encontrados apenas 19 trabalhos em que a intuição constava como título”(p.517). Por isso a tentativa de elucidação do conceito de intuição se apresenta como um enigma a ser desvendado.

De maneira geral, várias definições para intuição foram encontradas nos dicionários de língua portuguesa. Como exemplo ilustrativo do significado de intuição, a seguir está transcrita uma citação que se apresenta de maneira detalhada, retirada de verbete do “Dicionário Aurélio” (Ferreira, 1975, n. p.):

Conhecimento claro, direto, imediato da verdade sem o auxílio do raciocínio. Capacidade para entender ou pressupor coisas que não dependem de um conhecimento empírico. Maneira de adquirir conhecimento instantâneo sem que haja interferência da razão. Sinônimos de Intuição: Faro, instinto, palpite, percepção, perspicácia, pressentimento, suspeita, tino, impressão.

Essa definição mostra o quanto esse conceito é obscuro. Mas, apesar disso, parece haver um ponto em comum entre esses vocábulos sinônimos, no sentido de que a intuição não é um fenômeno racional.

Na psicanálise são raros os dicionários encontrados que tratam do assunto, com pouquíssimas citações sobre intuição. Em alguns nem aparece como verbete, como é o caso do “Dicionário de Psicanálise” (Roudinesco, & Plon, 1997), do “Vocabulário da Psicanálise” (Laplanche, & Pontalis, 1967/1983) e do “Dicionário Internacional de Psicanálise” (Mijola, 2010).

Piccini (1985) e Muniz(1988) chamam a atenção ao fato de Laplanche e Pontalis não citarem o termo intuição, uma vez que o dicionário criado por esses autores é rico e específico em muitos termos, o que não corresponde à frequência com que a intuição é referida de

maneira cotidiana no meio psicanalítico. Muniz (1988) conclui que “não há proporcionalidade entre a utilização do termo e a sua pouca referência teórica”(p. 100).

Nas vicissitudes da presente pesquisa, foi encontrada uma definição para intuição no “Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise”, de David E. Zimmerman(2001), no qual o autor, por um fato que chama a atenção, refere-se somente a Bion na descrição:

Bion deu significação psicanalítica ao termo intuição, concebendo-o como a capacidade necessária para o psicanalista poder entrar em um profundo estado de sintonia com o analisando. Portanto, a intuição analítica não tem nada de transcendental, como muitas vezes se pensa. A etimologia da palavra intuição, composta dos étimos latinos *in* (dentro de)+*tuere*(olhar), denota que essa capacidade do analista de olhar para dentro consiste numa espécie de um terceiro olho, que lhe permite enxergar além daquilo que nossos órgãos dos sentidos captam. Assim, segundo Bion, a intuição é um elemento muito relevante na construção da interpretação, surgindo quando a mente do analista não estiver saturada pelo uso exclusivo da percepção sensorial(visão, audição), nem pela sua memória ativa, e tampouco pelos seus desejos e ânsia de compreensão imediata. Aliás, a favor do surgimento da intuição, Bion recomendava aos analistas que deixassem livre a imaginação, a fim de promover a sua imagem-em-ação. Uma metáfora de Bion esclarece melhor: ele recomenda que o analista lance sobre sua própria visão um fecho de escuridão, para que possa ver melhor. Da mesma forma, outra metáfora mencionada por A.M. Resende também esclarece que a visualização do analista fica aguçada, quando ele não fica preso à sua visão concreta, de modo que as estrelas ficam mais visíveis na escuridão na noite(p.224).

Essa definição de Zimmerman é mais uma evidência de que, dentre os autores da psicanálise, Bion se destaca quando o assunto é intuição.

Rosito (1995) refere-se à intuição como um tipo de comunicação inconsciente, que ocorre entre paciente e analista, e, segundo essa autora, “a concepção de Bion sobre intuição é vista como a capacidade afetiva para contatar com as emoções primárias do paciente”(p.223). Comenta ainda que um paciente em análise descarrega sobre a pessoa do analista suas necessidades, angústias, medos, na esperança de que o analista possa contê-los e transformá-los numa linguagem verbal através de uma interpretação. Descrição que, como se verá mais adiante, é muito semelhante à teoria da função-alfa de Bion. Como definição, a autora se refere à intuição como “um conhecimento proveniente da profundidade da pessoa do analista, que deve estar aberto aos seus sentidos internos, contatando com os sentimentos e afetos que circulam no seu corpo e na sua mente”(p.230).

Devido a essa falta de clareza conceitual, alguns autores da psicanálise se manifestaram na tentativa de delimitar o tema. Dessa forma, advertindo contra o risco do mau uso da intuição, Zimmerman (2004) faz uma advertência sobre a utilização desse termo:

Intuição não deve ser confundida com adivinhação ou qualquer outra coisa mágica. Trata-se tão somente da capacidade do analista de se ligar a fatos que não são captados através dos órgãos dos sentidos, é essa capacidade que permite o acesso às verdades incognoscíveis. (p.90).

No caminho especulativo-teórico da tentativa de explicação do conceito de intuição, surge um paradoxo que envolve a descrição de algo que, em princípio, parece ser de natureza inexprimível. O leitor pode se perguntar como será possível descrever racionalmente um conceito, se ele se refere a um fenômeno que está além da razão?

Sandler (1997) afirma que “a intuição é algo que existe, mas não pode ser entendido, apenas percebido, observado, treinado e usado” (p. 59). Então, cautela ao estudar o conceito de intuição, sem pretensões de compreensão intelectual imediata, pode ser uma atitude facilitadora. Nessa aparente contradição, intuir *versus* compreender, aparece o limite da linguagem. Podemos traduzir esse limite com a seguinte indagação: Até onde é possível descrever com palavras o fenômeno da percepção direta da realidade de um objeto, que caracteriza uma intuição?

A dificuldade da expressão lingüística do vocábulo intuição pode ser facilitada pelo uso da arte da escrita poética, por exemplo. A poesia tem a habilidade de transmitir por meio das palavras, várias experiências emocionais, essas são ativadas pela arquitetura lingüística, onde as palavras em relação mútua, num arranjo harmônico, mobilizam afetos dos leitores como se estivessem no local certo e na frase certa para a ativação do mundo criativo das fantasias inconscientes. Um universo psíquico pode se dobrar frente ao pincel de um poeta.

Portanto, esse tipo de comunicação por figuras de linguagem, será utilizado nesta pesquisa, quando for necessária a utilização de expressões lingüísticas para nomear fatos imateriais que, por natureza, subjazem além da razão. Seu uso aparecerá, por exemplo, na composição do quinto capítulo, onde é feita a alusão ao funcionamento da intuição, como sendo um tipo de comunicação que ocorre em três níveis. Através da utilização de metáforas, considera-se que a intuição se manifesta no nível grosseiro, no nível sutil e no nível secreto. Esses três níveis são considerados em graus crescentes de complexidades de compreensão e comunicação, e decrescentes em relação ao uso dos órgãos sensoriais. Esses três níveis serão descritos com maiores detalhes no quinto capítulo. Outro exemplo que também alude à questão da linguagem e da intuição é quando Sandler (1997) faz uma analogia com o uso da intuição na relação mãe-bebê.

A mãe precisa intuir as necessidades básicas do filho para que ele sobreviva, uma vez que ele não pode falar; assim como o bebê também precisa intuir que haja um seio para ele se alimentar. Se ele não intuir tal necessidade, ele morre. (p. 80).

Na analogia acima, o bebê e a mãe se comunicam por meio de uma linguagem pré-verbal, utilizando para isso o suposto recurso da intuição. É um tipo de comunicação primitiva, direta, sem intermediação do raciocínio lógico-verbal. Desse modo, podemos supor

um funcionamento intuitivo desde o início da vida, que é anterior ao pensamento. O resultado desse relacionamento mãe-filho serve de parâmetro para supor que a hipótese sobre a ideia do fenômeno intuição funciona para a comunicação, uma vez que o bebê sobrevive.

Transferindo a analogia mãe-bebê para a relação paciente-analista, teremos a situação em que o analista terá que utilizar algum tipo de comunicação não-verbal para apreender a realidade psíquica, e assim acessar as necessidades básicas de seu paciente, para que ele se desenvolva, principalmente em momentos onde ele não consegue se expressar por palavras. Assim como a mãe captava de modo, também não-verbal, as necessidades do seu bebê. O analista deverá proceder dessa forma, procurando, a partir de algum tipo de funcionamento anterior ao pensamento, entrar em sintonia emocional como seu analisando.

Ante o exposto, tendo essa base, iniciou-se a investigação teórica sobre a ideia da intuição psicanalítica em Bion com o capítulo 1, fazendo uma correlação entre a intuição e a psicanálise. Assim sendo, no Capítulo 2, intitulado “Anatureza dos conceitos psicanalíticos”, aborda-se o tema da investigação, indicando o caminho que a pesquisa percorreu, passando através da problemática, que é a tentativa de descrever o fenômeno da captação direta da realidade de um objeto, assim cogitado como algo referente à ideia de intuição, enquanto um conceito, ou não, no vértice de Bion. E conjuntamente com essa tentativa, também se expõe o método utilizado para desenvolver essa pesquisa, que se realizou através da pesquisa bibliográfica.

No capítulo 3, intitulado “O limite da linguagem”, traz-se à baila a questão do alcance da linguagem escrita. Essa abordagem, sobre o limite da linguagem, ajudou no desafio teórico que se apresentou ao pesquisador. Este se propõe a descrever com palavras um fenômeno que aparentemente tem seu funcionamento não ligado à atividade sensorial, intelectual ou racional. E também com a motivação em concebê-lo na categoria de um conceito, caso este seja possível. No capítulo 4, nomeado de “A intuição e alguns fatos do início da psicanálise”, busca-se demonstrar como a psicanálise pode ter surgido a partir de uma intuição de Freud, assim como a correlação, a partir de Freud, com a teoria de Bion sobre memória e desejo. Logo em seguida, no capítulo 5, intitulado “As Imagens intuitivas de Walter Trinka e as recomendações técnicas de Sigmund Freud”, expõe-se a noção de imagens intuitivas e como esse conceito se relaciona com as recomendações técnicas de Freud.

No capítulo 6, nomeado de “A correlação entre as imagens intuitivas de Trinka e a metáfora do aparelho telefônico de Freud”, por uma associação feita pelo pesquisador que escreve, apresenta-se como exemplo de uma imagem intuitiva o trecho de uma sessão de análise encontrado na obra D.W. Winnicott, assim como também se propõe abordar a intuição

como um tipo de comunicação que ocorre em três níveis: o nível grosseiro, o sutil e o secreto.

O capítulo 7 é sobre a vida e a obra de Bion. Nele apresentam-se alguns fatos da biografia de Bion, assim como uma visão geral sobre sua obra e seus principais conceitos, com o objetivo de que com essa introdução ao pensamento desse autor tenha-se pavimentado teoricamente o caminho por onde se percorreu para delinear as extrapolações teóricas no processo de aproximar a intuição, seja ela o que for, enquanto um conceito psicanalítico ou não. Com relação ao capítulo 8, aprofundando um pouco mais a teoria de Bion, tratou-se de apresentar os seus conceitos de função-alfa, barreira de contato, identificação projetiva realista e *reverie*, considerados chaves para a presente investigação. Estas noções básicas foram os balizadores para a construção do projeto de tentar elucidar a intuição, na sua vertente psicanalítica, dentro das raízes do pensar bioniano.

Na parte final dessa pesquisa, no capítulo 9, aproximar-se-á a teoria de Bion, relacionada aos seus conceitos principais trabalhados no capítulo anterior, confrontando-os com a ideia do fenômeno da intuição da maneira com que Bion supostamente a entende. Essa articulação procura respeitar a coerência lógica entre esses componentes teóricos. Enfim, realiza-se a tentativa de aproximação da intuição enquanto um conceito psicanalítico. Desta forma, no último capítulo, o de número 10, na primeira parte apresenta-se uma contribuição pessoal mediante o estudo na obra de Bion, uma sugestão especulativa de como, a partir dessa obra, poderia se descrever a intuição. Finalmente, usando as próprias palavras de Bion, realizou-se a tentativa de descrição do fenômeno intuitivo, sob um ponto de vista psicanalítico, agora supostamente enquanto um conceito.

1 A INTUIÇÃO E A PSICANÁLISE

1.1 Tema de Investigação

Nessa investigação teórica, o foco de pesquisa é o fenômeno da intuição, como uma ferramenta do funcionamento do equipamento mental do analista. A intuição, cogitada como uma percepção direta da realidade de um objeto sem precisar da intervenção racional, pode ser utilizada desta forma, tanto diretamente na prática clínica, quanto indiretamente para analisar as manifestações do homem, como nas obras de artes, filmes, romances, artigos científicos etc. Ou seja, qualquer produção humana deixa um rastro de manifestações do inconsciente, podendo ser interpretada sob o olhar da psicanálise e apreendida pela intuição. Porém, nesse trabalho em específico, será focado no estudo da percepção intuitiva no que esta se realiza no momento de uma sessão de análise. Nessa mesma perspectiva, Sapienza (1999) comenta sobre um adequado equipamento mental do analista, que será explicado com mais detalhes adiante. Nas palavras do autor, é possível observar que ele inclui a noção de intuição nesse equipamento mental do analista.

A psicanálise, juntamente com as artes, as ciências e as religiões, faz parte do grupo de transformações que permite contato, investigação e ampliação das representações da realidade psíquica, suporte para a vida de simbolização. A atividade clínica psicanalítica ocorre no campo da interação bipessoal e requer, além das condições mínimas de *setting*, um adequado equipamento mental do psicanalista. (Sapienza, 1999, p.423).

Sendo assim, essa abordagem psicanalítica é possível desde que o pesquisador que o faça tenha familiaridade com os preceitos freudianos e tenha uma boa formação psicanalítica, entendida como o tripé do estudo teórico, das supervisões clínicas e da análise pessoal. Em posse disso, um pesquisador científico pode estar em condições de utilizar o método psicanalítico e sua intuição para analisar a vida. No que diz respeito às produções humanas, os aspectos da cultura são elementos extra-clínicos, que podem fazer uma ponte entre a clínica e o desenvolvimento de uma teoria, como discorrem Ahumada e Doria-Medina (2004):

...reflexão crítica sobre os conceitos teóricos tem de se acoplar coma investigação clínica e extra clínica, e a auto análise tanto como a re análise têm que ponderar as limitações pessoais para se envolverem no intercâmbio aberto, segundo leis comuns ao mútuo benefício que surge da confrontação devida à reformulação das premissas que governam o conhecimento estabelecido (p.327).

Ao explorar a realidade psíquica de um paciente pelo método psicanalítico, o analista

adquirir conhecimentos na prática que podem ser extrapolados para o uso de uma reflexão teórico-conceitual. No caso específico deste trabalho, conhecimentos da clínica podem ajudar na investigação do conceito de intuição concebido por Bion.

Considerando o encontro analítico como objeto de contemplação, temos uma situação hipotética na qual é possível abstrair elementos teóricos sobre fatos que ocorrem na mente do analista, quando em contato psíquico com seu analisando. A partir desse encontro, cogita-se haver fenômenos comunicativos inconscientes, que são atribuídos à ideia do fenômeno intuição. A captação dessa comunicação inconsciente, de acordo com Bion (1970/2007), ocorre pela intuição, pois as experiências emocionais não podem ser vistas, ouvidas ou tocadas, mas sim intuídas (Bion, 1970/2007).

O tema da investigação subjetiva parece ser a essência que reveste a ciência da psicanálise. Freud descobriu a psicanálise, investigando de modo detalhado o que estava por trás dos sintomas de suas pacientes histéricas, identificando a presença da transferência e da resistência à medida que o trabalho analítico prosseguia. Com isso, pode-se questionar se é possível haver psicanálise onde não haja investigação. Sobre a relação investigação e psicanálise, Ahumada e Doria-Medina (2004) comentam que:

A prática psicanalítica é uma prática de investigação, atrever-me-ia a dizer, de investigação ultra complexa, iniciada por um gênio que era de fato um dos cientistas mais treinados e mais bem formados de sua época e que tinha a habilidade de abordar criativamente o conhecimento científico de vanguarda do seu tempo (p.319).

A presente investigação é sobre um fenômeno clínico de percepção, cogitado com o nome de percepção intuitiva psicanalítica. Apesar disso, é necessário levar em conta que esse vocábulo se refere ao funcionamento de um processo que, na parte relativa à clínica, ocorre na mente do analista, quando em contato com o analisando. Em outras palavras, esta suposta percepção, acontece quando o analista está imerso no campo analítico, onde a dupla está em interação dinâmica inconsciente incessante. O fenômeno da intuição, investigada a partir da exploração da teoria bioniana, parece não ser propriedade única do analista, mas sim pertencente a um campo que surge no início da sessão e se dissolve quando a sessão termina. Ou seja, é fruto de um encontro onde duas pessoas caminham alimentando-se de verdades e rumo ao conhecimento sobre as partes desconhecidas da personalidade do paciente. Como foi descrito nos parágrafos anteriores, a palavra intuição tem vários significados, dependendo do autor; porém, a maioria das definições convergem num ponto em comum. Esse ponto é o fato da intuição ser descrita como um fenômeno de percepção imediata, direta de um fato, sem intermédio do raciocínio lógico-verbal.

A ideia de intuição também pode ser vista como uma técnica de investigação psicanalítica, quando na observação de uma sessão em curso, um analista percebe conteúdos psíquicos de um paciente, os quais, ele analista, não consegue justificar simplesmente pelo discurso verbal que ouviu do paciente. Esta percepção pode ser identificada no diálogo interno que um analista pode ter consigo próprio, quando é tomado de surpresa, tendo o seguinte pensamento: “Alguma coisa me diz que esse paciente não quer se casar, está mentindo, está assustado, está escondendo algo, deprimido, sentindo inveja etc.” Ou seja, várias impressões, percepções que o analista tem sobre a atmosfera da sessão ou da presença, e que não foram expressas de modo verbal pelo paciente. E essa alguma coisa seria supostamente o fenômeno de uma percepção intuitiva.

1.2 Problemática

No presente trabalho, é relevante salientar a proposição de uma pesquisa teórica, caracterizada pela tentativa de descrição do conceito de intuição. A palavra tentativa é utilizada, pois está aludindo a uma possibilidade e não a uma certeza. Essa tentativa é um grande desafio, pois é caminhar uma pesquisa bibliográfica árida. O tema intuição é um território pouco explorado nos meios psicanalíticos. Essa ausência de produção teórica também é identificada por Piccini (1985), expressa no próprio título de seu artigo “Intuição: Lacuna Teórica na Psicanálise”.

Bion comenta sobre a intuição, em várias passagens de sua obra, mas aparentemente não define o que significa esse conceito. Esse fato é constatado por Piccini (1985): “embora Bion não defina o que ele entende por intuição (pondo até o termo às vezes entre aspas), ele considera, assim como Jung, o receptor das mensagens provindas do inconsciente” (p.41). Assim, ocorre como em vários outros trabalhos psicanalíticos, em que os autores comentam sobre ela, elogiam, sugerem o uso, mas não definem o que seja uma intuição.

Devido a isso, surgiu a proposta, de certa forma pretensiosa deste trabalho: caminhar em direção à tentativa de esclarecimento desse fenômeno enquanto um conceito, ou não, sob o ponto de vista psicanalítico.

Bion (1970/2007) recomenda que o analista não se deixe envolver pelas lembranças de fatos passados (memória), nem fique com a mente saturada por desejos em relação ao futuro; desse modo ele estará aberto a intuir o momento presente da sessão, que é por natureza desconhecido. Essa recomendação surge como um tipo de técnica psicanalítica bioniana,

segundo a qual, evitando a memória e o desejo, libera-se o acesso à intuição.

Diante disso, Piccini (1985) denuncia que:

Todavia algo curioso aconteceu, provando novamente o quanto é difícil aceitar o conceito de intuição. Apesar de ter penetrado triunfalmente, em nossos meios, as ideias de Bion, não passou junto com elas, com igual sucesso, o termo intuição que está em seus textos. Repete-se sim, frequentemente, em nossos encontros científicos o conhecido conselho da (não memória e não desejo). Mas é comum não haver referência ao fato de que isto serviria, na visão bioniana, para aprimorar a captação intuitiva (p.42).

Diante desse panorama conceitual, a problemática que se apresenta à investigação é: o que significa essa intuição a que Bion se refere?

1.3A Importância do Estudo sobre a Intuição

O objetivo de tentar encontrar uma definição para intuição é importante, uma vez que muitos casos que aparecem na clínica refletem pacientes que não apresentam condições de expressar com palavras o que sentem, o que os leva a fazê-lo de modo não verbal. Esse fato convoca o analista a utilizar um tipo de percepção comunicativa além das palavras que, nesse trabalho, cogita-se ser a sua intuição, de modo que o analista possa detectar esse conteúdo psíquico não simbolizado. Também, a noção de intuição pode facilitar um contato emocional profundo com o cliente, como conclui Trinca (1988) em seu conceito de imagens intuitivas:

Verifiquei que o profissional captava, por meio de imagens mentais, camadas ou segmentos profundos de situações emocionais e estados mentais de seus clientes e concebi as imagens intuitivas, como sendo representações diretas ou simbólicas em uma pessoa, através de imagens mentais espontâneas, do significado de estados emocionais profundos de outras pessoas (p.537).

Para ilustrar um exemplo dessas imagens intuitivas, é fornecido, por reflexão e por associação pessoal, um trecho do texto “A Criatividade e Suas Origens” (Winnicott, 1971/1975), o qual o autor descreve que, no momento em que estava atendendo a um homem, ele teve sua mente invadida pela imagem de uma moça. Winnicott claramente ouvia e via uma moça falar com ele, no lugar do homem que estava atendendo. Após o aparecimento dessa imagem, descobriram-se fatos sobre a infância do paciente do sexo masculino, que fora tratado como uma menina pela mãe, evidenciando o papel de contato emocional profundo que a intuição pode exercer sobre a dupla analítica. Essa relevância também é apontada por Sapienza (1999), no seguinte recorte:

A intuição do analista, em fina sintonia com as comunicações do analisando, estará a serviço do

atendimento realístico das inevitáveis dores mentais vigentes na sessão, permitindo ampliação do espaço psíquico e conseqüente restauração e fluidez das atividades de pensamento inconsciente do analisando (p.424).

Outro fator de importância no estudo do fenômeno intuição é o fato de muitos analistas utilizarem a intuição, sem declarar explicitamente isso. Essa constatação é feita por Piccini (1985), após debruçar-se sobre esse tema: “nota-se também uma estranha abordagem e postura em se tratando de intuição: quem a desvaloriza a usa, quem a usa não a define; quem a valoriza a escreve entre aspas” (p.46).

A aplicabilidade sobre a ideia de intuição não se restringe somente ao campo da psicanálise, mas abrange contribuições para o desenvolvimento da ciência de modo geral, como aponta Medina(1980):

O processo de cada ciência inicia-se em muitas ocasiões nesta atividade mental intuitiva inconsciente (pensamento intuitivo) que precede ao lógico, e que também é válido, como um processo a mais no processo de investigação e aplicação dos sistemas e técnicas validados. Creio que é uma questão de níveis de conhecimento e níveis de aplicação prática dos mesmos(p.482).

Esta pesquisa também se justifica por pretender contribuir para o desenvolvimento teórico da psicanálise, considerando que, à medida que se desenvolve o fenômeno intuição como uma teoria, é possível que isto contribua para que se possa trabalhar melhor clinicamente. Concluindo com as justificativas de Medina (1980),

É necessário estarmos conscientes do fenômeno da intuição e de como podemos utilizá-la não somente ao nível teórico, mas no prático, ajudando e facilitando ao psicanalista, como instrumento, para desempenhar um trabalho específico, da melhor forma possível. Estas linhas poderiam ser entendidas como uma defesa do trabalho empírico; mas é meu desejo clarificar como com ela tentei localizar dentro do processo do conhecimento e das ciências, os trabalhos que se iniciam com a atitude sã, reparadora, reconstrutiva, de apoio, com o instrumento intuição, próprio das funções egoicas(p.485).

1.4 Método

Trata-se de uma pesquisa teórica e, de acordo com a especificidade da investigação, será utilizado o método da pesquisa bibliográfica, incidindo sobre os resultados dela, reflexões psicanalíticas com respeito científico atrelado à subjetividade do equipamento mental humano, como se verá a seguir.

1.4.1A pesquisa bibliográfica

A investigação se iniciou a partir de revisões bibliográficas sobre o tema da intuição na obra de W. R. Bion, bem como de textos e artigos de estudiosos de obra bioniana, publicados em revistas de psicanálise, na internet, e em outras publicações científicas, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola. Com o planejamento de revisar e investigar a maior parte possível da obra de Bion e selecionar publicações científicas de interesse da pesquisa, se objetiva esclarecer o que Bion quer dizer com a palavra intuição.

Diante do tema da intuição, o processo se iniciou com a investigação na obra Freudiana, levantando em que ponto Freud se referiu a esse fenômeno, para depois seguir a investigação do tema em autores contemporâneos, até, enfim, chegar a concepção de intuição psicanalítica em Bion. Esse caminho ocorreu por coleta de dados e informações nas bibliotecas, por meio de fichários e catálogos, assim como de informações da internet e bancos de dados *online*. Foram selecionadas as informações que seriam úteis para o desenvolvimento do assunto e, em seguida, procedeu-se à localização das informações necessárias.

Segundo Lakatos e Marconi (1992),

A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica . (p.44).

A partir de uma lista de obras identificadas, como fontes prováveis para a investigação da intuição psicanalítica, procurou-se localizar as informações úteis, a partir das seguintes leituras, seguindo sugestão de Andrade (1999):

Leitura prévia ou pré-leitura: procura-se o índice ou sumário, lê-se o prefácio, a contracapa, as orelhas do livro, os títulos e subtítulos, pesquisando-se a existência das informações desejadas. Através dessa primeira leitura, faz-se uma seleção das obras que serão examinadas mais detidamente;

Leitura seletiva: o objetivo desta leitura é verificar, mais atentamente, as obras que contêm informações úteis para o trabalho. Faz-se uma leitura mais detida dos títulos, subtítulos e do conteúdo das partes e capítulos, procedendo-se, assim, a uma nova seleção.

Leitura crítica/analítica: agora a leitura deve objetivar a inteligência do texto, a apreensão do seu conteúdo, que será submetido à análise e à interpretação;

Leitura interpretativa: entendido e analisado o texto, procura-se estabelecer relações, confrontar ideias, refutar ou confirmar opiniões. (p.20-21).

Mediante esses procedimentos de catalogação de materiais relevantes ao interesse da pesquisa e ao procedimento sistemático de leituras ,procurou-se obter os dados necessários

para a elaboração da pesquisa no que concerne ao método de pesquisa bibliográfica.

2 A NATUREZA DOS CONCEITOS PSICANALÍTICOS

2.1 Sobre as Características Gerais de um Conceito

Antes de penetrar na investigação conceitual sobre o fenômeno intuição, é interessante abordar alguns parâmetros introdutórios sobre a natureza dos conceitos. A intuição psicanalítica é um fenômeno que, supostamente, ocorre na mente do analista, quando ele está na sala de análise, junto com seu analisando. Portanto, esta investigação, por mais teórica que seja, traz consigo elementos da clínica, uma vez que esse vocábulo intuição alude a uma experiência vivida a dois.

O fenômeno almejado para tentar se compreender e descrever, é a intuição do analista que, supostamente, acontece como consequência de um encontro: o encontro da dupla analítica. Esse fato mantém a investigação conceitual inseparável da investigação clínica. Esse elo se forma a partir do momento em que se inicia uma reflexão teórica sobre esse fato clínico. À medida que esse raciocínio de abstração prossegue, experiências emocionais vividas pela dupla analítica podem ser conectadas a uma teoria por meio de uma espécie de rede conceitual. Essa mistura subjetiva de elementos clínicos e teóricos, na constituição de uma expressão linguística, é apontada também por Ahumada e Doria-Medina (2004), no seguinte comentário: “linhas de indagação clínica, histórica e teórica entrelaçam-se configurando uma emaranhada matriz conceitual” (p. 325).

Partindo-se da experiência clínica do analista, para uma abstração teórica sobre esse fenômeno, pode-se focar o estudo em algumas particularidades sobre a expressão linguística intuição. Este vocábulo poderá, à medida que a investigação teórica prosseguir, caminhar em direção a uma descrição que possa representar com palavras, a ideia desse fenômeno, e assim aproximá-lo enquanto a descrição de um conceito. Mas também pode ser que, à medida que a investigação teórica avance, o fenômeno intuição fique cada vez mais distante da natureza de um conceito.

Independente do resultado final é importante refletir sobre que elementos formam um conceito, e assim também pensar qual a natureza dos conceitos de uma forma geral.

A partir da reflexão sobre essas características gerais dos conceitos, acredita-se preparar a mente do pesquisador para que ela veicule e transmita, de maneira mais fiel, o significado da expressão linguística que ele pretende investigar.

Falando hipoteticamente agora estritamente sobre a função de um conceito, é preciso

ressaltar que lidar com conceitos, com rigor científico, é tarefa árdua para os teóricos da psicanálise, devido a estarem navegando nas águas da subjetividade. O viés subjetivo aparece nas diferentes interpretações pessoais que os analistas expressam em relação a um mesmo fenômeno. Essas interpretações, muitas vezes, são divergentes e até mesmo contraditórias, dependendo do ponto de vista e da tradição psicanalítica que se adota.

Espera-se, que, com o cuidado de estudar as características peculiares dos conceitos, atingir o máximo de clareza dentro do que um objeto subjetivo permite se mostrar. E, se espera assim, com o presente estudo, contribuir para aliviar os desencontros que permeiam os diálogos psicanalíticos nessa área tão polêmica que é a intuição.

A importância da transmissibilidade de uma investigação teórico-conceitual também é observada por Ahumada e Doria-Medina (2004):

De modo semelhante, ao considerar a história de um conceito ou a estrutura de um conceito, devemos reconhecer que a compreensão de uma expressão linguística implica saber como essa expressão pode utilizar-se para conseguir alguma compreensão com alguém acerca de algo no mundo (p. 324).

Seguindo a trilha do estudo geral sobre a palavra conceito, é importante ter um exemplo de seu significado. Segundo Abbagnano (2012), um conceito é,

...em geral, todo o processo que possibilite a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis. Assim entendido, esse termo tem significado generalíssimo e pode incluir qualquer espécie de sinal ou procedimento semântico, seja qual for o objeto a que se refere, abstrato ou concreto, próximo ou distante, universal ou individual etc. (p. 194).

Com a citação acima, sobre o significado dos conceitos, pode-se cogitar que uma investigação psicanalítica teórica obtém êxito a partir do emprego bem sucedido dos conceitos, pois eles tem a função de catalogar e aglutinar vários objetos numa só palavra, promovendo, com isso, a transmissão do conhecimento por meio da linguagem, em especial a linguagem escrita. Diante da consideração do valor dos conceitos para o desenvolvimento de uma determinada teoria, Costa (2010) também conclui que:

Nessa perspectiva, a questão dos conceitos e suas definições são fundamentais, pois estes são criados em determinado campo do conhecimento com a função de descrever, categorizar e formular hipóteses acerca de fenômenos sobre os quais se pretende fornecer uma explicação, e nesse processo de construção proliferam significados para um mesmo termo, ou novos termos são criados com o mesmo significado (p. 37).

2.2 Os Conceitos Psicanalíticos

Os conceitos psicanalíticos podem contribuir para que se desenvolvam reflexões críticas sobre as vicissitudes do encontro analítico. Porém, em psicanálise, a tentativa de definir fatos imateriais, ou experiências emocionais, a partir de conceitos, é uma tarefa quase impossível. Diga-se impossível, pois, na prática clínica, o procedimento de colocar nome a uma experiência emocional é uma condição que pode saturar a mente, com respostas dogmáticas, bloqueando a capacidade de pensar tanto do pesquisador quanto do analisando. Essa capacidade é preconizada por Bion como mola propulsora para o crescimento mental, como evidenciado neste trecho do texto de Sapienza (2011):

Durante uma sessão de análise, Bion indaga à sua analista Melanie Klein o que vem a ser psicanálise? E se surpreende com a seguinte resposta: “psicanálise é uma palavra em busca de um significado; um pensamento esperando por um pensador; o conceito aguardando por um conteúdo” (Bion, 1977, p. 323). Poder-se-ia cogitar o quanto Klein se dirigiu ao analisando interessado em Epistemologia, dando-lhe suporte para nutrir vivo o diálogo analítico com expansão de aprendizado emocional para a dupla na sala de análise. Em diversas conferências e supervisões, Bion recomenda insistentemente ao psicanalista atenção ao uso da linguagem de modo a não assassinar as indagações do analisando, seja por formulações dogmáticas ou saturadas de excessos de saber e poder (p. 25).

2.3 Freud e os conceitos psicanalíticos

O trabalho de construção de conceitos em psicanálise se inicia com Freud (1905/2004), quando atendia às históricas, como o caso Dora, por exemplo. A partir desse e de outros casos, Freud foi descobrindo novos fenômenos clínicos e, então, tinha a tarefa de nomeá-los e catalogá-los, sempre com um compromisso de alinhar a teoria com a prática clínica. Ahumada e Doria-Medina (2004) comentam que:

Freud reformulou uma ou outra vez seu aparato conceitual em função dos achados clínicos, insistindo sempre em que a investigação de nossos conceitos deve manter-se em estreito contato com os fatos de seu campo de estudo – fundamentalmente com os descobrimentos clínicos (p.317).

A elaboração da teoria Freudiana partiu da atividade clínica. Porém, a consolidação de sua metapsicologia foi possível quando houve a nomeação de conceitos, como o inconsciente e o recalque, por exemplo. Alguns conceitos foram transmigrados de outras áreas do saber, como a mitologia. Freud teve um *insight* genial ao reconhecer que, numa aparente fantasia literária de um mito, habitava uma fonte de elementos simbólicos que permitiriam a

compreensão do inconsciente e do desenvolvimento psicosexual do ser humano.

Esses elementos, até então, estavam escondidos nos mitos de Édipo e de Narciso. Mas Freud os desvenda, trabalha neles, utilizando sua reflexão psicanalítica, transformando esses mitos nos conceitos metapsicológicos de Complexo de Édipo e de Narcisismo. No caso da psicanálise, além da dificuldade em nomear experiências emocionais, aparecem ainda mais complicações lingüísticas, devido aos fatores que seguem. Segundo Zolty (1988/1997), na psicanálise os conceitos apresentam dificuldades em exatidão, devido à multiplicidade de teorias e à falta de consenso entre os autores quando esses se referem à definição de um fenômeno. De acordo com a autora, “o desenvolvimento da psicanálise, a diversidade de correntes teóricas e a vulgarização do vocabulário psicanalítico tornaram impossível à determinação de um sentido unívoco para cada conceito” (Zolty, 1997, p. 9). Devido a esses fatores, tem-se um respaldo teórico para afirmar que a dificuldade na definição de um conceito não é só característica da palavra intuição, mas é uma dificuldade encontrada na psicanálise como um todo.

Zolty (1988/1997) comenta que os conceitos psicanalíticos, desde a época de Freud, vêm resistindo a definições claras e específicas. Segundo a autora, os termos freqüentemente estão carregados de múltiplos significados, muitas vezes até contraditórios, fato que levaria à necessidade de trabalhar em busca de maior exatidão nos termos utilizados, para que se possa, segundo ela, propagar a psicanálise de maneira mais fiel. Diante da ambigüidade na linguagem psicanalítica escrita, Zolty (1988/1997) propõe uma alternativa para lidar com a exatidão de um conceito:

O rigor não nos exige a supressão de todo e qualquer conceito ambíguo, mas exige que se encontre, dentre as diversas significações contextuais, a significação principal. Como, então, avaliar e escolher o sentido conceitual mais preciso? Alguns autores escolhem o sentido histórico, reconstruído segundo as grandes etapas da evolução de uma noção.(pp. 9-10).

Sobre os conceitos em psicanálise, há uma característica peculiar a eles que seria a flexibilidade de abertura dentro da sua estrutura, apontada por Ahumada e Doria-Medina (2004), que constatam que os conceitos psicanalíticos forjados por Freud são considerados como conceitos abertos, como se verifica no trecho a seguir: “Os conceitos científicos, e isso é notório no caso dos conceitos psicanalíticos, são conceitos abertos, que se modificam e redefinem em seus diferentes contextos de uso” (Ahumada,& Doria-Medina, 2004, p. 318). Esclarecem, com isso, que o trabalho na investigação de um conceito psicanalítico se faz por um processo cíclico em que, a cada giro dado em torno desse objeto abstrato, acrescentam-se novas reflexões e entendimentos sobre esse determinado assunto.

Essas alterações e ampliações nas qualidades de um conceito são possíveis, quando se trata de conceitos abertos, pois esses são flexíveis e podem ser esculpido com o tempo, à medida que são investigados. Os conceitos abertos diferem, segundo Almeida et al. (2003), dos conceitos fechados, uma vez que esses últimos não permitem alterações com o uso, devido ao fato de serem formados por caracteres rígidos que os descrevem.

É com a ideia de conceito aberto que se trabalhará nesta tentativa de esclarecer o que Bion quer dizer quando fala em intuição. Essa abertura é necessária, uma vez que a intuição, ao que parece, não é um fenômeno simples e objetivo de ser descrito.

3 O LIMITE DA LINGUAGEM

3.1 Os limites da Linguagem Escrita

Com relação a descrição do fenômeno da intuição psicanalítica, o obstáculo da linguagem é grande, devido à intuição referir-se a um fenômeno que está além da mente racional. Como afirma Ribeiro (2010):

Intuição é considerada como um conhecimento direto, imediato, sem necessidade de provas e raciocínios. É o nome dado ao processo de apreensão não-discursiva de um fenômeno ou de uma relação; é compreensão direta, imediata de algo. É uma verdade de ordem diversa daquelas que se atingem por meio da razão ou do conhecimento discursivo ou analítico, pois defende que a intuição é uma experiência direta da percepção que não passa pelo intermédio da razão. Com isso a intuição é considerada um evento que não pode ser compreendido, apenas utilizado. (p. 1).

Portanto, ao que se evidencia, a intuição é difícil de ser colocada em palavras. Ato esse que esbarra no limite da linguagem escrita. Na tentativa de encontrar a descrição desse fenômeno, traz de volta uma questão paradoxal. Como descrever racionalmente o fenômeno intuitivo, se esse alude a algo que está além da razão?

Nesse ponto, Sandler (1997) pontua que a “Intuição é algo que existe, mas não pode ser entendido, apenas percebido, observado, treinado e usado” (p. 59). Nessa visão de Sandler segue o paradoxo: Como estudar um assunto sem compreendê-lo?

Essa seria uma questão crucial, se esse fosse um estudo sobre o fenômeno da intuição em si. Mas no caso específico deste trabalho, o objetivo está circunscrito a encontrar uma descrição teórica sobre esse fenômeno, enquanto um conceito, ou não. Mesmo que a meta principal seja uma construção teórica, a respeito do tema, isso não exime a responsabilidade de reconhecer a importância dos limites da linguagem. A análise da linguagem e sua relação com os conceitos são comentadas por Coelho (2009):

Desse modo, analisar a linguagem é esclarecer a névoa criada pelo conceito de generalização que os teóricos impuseram a ela. É esclarecer, elucidar os casos particulares, tornando explícitos os mecanismos implícitos da linguagem. Afirmará, nesse contexto, que o significado de uma palavra é a sua utilização em um determinado contexto com um objetivo específico (p.03).

Essa proposição vai ao encontro do objetivo desta pesquisa, no sentido em que também se evitarão as névoas da generalização do fenômeno intuição, utilizando-o de maneira específica ao contexto psicanalítico, sob a regência teórico-harmônica de Bion.

3.2 Uma Proposta para Enfrentar os Limites da Linguagem

3.2.1 A linguagem poética e a psicanálise

A arte e a literatura, de acordo com Morais (2006), foram os precursores da obra freudiana, uma vez que a essência da psicanálise se fundamenta na literatura de Shakespeare e na tragédia de Sófocles, por exemplo, só para citar alguns. De acordo com a autora:

Se Freud sempre singrou mares em busca de um estatuto científico para a psicanálise, há de se convir que nunca tenha deixado de embebedar-se no porto seguro de suas fontes primárias, a arte. Em seu ensaio de 1909, “*O poeta e o fantasiar*” (4), ele pergunta-se em que fontes o poeta se embriaga para criar suas obras. (Morais, 2006, p. 4).

A interseção da poesia com a psicanálise se faz considerando que, descrever com palavras uma percepção intuitiva, necessitará do uso criativo de expressões lingüísticas, uma semelhança análoga à confecção de um poema. Na arte poética, muitas experiências emocionais podem ser transmitidas por meio das palavras, quando a caneta está nas mãos de um bom poeta. Uma única frase ou expressão, em alguns poemas, pode comunicar vivências que implicariam muito trabalho intelectual para serem descritas pela linguagem comum. A escrita poética e a escrita psicanalítica podem se beneficiar uma da outra, fato que é descrito na conexão teórica feita por Morais (2006):

Faço um cotejamento entre o texto poético e o texto psicanalítico, inspirada no dito freudiano de que o poeta fala, sem saber, aquilo que ele, Freud, chegará a concluir após muito estudo e reflexão. Crio algumas aproximações entre o trabalho do poeta e do psicanalista e realço a premissa de que tanto a psicanálise como a poesia procuram vestígios, buscam dar contornos ao indizível, ao objeto perdido desde sempre. (p.02).

O ofício do psicanalista, quando envolvido na produção de uma pesquisa teórica, também se parece com o do poeta, uma vez que, em ambas as situações, a criatividade e o mundo subjetivo estão entrelaçados por palavras. Dessa trama simbólica podem surgir novas realidades por meio dos meandros da linguagem metafórica. “Se aproximarmos o fazer psicanalítico e o poético, poderemos dizer que em ambos existe uma capacidade criadora capaz de instaurar novas realidades” (Morais, 2006, p.03).

Na tarefa de pesquisar, psicanaliticamente, a descrição de um fenômeno que aparentemente é inexprimível, a arte da escrita poética poderá fornecer ferramentas para colorir, com expressões mais vitalizadas, esse empreendimento teórico. Para concluir com uma pitada de psicanálise misturada com poesia, seguem-se as palavras de Morais (2006):

A psicanálise necessita da palavra poética para falar do inefável. Ao contrário, a arte é, em si, capaz de comover o humano desde os primórdios da civilização. *“E eis que, tendo Deus descansado no sétimo dia, os poetas continuaram a obra da Criação”* disse Mário Quintana no Caderno H. (Morais, 2006, p. 03, itálicos do autor).

4 AINTUIÇÃO E A RELAÇÃO COM ALGUNS FATOS INICIAIS DA PSICANÁLISE

4.1 Freud e a Intuição

No caminho de pesquisar os textos freudianos em busca de informações sobre a intuição, quase não se encontram citações diretas sobre esse fenômeno. Além da citação que aparece na “História do Movimento Psicanalítico” (Freud, 1914/1974), que será abordada mais adiante, são encontradas apenas três referências à palavra intuição, todas elas na conferência “A questão de uma *Weltanschauung*” (Freud, 1932/1976), assim como constatado por Piccini (1985) e Rosito (1995). Esse texto se refere a um auto questionamento de Freud sobre se a psicanálise é capaz ou não de oferecer uma visão de mundo que explique de modo satisfatório todos os fenômenos da vida. A palavra *Weltanschauung* é traduzida por concepção de mundo ou visão do universo. É uma expressão típica da língua alemã, comentada pelo próprio Freud como sendo de difícil tradução. Por isso, Freud (1932/1976) define a *Weltanschauung* da seguinte maneira:

... uma construção intelectual que soluciona todos os problemas da nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo que nos interessa encontra seu lugar fixo (p.193).

Freud (1932/1976) comenta que esse tipo de cosmo visão é um ideal humano, e que, a partir desse ideal, o ser humano tenta adquirir alívio, segurança em relação às angústias e às incertezas da vida. Logo, conclui que uma *Weltanschauung* desse tipo não pode ser dada pela psicanálise. A psicanálise, no que se refere a ser uma psicologia do inconsciente, não pode dar esse tipo de resposta completa e tranquilizadora sobre as angústias da vida. De acordo com Freud (1932/1976), devido à psicanálise não dar conta de satisfazer todos os questionamentos humanos, ela tem que aceitar a visão de mundo da ciência. Nas palavras de Freud (1932/1976): “A psicanálise é praticamente incapaz de construir por si mesma uma *Weltanschauung*: tem de aceitar uma *Weltanschauung* científica” (p.192).

Essa *Weltanschauung* científica refuta todo tipo de conhecimento que seja relegado ao ocultismo e à religião. Nessa cosmo visão assim considerada por Freud, a intuição é vista como sinônimo de adivinhação. Portanto, é rejeitada como sendo um conhecimento válido. Esse fato é demonstrado na passagem do texto de Freud (1932/1976) em que descreve que esse tipo de *Weltanschauung* científica contém as seguintes particularidades:

... afirma que não há outras fontes de conhecimento do universo além da elaboração intelectual de observações cuidadosamente escolhidas, em outras palavras, o que podemos chamar de pesquisa, e a par disso, que não existe nenhuma forma de conhecimento derivada da revelação, da intuição ou da adivinhação(p.194).

A citação seguinte de intuição aparece no mesmo texto, novamente igualada à adivinhação, com o significado de ilusão e realização de desejos. Assim segue: “A intuição e a adivinhação seriam as mesmas, se existissem; porém, seguramente, podem ser tidas na conta de ilusões, e de realização de impulsos plenos de desejo” (Freud, 1932/1976, p.195). Mais adiante, pela terceira e última vez, Freud cita a intuição ao se referir à filosofia. Comenta que o pensamento filosófico difere do da psicanálise no que tange a uma *Weltanschauung* científica, no quesito que:

A filosofia não se opõe à ciência, comporta-se como uma ciência e, em parte, trabalha com os mesmos métodos; diverge, porém, da ciência, apegando-se à ilusão de ser capaz de apresentar um quadro do universo que seja sem falhas e coerente, embora tal quadro esteja fadado a ruir ante a cada novo avanço em nosso conhecimento. Perde o rumo ao super estimar o valor epistemológico de nossas operações lógicas e ao aceitar outras fontes de conhecimento, como a intuição. (Freud, 1935/1976, p.196).

O contexto descrito em “A questão de uma *Weltanschauung*” (Freud, 1932/1976) fornece elementos para entender que o autor estava querendo assegurar a pureza da psicanálise enquanto uma nova disciplina da ciência. Àquela época, a ciência que predominava era a positivista, somente validada mediante provas e demonstrações objetivas. Outro motivo do rigor freudiano era que pairavam sobre os fenômenos psicológicos, de um modo geral, acusações de que eles forneciam explicações místicas sobre a mente. E esse era um obstáculo que a psicanálise tinha que superar, uma vez que essa ciência lida com conteúdos inconscientes que, por natureza, são ocultos e subjetivos. Freud, portanto, tinha a tarefa de defender a psicanálise do que vinha sendo descrito pelo ocultismo, por meio de explicações sobrenaturais sobre os fenômenos psíquicos. Diante desse panorama, Freud estava refutando qualquer coisa que se referisse ao misticismo e à adivinhação, incluindo aqui a intuição como parte de uma visão mística da vida.

Mais adiante, ver-se-á como Freud supostamente se utilizou da intuição para alcançar descobertas centrais da psicanálise, como é o caso, por exemplo, da teoria da repressão e da técnica de associação livre. Também se observará que Freud vai se referir de maneira bem diferente quanto à intuição, desta vez como algo positivo e valioso para as descobertas científicas que desenvolveu. Essa nova concepção do termo intuição aparece no texto de Freud (1912/1974) “História do Movimento Psicanalítico”.

4.2 A Intuição e o processo de troca da hipnose pela associação livre

A partir deste momento, inicia uma discussão de como a intuição possa ter sido utilizada por Freud nas vicissitudes do desenvolvimento da psicanálise. No texto “A História do Movimento Psicanalítico”, Freud (1914/1974) descreve como criou a psicanálise a partir do método catártico de Breuer. Nesse trabalho, Freud afirma que a psicanálise surgiu quando ele abandonou a técnica hipnótica e a substituiu pelo método da associação livre.

A questão que se levanta é a seguinte: que procedimentos, recursos mentais, Freud utilizou para concluir que seria melhor substituir a hipnose pela associação livre? Ao se referir à troca de uma técnica por outra, Freud faz um comentário assumindo que o fez seguindo um vago pressentimento, ou por uma obscura intuição.

O termo vago pressentimento consta como obscura intuição, ou “*oscuraintuición*” (Freud, 1981, p. 1902) na tradução espanhola. Na tradução argentina, aparece como obscuro pressentimento, ou “*oscuro presentemente*” (Freud, 2003, p.18). Então, pode-se cogitar que a psicanálise tenha surgido após Freud ter seguido uma obscura intuição, que o fez abandonar a hipnose pela livre associação. Freud também parece referir-se à intuição quando reconhece que chegou ao entendimento dos sonhos como uma fonte de conhecimento sobre o inconsciente. Nesse recorte de texto, Freud (1914/1974) relata que chegou ao conhecimento sobre os sonhos a partir de uma constatação direta, sem a influência de nenhum conhecimento prévio. Nesse episódio, seguem-se as palavras de Freud:

Pouco preciso dizer sobre a interpretação dos sonhos. Surgiu como os prenúncios da inovação técnica que eu adotara quando, após um vago pressentimento, resolvi substituir a hipnose pela livre associação. Minha busca de conhecimentos não se dirigira, de início, para a compreensão dos sonhos. Não sei de nenhuma influência externa que tivesse atraído meu interesse para esse assunto ou que me tivesse inspirado qualquer expectativa valiosa. (1914/1974, p.29).

Esse é, então, um exemplo de como a intuição, sendo seu significado ainda uma incógnita, ajudou Freud na construção da teoria psicanalítica, tanto da interpretação dos sonhos quanto do método da associação livre. Seguindo o caminho das origens da psicanálise, Freud, ao observar os sintomas das pacientes histéricas, como no caso Dora, por exemplo, desvenda sua teoria sobre o funcionamento da repressão. Ele o faz aparentemente, como se verá adiante, de maneira intuitiva. Freud alude a essa teoria, reconhecendo-a como a espinha dorsal da psicanálise: “A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (Freud, 1914/1974, p.26). E nessa descoberta faz os mesmos apontamentos de causas e efeitos que o levaram a chegar ao método da associação livre: “A

teoria da repressão, sem dúvida alguma, ocorreu-me independente de qualquer outra fonte; não sei de nenhuma impressão externa que me pudesse tê-la sugerido” (Freud, 1914/1974, p.25).

Porém, mais adiante reconhece o fator experiência no desenvolvimento de suas descobertas, na seguinte afirmação: “... a teoria da repressão é um produto do trabalho psicanalítico, uma inferência teórica legitimamente extraída de inúmeras observações”(Freud,1914/1974,p. 27). O reconhecimento da experiência no desenvolvimento da intuição é um fator muito importante que será tratado mais adiante, no capítulo sobre a intuição especificamente.

Freud (1914/1974) achava que sua descoberta sobre a teoria da repressão era algo original sobre o assunto, mas depois descobre, através da ajuda de Otto Rank, uma passagem na obra de Schopenhauer, na qual esse filósofo faz uma tentativa de dar uma explicação sobre a loucura. Ao ler essa passagem de Schopenhauer, Freud (1974) a reconhece como muito semelhante à sua teoria da repressão:

O que ele diz sobre a luta contra a aceitação da parte dolorosa da realidade coincide tão exatamente com meu conceito de repressão que, mais uma vez, devo a chance de fazer uma descoberta ao fato de não ser uma pessoa muito lida (p.25).

A partir desse fato, Freud, na seqüência do texto, começa a fazer um reconhecimento aos méritos dos filósofos, e faz, então, uma menção direta à palavra intuição, atribuindo-lhe características positivas e de grande utilidade no processo do conhecimento. Atribui a ela (intuição) os créditos de ajudar os filósofos a descobrirem um tipo de conhecimento que ele e a psicanálise só conseguiriam adquirir após grande esforço. Reconhece o valor do uso da intuição no seguinte trecho: “Tive, portanto, de me preparar e com satisfação para renunciar a qualquer pretensão de prioridade nos muitos casos em que a investigação psicanalítica laboriosa pode apenas confirmar as verdades que o filósofo reconheceu por intuição” (Freud, 1914/1974,p.26).

Rosito (1995) considera que Freud foi um homem de grande intuição ao desvendar os mistérios do inconsciente e ao criar a técnica psicanalítica. Com frequência deu ênfase ao desenvolvimento das habilidades intuitivas dos analistas, mesmo sem se referir diretamente à palavra intuição, como comenta Rosito (1995):

Freud foi um grande intuitivo e provou sê-lo descobrindo verdades incontestáveis, criando um método científico de investigação e tratamento da mente humana. Além disso, quanto à prática da psicanálise, sempre aconselhou um tipo de postura que favorecesse os dotes intuitivos da pessoa do analista, expressa na regra da atenção flutuante, na necessidade de análise didática e nos avisos para os perigos da recordação voluntária. (p.233).

A partir das explicações sobre a motivação que conduziu Freud às descobertas dos pilares da psicanálise, como a teoria da repressão, os sonhos e a associação livre, é possível levantar a hipótese de que a psicanálise surgiu graças às influências da intuição e, com já dito, sendo algo ainda a espera de um conteúdo descritivo-explicativo.

4.3 Freud, Bion e a Intuição

O objetivo central deste trabalho é a investigação do fenômeno de intuição e a consequente tentativa de descrever enquanto um conceito na obra de Bion. Portanto, é importante saber quais fontes psicanalíticas Bion consultou para extrair suas idéias sobre esse fenômeno. Nessa direção, Grotstein (2010) descreve um fato que aconteceu com ele após o final de uma sessão de análise com Bion:

Uma vez, após uma sessão analítica minha, Bion incomumente para ele, foi até sua estante de livros, retirou uma edição alemã da correspondência de Freud a Lou Andreas-Salomé e leu para mim, traduzindo. Logo após, transcrevi: “Ao conduzir uma análise, é preciso emitir um fecho de intensa escuridão de modo que algo que até então tenha estado obscurecido pelo resplendor da iluminação possa brilhar ainda mais na escuridão”. Vim a compreender que foi esta declaração que viria a tornar-se o fio de Ariadne que percorreria o pensamento tardio de Bion. É o que certamente queria dizer com sua agora famosa advertência ao analista de abandonar memória e desejo ao conduzir uma análise, de modo a ter fé na resposta criativa de seu próprio inconsciente. (Grotstein, 2010, p.15).

Diante desse acontecimento, e também por essa carta ser muito comentada por autores contemporâneos, considera-se importante trazer o trecho dessa citação na íntegra para ilustrar melhor esta pesquisa. Sendo assim, segue a correspondência de Freud a Lou Andreas-Salomé (Freud, 1972):

Sei que ao escrever tenho de cegar-me artificialmente a fim de focalizar a luz sobre um ponto escuro, renunciando à coesão, à harmonia, à retórica e a tudo que a senhora chama de simbólico, temendo como temo a experiência de que qualquer pretensão ou esperança nesse sentido implique o perigo de distorcer a matéria sob investigação, ainda que pudesse embelezá-la (p.65).

Bion (1970/2007) interpreta à sua maneira essa correspondência e desenvolve, a partir dela, uma técnica psicanalítica em que preconiza que o analista deve evitar a utilização da memória, do desejo de cura e da ânsia por compreensão intelectual baseada nos sentidos físicos, para que, com disciplina a essa regra, o analista, em sua atividade clínica, possa deixar sua mente disponível para a intuição. A carta de Freud a Lou Andreas-Salomé é assim concebida por Bion (2007):

Em carta a Lou Andreas-Salomé, Freud sugeriu um método para alcançar um estado de mente cujas vantagens compensassem a obscuridade, no caso do objeto investigado ser particularmente obscuro. Freud fala de cegar-se artificialmente. Assinalei a importância da abstinência de memória e desejo como um método para conseguir essa cegueira artificial. Para continuar e estender o processo, incluo como propriedades de que devemos nos abster: o entendimento e a percepção sensorial. (p.57).

Essa passagem é tão significativa para a psicanálise bioniana que deu nome ao livro de Grotstein sobre Bion, chamado de “Um Facho de Intensa Escuridão: O Legado de Wilfred Bion à Psicanálise ”(Grotstein, 2010).

Mediante essa correspondência, aparece a fonte freudiana a partir da qual Bion desenvolveu sua abordagem em relação à sua técnica psicanalítica sobre o uso da intuição. A expressão de Freud (1972) de “cegar-se artificialmente, a fim de focalizar a luz sobre um ponto escuro”(p.65) parece aludir ao uso da intuição como ferramenta para perceber coisas sutis, nas sessões, que não são visíveis pela percepção grosseira da visão comum.

4.4A Intuição, a Memória e o Desejo em Bion e Freud

Eis meu segredo. É muito simples: Só se vê bem com coração. O essencial é invisível para os olhos. (Saint-Exupery,2009,p.74)

Nesta parte do trabalho, será realizada uma aproximação entre a teoria de Bion e a de Freud, no ponto em que esses dois autores fazem recomendações técnicas muito semelhantes, que sugerem indiretamente a utilização da intuição como ferramenta de trabalho analítico. Demonstra-se, sob o ponto de vista particular deste pesquisador, como a ideia de incentivar o analista a trabalhar livre das forças da memória e do desejo aparece como pano de fundo nas recomendações sobre a técnica analítica, tanto na obra de Freud quanto na de Bion.

Bion (1967/1990) explica que a memória não tem muita confiabilidade devido a ser confabulada e transformada pela ação de várias forças inconscientes. Já o desejo, ele interfere na observação dos fatos, pois inclina a mente a selecionar fatos de seu interesse assim como a rejeitar idéias ou fatos que não são bem vindos devido a seu julgamento aversivo prévio.

Essas influências e distorções na observação da realidade podem ser observadas, como um exemplo ilustrativo, nos campeonatos de futebol, como em um jogo de uma copa do mundo, por exemplo. Nessa a escolha do juiz que apitará a decisão do campeonato, não poderá ele ser do mesmo país que a seleção que joga, pois esse, se assim for, não terá sua capacidade de julgar neutra para que possa apitar livremente a partida, em momentos decisivos, como observar se uma jogada foi gol ou não, impedimento ou não, etc. Esse fato,

influência do desejo do juiz sobre o fato observado, é tão óbvia que não precisa explicações complexas para se constatar o motivo pelo qual o juiz escolhido nunca é da mesma nacionalidade que os dois times envolvidos na partida. Pois, como exemplo, se for brasileiro e apitar um jogo do Brasil, ele sutilmente, e até mesmo inconscientemente, estará influenciado por forças do desejo em defender sua própria nação.

Bion leva essa ideia de evitar a memória e o desejo, a sério. Para tanto, faz uma recomendação clara aos analistas praticantes, para que criem uma disciplina constante de evitar as distorções e empecilhos que esses dois fatores causam nas observações das associações livres dos pacientes. O próprio Bion (1967/1970) assim então diz:

Obedeça as seguintes regras:

1-Memória: Não se recorde de sessões passadas. Quanto maior o impulso de recordar o que foi dito ou feito, maior a necessidade de resistir a ele. Este impulso pode se apresentar como um desejo de recordar algo que aconteceu, porque este acontecimento parece ter precipitado uma crise emocional: a nenhuma crise deve ser permitido quebrar essa regra. Não se deve permitir que os supostos acontecimentos ocupem a mente. De outro modo, a evolução da sessão não será observada na única ocasião em que pode ser de fato observada, enquanto está ocorrendo.

2- Desejos: o psicanalista pode começar por evitar quaisquer desejos de aproximação do final da sessão(ou da semana, ou do semestre).Não se deve permitir que desejos de resultados, de cura ou mesmo de compreensão proliferem.(p. 31).

Com essas constatações Bion deixa claro que sua abordagem psicanalítica é diretamente ligada ao valor do momento presente. É nesse tempo, e somente nesse agora, que se pode analisar de fato uma sessão. Como o instante presente está incessantemente acontecendo, ele é desconhecido; por esse motivo Bion sugere que o analista utilize de sua intuição para apreender essa realidade psíquica que se apresenta no devir de cada instante.

O analista com a mente presa às lembranças do passado, ou preocupado com os fatos que irão ocorrer no futuro, não poderá observar e escutar o que o paciente lhe diz na vigência da sessão. Assim, se não abster-se da memória e do desejo em sua prática clínica, o analista poderá fazer a análise sobre a areia movediça de uma ilusão. Uma vez que o passado não existe mais, pois já passou, e o futuro também não existe, uma vez que ele ainda não chegou. Em suas palavras Bion (1967/1990) adverte que

Toda sessão que o analista toma parte não deve ter nem história nem futuro. O que se “conhece” sobre o paciente não tem menor importância: é falso ou irrelevante. ...O único elemento de importância em qualquer sessão é o desconhecido. Não se deve permitir o que quer que seja que distraia de intuí-lo. (p.31).

Pode ser observada acima, a ênfase que Bion preconiza à intuição como uma ferramenta de apreensão do desconhecido, aconselhando que nada desvie a atenção intuitiva do analista desse desconhecido.

Em relação a suas recomendações aos analistas de evitarem a memória e desejo nas sessões, Bion vai adiante, no que acredita, fazendo um aconselhamento para a vida do analista que queira viver mais na verdade do momento presente. Desta forma, recomenda que essas atitudes acompanhem o analista em toda a sua vida cotidiana e não somente nas sessões, com pode ser visto nas palavras de Bion (1967/1990): “Essas regras devem ser obedecidas o tempo todo, e não apenas durante as sessões. A seu tempo o analista tornar-se-á mais consciente da pressão de lembranças e desejos, e mais habilitado a abster-se deles”.(p.31).

Sobre esclarecer o caminho que Bion trilhou até chegar à conclusão de que suprimir a influência da memória e do desejo traria vantagens ao analista, e conseqüentemente ao desenvolvimento da prática da psicanálise, ele responde a uma pergunta feita pela platéia em suas “Conferências Brasileiras” (Bion, 1973/1975), explicando nessas, suas reflexões racionais sobre a importância dessas recomendações na seguinte transcrição do diálogo com a platéia.

P: Como o senhor chegou a compreender as vantagens da supressão da memória e desejo durante a sessão analítica?

B: Achei que poderia experimentar um lampejo do óbvio. Em geral, se está tão ocupado em olhar para algo fora do comum, agente ignora o óbvio como se ele não tivesse a menor importância. Exatamente uma das razões para pensar que chegou o momento de dar uma interpretação é quando alguém não viu o óbvio. Com relação à memória e o desejo: o senhor pode, por exemplo, sentir que gostaria de estar em casa. Se a idéia se torna mais e mais possessiva, o senhor então pensa: “como seria maravilhoso que eu estivesse em casa”! Se usa o seu tempo pensando nisso, torna-se muito difícil prestar a atenção ao que está acontecendo no presente. Pois a percepção da experiência imediata torna-se opaca. Do mesmo modo, se você pensa, não nostalgicamente no passado, mas, no que é a mesma coisa, no futuro, “como vai ser bom quando eu tiver crescido”, ou “quando eu estiver qualificado”, é difícil voltar-se para o momento presente, que não é nem o passado nem o futuro. Mesmo a nostalgia e a antecipação têm que ser trazidas para o presente; é no presente que temos aqueles desejos, e no presente temos aquelas lembranças, e no presente vivemos. Assim, enquanto estamos pensando no passado e no futuro, estamos cegos e surdos para o que está se desenvolvendo no momento presente. Acho que Freud tinha algo dessa natureza em mente quando se referiu a atenção flutuante. Se o senhor está cansado e tenta prestar a atenção ao que o paciente diz, então o senhor não ouve o que ele diz. As coisas parecem opacas. Há muito para dizer quanto a idéia de Freud de que nossos pacientes sofrem de recordações. Recordações que eles têm, que não conseguem formular, ou que requerem análise para alcançar sua formulação. Sofremos de recordações de que estamos conscientes ou inconscientes; isso, de novo, suscita a pergunta: que modificações de nossas idéias a respeito do inconsciente se fazem necessárias? Como de costume, não há perguntas em análise que tenham sido respondidas. Elas estão apenas respondidas até o instante em que voltamos a elas na próxima semana, no próximo mês, ou daqui a duzentos anos. (Bion, 1973/1975, p.131-133).

Após essa explanação da visão de Bion sobre a prática da psicanálise, questiona se as suas origens para que não se apodere, ele, o autor, de algo que já foi dito em períodos anteriores no caso, pelo seu antecessor Sigmund Freud .Neste caso, pode se observar que

Bion, ao fazer as recomendações ao analista para captar intuitivamente o desconhecido presente, tem suas origens correlacionadas com as recomendações técnicas muito semelhantes de Freud, no texto “Recomendações Técnicas aos Médicos que Exercem a Psicanálise”(Freud, 1912/1969).

Pode-se pensar que Freud (1912/1969) também estivesse se referindo a evitar a influência da memória e do desejo no trabalho de escuta analítica, especificamente quando se refere a como o analista deve manter sua atenção suspensa durante a sessão. Essa sugestão aparece no trecho em que Freud comenta que a mente do psicanalista deve ter sua atenção uniformemente suspensa, sem se fixar a algo específico, pois a fixação arbitrária da atenção em um ponto, necessariamente exclui a possibilidade de enxergar outro, de igual importância. Nas palavras Freud (1912/1969):

A técnica, contudo, é muito simples. Como se verá ela rejeita o emprego de qualquer expediente especial (mesmo o de tomar notas). Consiste em não dirigir o reparo para algo específico e manter a mesma atenção uniformemente suspensa, em face de tudo o que se escuta....Pois assim que alguém deliberadamente concentra bastante atenção, começa a selecionar o material que lhe é apresentado; um ponto fixar-se-á em sua mente com clareza particular e algum outro será, correspondentemente, negligenciado, e ao fazer essa seleção, estará seguindo suas expectativas ou inclinações. Isto, contudo, é exatamente o que não deve ser feito. Ao efetuar a seleção, se seguir suas expectativas, estará arriscado a nunca descobrir nada além do que já se sabe, e seguir as inclinações certamente falsificará o que possa perceber. Não se deve esquecer de que o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é entendido posteriormente. ... regra para o médico deve ser assim expressa: Ele deve conter todas as influências conscientes da sua capacidade de prestar atenção, e abandonar-se inteiramente à memória inconsciente. Ou, para dizê-lo puramente em termos técnicos: Ele deve simplesmente escutar e não se preocupar se está se lembrando de alguma coisa. (Freud, 1912/1969, pp.149-150).

Essas recomendações deixam implícitas duas concepções bionianas: A primeira é a recomendação técnica de trabalhar sem memória e sem desejo, para melhor captar a realidade psíquica, pela intuição. A segunda se refere ao fato de Bion considerar o desconhecido como o fator mais importante em uma análise. Freud também diz implicitamente sobre a memória, sobre o desejo e sobre a importância do desconhecido, quando alerta que se o analista seguir suas expectativas e inclinações (desejos) estará sujeito a não descobrir nada além do que já se sabe, e que o real significado de algo que se escuta somente será descoberto posteriormente. Pela ausência do uso da memória e do desejo, ou seja, pela mente do analista não estar presa nem ao passado nem ao futuro, ela estaria disponível para apreensão da realidade psíquica por meio da intuição do momento presente.

Nesse texto, Freud recomenda que o analista mantenha a sua atenção uniformemente suspensa ou livremente flutuante. A esse livremente flutuante, pode-se cogitar a atenção funcionando livre das forças das tentativas de recordar (memória) e do desejo de cura ou de

compreensão intelectual. Então, a atenção, à medida que o paciente fala, segue flutuando até que surja algum material que o analista sinta, ache, pense, pressinta, perceba, ou seja, intua que seja de valor para ser investigado. Assim, o analista, ao seguir a sua intuição, traz à superfície esse assunto, levando-o à baila por meio de uma interpretação. Diga-se intui, pois o analista tem que escolher arbitrariamente um assunto, dentre vários que o analisando fala, para intervir. Ele terá que fazê-lo seguindo algum tipo de sinal, ou seja, a sua intuição, pois estará diante do desconhecido.

No trecho final da citação acima, aparece a instrução para o analista abandonar-se à sua memória inconsciente. Essa seria uma possível alusão indireta de Freud à utilização da intuição, da seguinte maneira: por uma aproximação pessoal, compara-se analogamente abandonar-se à memória inconsciente a abandonar-se ao funcionamento intuitivo.

No mesmo texto de Freud (1912/1969), há uma passagem que também confirma a idéia de Bion sobre evitar o desejo de cura pelo analista:

Casos que são dedicados, desde o princípio, a propósitos científicos, e assim tratados, sofrem em seu resultado, enquanto os casos mais bem sucedidos são aqueles em que se avança, por assim dizer, sem qualquer intuito em vista, em que se permite ser tomado de surpresa por qualquer nova reviravolta neles, e sempre se os enfrenta com liberalidade, sem quaisquer pressuposições (p.153).

Ainda no mesmo texto, Freud emite mais uma recomendação no sentido de a ambição terapêutica, ou desejo de cura, ser um obstáculo ao trabalho analítico. Essa recomendação pode também ter influenciado Bion na construção de sua teoria sobre a técnica analítica de abandonar a memória e o desejo. Mais adiante, no mesmo texto, Freud recomenda:

Nas condições atuais, o sentimento mais perigoso para um psicanalista é a ambição terapêutica de alcançar, mediante esse método novo e muito discutido, algo que produza efeito convincente sobre outras pessoas. Isto não só o colocará num estado de espírito desfavorável para o trabalho, mas torná-lo-á impotente contra certas resistências do paciente, cujo estabelecimento, como sabemos, depende primordialmente da ação recíproca de forças nele. (Freud, 1912/1969, p.153).

Finalmente, Freud (1912/1969) parece descrever simbolicamente o uso da intuição psicanalítica como um funcionamento entre os inconscientes da dupla analítica. Nesse texto, ele faz uma analogia do trabalho inconsciente da mente do analista com uma antena receptora direcionada para a mente inconsciente do paciente como órgão transmissor. Esses dois inconscientes, de acordo com a suposição do presente pesquisador, se comunicariam entre eles utilizando-se da intuição, como será demonstrado pela citação do trecho da recomendação freudiana mais adiante.

Freud alerta para o fato de que todas as regras analíticas devem convergir para que seja

criada uma contrapartida à regra fundamental da psicanálise, que é a associação livre. Essa contrapartida seria o analista colocar-se em posição de utilizar todo o material que lhe é apresentado pelo paciente, a fim de interpretar o conteúdo oculto inconsciente. Para tanto, Freud (1912/1969) descreve como deveria ser a atitude do analista:

...Ele deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor. Assim como o receptor transforma de novo em ondas sonoras as oscilações elétricas na linha telefônica, que foram criadas por ondas sonoras, da mesma maneira o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente que determinou as associações livres do paciente. (p.154).

Essa seria uma possível descrição detalhada da utilização da intuição como uma ferramenta de trabalho do analista. Freud descreve como ,supostamente, seria uma comunicação inconsciente durante uma análise. Embora seja tarefa extremamente difícil colocar em palavras o que ocorre entre os inconscientes da dupla analítica, Freud o conseguiu valendo-se da metáfora da comunicação telefônica, como uma espécie de telegrama inconsciente. Essa seria talvez uma possibilidade de se entender como se daria o funcionamento da intuição psicanalítica, num viés freudiano.

Em conclusão, pode-se levantar a hipótese de que Freud estivesse falando de uma comunicação intuitiva, ou seja, de intuição, quando fez as recomendações técnicas acima destacadas, aos médicos (analistas) que exercem a psicanálise.

5 AS IMAGENS INTUITIVAS DE WALTER TRINCA E A RECOMENDAÇÃO TÉCNICA DE FREUD

5.1 Introdução

Nesse capítulo será realizada uma exploração teórica sobre o fenômeno da intuição psicanalítica, investigando-a através do conceito de imagens intuitivas de Walter Trinca (1987). Para dar fundamento psicanalítico consistente, buscar-se-á qual a relação que esse fenômeno, descrito por Trinca (1987), apresenta em relação à teoria freudiana.

Partindo da pressuposição de que há uma grande semelhança teórica, entre o texto “Notas sobre imagens intuitivas” (Trinca, 1987) com o texto “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” (Freud, 1912/1969), em específico a recomendação onde Freud sugere que o analista use seu inconsciente como um receptor telefônico para captar as mensagens inconscientes do paciente. Procurar-se-á demonstrar como esses dois textos, conectam-se numa trama de redes conceituais, na tentativa comum aos dois autores, em tentar descrever como se processa a comunicação entre os inconscientes da dupla, durante o encontro analítico.

Também se utilizará, como um exemplo ilustrativo de uma imagem intuitiva, um fragmento de uma sessão descrita por D. W. Winnicott (1971/1975). Certamente que o que se faz aqui é uma apropriação da descrição winnicottiana, utilizando-a especulativamente pela perspectiva de outro autor, com o intuito de ilustrar como seria na prática clínica a ocorrência de uma imagem intuitiva. Trata-se aqui de um exercício psicanalítico, na tentativa de discutir sobre o fenômeno clínico das imagens intuitivas, ou, em outras palavras, sobre a intuição, sem necessariamente criar novos termos.

5.2 Os Aspectos Não Verbais Como Via de Acesso à Intuição

Em seu texto “Notas sobre imagens intuitivas”, Trinca (1987) refere-se à intuição psicanalítica como sendo um fenômeno que pode ser abordado por duas vias de acesso. A primeira delas é pela observação da linguagem não verbal (linguagem corporal) do paciente, e, a segunda, através da análise e interpretação do surgimento de imagens espontâneas que surgem à mente do analista. Ambos os fenômenos são identificados na vigência de uma sessão analítica; ou seja, numa experiência vivida a dois.

Analisando a primeira via, Trinca (1987) considera possível captar conteúdos psíquicos não verbalizados durante as sessões, desde que o analista esteja atento a algumas expressões sutis, emitidas através da linguagem corporal do paciente. Portanto, é de suma importância esse tipo de comunicação para o estudo dos fenômenos das percepções intuitivas.

A partir desse reconhecimento, parte-se agora para uma investigação da intuição relativa à comunicação de fatos não verbais. Esse tipo de observação, além de ser recomendada por Trinca (1987), também é defendida por Cassorla (1991), quando ele delimita a área de estudo sobre a intuição: “... proponho-me aqui a trabalhar com o conceito de intuição, mas de uma forma particular, em que ele pode ser produtivo no desvelar a comunicação não verbal entre os elementos da dupla analítica” (p. 517).

Diante da comunicação não verbal, o analista pode aumentar suas chances para perceber, portanto, intuir o que não é dito em palavras. Ou seja, a atenção do analista pode captar o que um paciente transmite quando este deixa escapar mensagens através das expressões do seu corpo, expressando seus conteúdos psíquicos inconscientes. Na sutileza dessa observação da linguagem não verbal, toma-se como exemplo de contemplação a velocidade da fala, a tonalidade de voz, a respiração, os movimentos corporais na poltrona e as expressões faciais, por exemplo. Toda comunicação que se irradia pela presença do paciente deve ser considerada. Esses pequenos detalhes demonstram haver conteúdos mentais sutis, que podem ser intuídos de alguma maneira. Para isso, é necessário que o analista tenha uma observação minuciosa da atmosfera da sessão. Trinca (1987) chama esses conteúdos sutis, transmitidos pelos pacientes de: “Infinitésimos da sessão analítica” (p. 168), descrevendo-os da seguinte maneira:

Esta comunicação opera-se de várias maneiras: pela linguagem do corpo, especialmente do rosto, dos olhos, pelas entonações e modulações das palavras e frases, pelas entrelinhas da conversação, pelas para praxias, por formas ainda desconhecidas, etc. Em que pigmentos quase imperceptíveis revelam o embate de imensas forças que se revolvem, telúricas, no fundo das pessoas e das quais elas próprias, muitas vezes, não se dão conta. (Trinca, 1987, p.168).

A observação desses conteúdos denominados, como acima indicado, de infinitésimos da sessão analítica, é muito necessária na prática clínica, principalmente diante do atendimento de pacientes que são muito retraídos e pouco comunicativos, que apresentam pouca capacidade de simbolizar, são silenciosos, inibidos, em função de predominar na sua personalidade aspectos de introversão e timidez. Esse tipo de paciente mantém-se emocionalmente distante do contato analítico, muitas vezes tornando-se inacessíveis às interpretações do analista. Joseph (1990) os denomina como “o paciente de difícil acesso”

(p.62) Esse tipo cliente, segundo a autora:

É muito difícil atingi-los com interpretações e, portanto, oferecer-lhes compreensão emocional verdadeira. ... acredito que podemos observar, no tratamento de tais casos, uma cisão dentro da personalidade, de tal forma que uma parte do ego é mantida a distância do analista e do trabalho analítico.... Uma parte do ego mantém-se a parte, como que observando tudo que se passa entre o analista e a outra parte do paciente, e destrutivamente impedindo que se faça um contato verdadeiro, utilizando-se para tanto de vários métodos de evitação e evasão. (p.62).

No caso desses pacientes, sua inibição em se expressar deixa a sessão com imensos períodos de silêncio, podendo se tornar ameaçadora para o desenvolvimento e manutenção do vínculo analítico, sob o risco de interrupção do tratamento. Tal condição impulsiona o analista a tomar a iniciativa de iniciar os diálogos nas sessões, fugindo um pouco à regra de deixar as coisas acontecerem naturalmente, através da associação livre, uma vez que se deixar livremente o paciente para associar, os dois participantes são inundados pela angústia, por experimentarem uma grande atmosfera de silêncio e quietude, onde os ambos permanecem na sala, sem falar nada. Nessa situação, o paciente pode experimentar um sentimento de abandono, devido a estar muito angustiado por suas inibições e seus sintomas, observando o analista em sua frente, sem nada fazer.

As interpretações feitas a esse tipo de paciente, em muitos casos, não alteram seu estado de permanência distante, retraído no silêncio; situação que incita o analista a agir para salvar a sessão, tendo uma conduta mais pró-ativa, na tentativa de acessar o paciente. Esse tipo de comportamento dos pacientes de difícil acesso, que inconscientemente convidam o analista a agir, é bem descrito por Joseph (1990):

Ele não parece estar ativamente não-cooperativo, mas apenas passivo, sem qualquer possibilidade de ser ajudado. Frequentemente temos a impressão, em seguida a uma interpretação, de que tudo ficou morto e achatado e que, ao mesmo tempo, nada acontecerá, a menos que digamos alguma coisa. Isto é frequentemente verdade. O paciente permanece quieto ou manifesta-se em seguida com um comentário muito superficial. Então vamos tendo lentamente a sensação de uma tensão frequente, como se o analista tivesse que fazer ou dizer alguma coisa, ou de outro modo nada mais será conseguido. Sentimos então como se tivéssemos que pressionar o paciente a falar ou responder. (p. 69).

Joseph (1990) comenta que, diante desse fenômeno clínico, é como se o analista sentisse pressão para agir (atuar), devido a influência de uma parte da personalidade do paciente, projetada dentro dele, analista:

Se examinarmos então a experiência, podemos frequentemente descobrir que o paciente parece ter projetado a parte do *self* que é ativa, interessada ou preocupada pra dentro do analista, que deve então atuar sentindo a pressão, a necessidade de ser ativo e o desejo de alcançar alguma coisa (p. 70).

Diante desses fenômenos, a compreensão dos fatores psicodinâmicos envolvidos na sessão, como indicado acima por Joseph (1990), é possível, considerando-se além de outros elementos, a observação das comunicações não verbais do paciente, devido aos grandes silêncios, que permeiam o contato. Então, o analista é convidado a observar a linguagem corporal, os infinitésimos da sessão, para procurar identificar o que está se passando na mente do paciente, podendo assim investigar qual a natureza da experiência emocional que o paciente está experimentando naquela sessão.

As atitudes pró-ativas, conforme acima indicadas, tem em comum o fato de que o analista precisa seguir algum sinal dentro de si, para procurar acertar, o que será importante dizer ao paciente para que a sessão de fato aconteça. E o único material que o analista dispõe para fazer essa análise é o silêncio e as expressões da linguagem corporal do paciente. Assim segue o analista, observando em que direção vai o olhar do paciente, como se processa a sua respiração, os movimentos das mãos, etc., para, mediante essas observações, intuir que caminho seguir na sessão.

O fato de um paciente estar em silêncio, não significa que nada está acontecendo com ele. Muito pelo contrário, como comenta Trinca (1987), sobre os infinitésimos da sessão: “pigmentos quase imperceptíveis, revelam o embate de imensas forças que se revolvem, telúricas no fundo das pessoas, das quais elas próprias, muitas vezes não se dão conta” (p. 68). Desta forma, em muitos casos, um paciente aparentemente em silêncio apresenta em seu mundo mental grandes conflitos, batalhas de emoções assustadoras, como sentimentos de culpa, punição e perseguição.

A atitude do analista de prestar atenção à comunicação não verbal do paciente, também é recomendada por Joseph (1990), do seguinte modo:

Quero ilustrar a importância técnica de olharmos não apenas para o conteúdo mas também para o modo como surge o material. O comportamento do paciente e o movimento do material na sessão podem revelar quais as partes do ego que desapareceram e onde podemos procurá-las. (p.72).

De posse a esses materiais sutis, o analista necessariamente terá que utilizar sua intuição, uma vez que está diante do desconhecido, do silêncio, e não existe nada que o oriente a tomar uma determinada atitude ou falar algo específico. Ele deverá intuir o que o paciente necessita, observando o modo pelo qual esse paciente se movimenta apesar do silêncio.

Esse sinal que o analista segue em busca do que dizer ao paciente é a intuição, como constatado por Sandler (2005): “O analista que está conduzindo uma sessão, deve decidir instintivamente qual é a natureza da comunicação que o paciente está fazendo” (p. 348). Nessa citação o autor usa a palavra instintivamente para expressar o que direciona o

movimento do analista na sessão, porém esta expressão é o primeiro conteúdo que aparece na definição do conceito de intuição, em seu livro *“The language of Bion”* (Sandler, 2005), deixando subentendido então, que o vocábulo instintivamente, está sendo utilizado como sinônimo de intuitivamente.

Enfim, o que se pode pensar é que, de uma maneira ainda desconhecida, como que secreta, há a ocorrência da comunicação desses pigmentos quase imperceptíveis (infinitésimos da sessão), que podem ser captados pela intuição do analista.

5.3 O Conceito de Imagens Intuitivas

Trinca (1987) descreve uma maneira possível de utilizar a intuição, através da utilização de imagens que surgem na mente do analista, durante o trabalho analítico. De acordo com o autor, no processo de comunicação entre a dupla analítica, surgem imagens espontâneas na mente do analista, que podem revelar aspectos profundos do mundo interno do analisando. Nessas imagens, o analista procura um sentido para desvendar o que o paciente estava necessitando expressar e não conseguia fazê-lo com palavras. Sobre a natureza dessas imagens, Trinca (1987) afirma que:

Ao se comunicar, o cliente produz no analista imagens mentais espontâneas, semelhante às imagens dos sonhos, que refletem um modo de comunicação não-verbal que ocorre na situação analítica. As imagens intuitivas diferem de outras espécies de imagens e expressam situações emocionais profundas do cliente. Estas são interpretadas à luz da compreensão do significado das próprias imagens intuitivas do analista. (p. 537).

Essas imagens, aparentemente, podem não ter nada a ver com o paciente. Porém em muitos casos, quando o analista verbaliza ao paciente o conteúdo dessas imagens espontâneas, este reconhece como algo inerente a sua experiência emocional ou ao seu momento de vida. Outra função das imagens intuitivas é servir de veículo comunicador de emoções que o cliente gostaria de transmitir, mas que ainda não tinha palavras (condições simbólicas) para fazê-lo, como se o paciente emprestasse a mente do analista para se manifestar.

6. A CORRELAÇÃO ENTRE AS IMAGENS INTUITIVAS DE TRINCA E A METÁFORA DO APARELHO TELEFÔNICO DE FREUD

Abordando a via das imagens intuitivas, será feita uma analogia desse conceito com a recomendação técnica de Freud (1912/1969) para o analista direcionar metaforicamente seu o inconsciente como um receptor telefônico, em direção ao inconsciente do paciente. Através dessa analogia, objetiva-se identificar o colorido intuitivo presente na teoria freudiana, assim como identificar uma influência freudiana, nas imagens intuitivas de Trinca (1987). Com a intersecção dos textos desses dois autores, espera-se enriquecer essa pesquisa sobre a intuição. Como se verá, nos dois textos anteriormente indicados observa-se uma conexão de grande importância para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, no que se refere ao tema da intuição. Seria um meio que esses dois autores encontraram para explicar com palavras como ocorre a comunicação entre os inconscientes da dupla analítica. Essa articulação teórica entre esses autores será exemplificada a seguir.

Trinca (1987), na parte de definição das imagens intuitivas, fornece uma descrição com riqueza de detalhes sobre esse fenômeno, descrevendo o que possivelmente ocorre na comunicação entre os inconscientes da dupla analítica. Essa explanação de Trinca (1987), de acordo com este pesquisador que escreve se assemelha ao item (f) das “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” de Freud (1912/1969). Conforme apresentado anteriormente, nessa recomendação específica Freud também dá uma descrição detalhada de como ocorre o processo de comunicação entre os inconscientes do analista e do analisando. Então, Freud (1912/1969) faz a recomendação de que o analista direcione a antena de seu inconsciente, como um órgão receptor, em direção ao inconsciente do paciente, como sendo um órgão transmissor. Utiliza da metáfora de um aparelho telefônico, como se fosse o aparelho psíquico, captando comunicações entre os inconscientes e recomenda como deveria ser a atitude ideal para o analista, para este possa captar as comunicações inconscientes do paciente.

Essa é uma maneira simbólica que Freud utilizou para representar eventos inconscientes que acontecem na dupla analítica. Por uma reflexão pessoal, essa recomendação de Freud se assemelha muito com a descrição das imagens intuitivas, feita por Trinca (1987). Ou seja, é como se Trinca descrevesse não somente o funcionamento das imagens intuitivas, mas também colocasse com outras palavras a mesma recomendação de Freud.

Sobre o funcionamento das imagens intuitivas, Trinca (1987) destaca:

As imagens intuitivas têm, portanto, a característica de conter uma comunicação não-verbal do cliente ao analista. O cliente não sabe como comunicar, em forma verbal, determinadas emoções (aquelas que em outro nível, estimulam a formação de imagens intuitivas). Ele faz o possível, de modo não verbal, para que o analista seja o órgão receptor de um conjunto de sensações não diferenciadas. Este capta tais sensações em sua mente transformando-as em mensagem, igualmente não verbal, sob a forma de imagens. Em segundo momento, o analista usa de sua equipagem simbólica e racional para encontrar sentido a essa comunicação de natureza primitiva, convertendo-as em palavras. Ao realizar essa transposição, devolve ao cliente uma visão aproximada de seu mundo interno, surpreendendo-o, às vezes com um resultado não previsto por ele em sua mensagem verbal. (p. 540).

Essa analogia apresentada acima foi um exemplo de como a citação de Freud relaciona-se com um tipo de funcionamento intuitivo, uma vez que Trinca ao descrever as imagens intuitivas faz descrição semelhante. E com a comparação das duas, também foi possível observar a interseção de duas teorias da psicanálise, no terreno árido da intuição, sugerindo reflexões analíticas e confrontando textos, respeitando as particularidades de cada autor.

Esse tipo de articulação entre textos é importante, devido à escassez de material teórico psicanalítico sobre o fenômeno da intuição. Freud (1912/1969), nessa recomendação, realmente não utilizou diretamente a palavra intuição. Mas, como já descrito, essa conexão foi realizada por uma compreensão pessoal do pesquisador. A partir dessa conexão, parece ficar mais embasada teoricamente a hipótese de que Freud estivesse falando sobre intuição na sua recomendação aqui destacada, uma vez que na descrição de Trinca, falando em imagens intuitivas, se assemelha a metáfora do aparelho telefônico de Freud. Ou seja, então não é insensato afirmar que ambos os autores, estavam se referindo ao funcionamento da intuição.

6.1 Um Exemplo Clínico de uma Possível Imagem Intuitiva

No referido texto de Winnicott (1975) em que trata acerca da criatividade, há o relato de uma sessão analítica onde, possivelmente, tal como se concebe aqui, ocorreu o fenômeno de uma imagem intuitiva. Na descrição dessa sessão analítica, Winnicott atendia um homem, casado, com família, de meia idade e com relativo sucesso profissional. Este homem já havia feito outras longas análises, porém sentia que havia algo que permanecera imutável, impedindo-o de abandonar essa atual análise, como se ainda tivesse algo muito importante para resolver.

Winnicott (1975) então relata o fragmento dessa sessão analítica, onde ele, atendendo esse homem, viu a imagem de uma mulher surgir de modo espontâneo em sua mente. Sentia

nitidamente, que estava falando com uma mulher, embora estivesse com um homem a sua frente. Esse fato assustou Winnicott, a ponto de ele achar e verbalizar para o paciente, que ele, é que estava louco. Ao que parece, essa foi uma imagem intuitiva, pois ela surgiu espontaneamente na mente do analista, durante o contato emocional com o paciente.

A princípio, a imagem de uma mulher não tinha nada a ver com o paciente, uma vez que ele era homem. Porém, esse fato foi se esclarecendo com as vicissitudes do trabalho analítico subsequente. “Na fase atual dessa análise, chegou-se a algo novo para mim. Algo que se relacionava à maneira pela qual eu entrava em contato com o elemento não-masculino de sua personalidade” (Winnicott, 1975, p. 104). E o autor acrescenta: “Eu dissera na ocasião: Estou ouvindo uma moça. Sei perfeitamente bem que você é homem, mas estou ouvindo e falando com uma moça” (p.105).

Seguindo um pouco mais o texto, Winnicott (1975) enfatiza que essa percepção não teria relação com homossexualidade, pois o paciente nunca verbalizou ou deu indícios de elementos relacionados a essa condição sexual, mas algo se explicita como se pode ver nessa passagem, onde o autor transcreve uma fala do paciente: “Eu mesmo nunca poderia dizer, sabendo-me um homem: Sou uma moça. Não sou louco assim. Mas você disse e falou para ambas as partes de mim.” (Winnicott 1975, p. 106). Ao verbalizar para o paciente que estava vendo uma mulher e ao lhe ouvir falar, Winnicott se surpreendeu com a reação deste, quando reconheceu que esta era a primeira vez que tinha sido abordado um lado oculto de sua existência, que era a sensação de ter uma moça dentro dele. E junto com o analista, no decorrer da sessão, o paciente reconheceu e se recordou que sua mãe queria muito ter tido uma filha menina, e, com esse intenso desejo não realizado, a mãe desse paciente homem, teve cuidados iniciais, de criação e manejo, como se estivesse lidando com uma criança do sexo feminino. Nas próprias palavras de Winnicott (1975):

Esse complexo estado de coisas apresentava uma realidade especial para esse homem, porque ele e eu fomos impulsionados à conclusão, embora incapazes de prová-la, de que sua mãe que já não estava viva, viu uma menina quando o viu como bebê, antes de passar a aceitá-lo como menino. Em outras palavras, esse homem teve de ajustar-se àquela idéia da mãe de que seu bebê seria e era uma menina. Temos boas provas, através da análise, de que nos primeiros cuidados prestados ao filho, a mãe o segurava e com ele lidava, sob todas as formas de modos físicos, como se não pudesse ver como indivíduo do sexo masculino. (p.106).

Winnicott (1975) comenta que toda essa situação inconsciente de cuidados disfuncionais de gênero, sofrida pelo paciente, foi trazida à superfície consciente através da imagem espontânea da moça. Na seqüência do texto, relata as reações do paciente após sua intervenção. O autor assume que a distorção na sua percepção de visualizar uma moça, ao

invés de um homem, foi uma atividade da própria mente dele:

Nessa ocasião houvera um efeito imediato sob a forma de aceitação intelectual, alívio e, depois efeitos mais remotos. Após uma pausa o paciente dissera: Se eu falasse a alguém sobre essa moça, seria chamado de louco.... Ao que Winnicott respondeu: Não é que você tenha contado isso a alguém; sou eu que vejo a moça e ouço uma moça falar, quando na realidade, em meu divã acha-se um homem. O louco sou eu! (Winnicott, 1975, p. 105).

Considerando a idéia, de que as imagens intuitivas, servem para ajudar a identificar emoções que os pacientes têm dificuldade de expressar com palavras, essa passagem então foi uma oportunidade do material psíquico, não simbolizado, desse paciente se revelar. Um complexo inconsciente, presente de forma oculta na imagem da moça, envolvendo os cuidados iniciais oferecidos pela mãe do paciente, em fantasia a uma menina e não a ele. A imagem intuitiva, que invadiu a mente de Winnicott, também mostrou o quanto esse tipo de imagem revela o contado psíquico profundo analista-paciente, no momento em que essas imagens vêm à tona, como produto de uma relação analítica fértil.

Vale ressaltar que o exemplo da sessão narrado por Winnicott, pode ser tomado por outros ângulos diferentes, dependendo da tradição psicanalítica que se usa para observar esse fenômeno. Sendo assim, pode essa vinheta clínica ser interpretada de maneira diferente do que a abordada nessa sugestão, como uma possível imagem intuitiva. Portanto, o que foi feito aqui, tratando o exemplo como uma imagem intuitiva, partiu de uma construção hipotética, estabelecendo uma conexão teórica de Trinca com Winnicott.

O acontecimento das imagens intuitivas, aparentemente é um fenômeno que ocorre no ofício do analista, em sua prática clínica. Porém é arriscado, do ponto de vista científico, aceitar esse fenômeno sem uma criteriosa avaliação, pois pode ser que determinadas imagens que surgem na mente do analista não tenham características intuitivas, mas sim sejam representantes de conflitos próprios do analista. Esse aspecto talvez contribua para entender o receio que muitos analistas sentem em reconhecer e comunicar em discussões científicas a ocorrência dessas imagens, assim como de publicar suas percepções intuitivas. Como descreve Cassorla (1991), “Esse fenômeno assusta o analista e com razão, por ser comumente difícil diferenciar se ele está captando algo do cliente ou atuando conflitos pessoais seus, não raro na área da onipotência” (p. 516).

Evidentemente que é um perigo metodológico, quando se exagera o valor dessas imagens e percepções, devido a serem obscuras. Portanto, esse conceito de imagens intuitivas, assim como o de intuição, deve ser usado com cautela e com parcimônia para não deixar a teoria da psicanálise seduzida pela onipotência de criar realidades particulares, caindo nas sombras do

ocultismo. E ser seduzido pelo misticismo foi algo que Freud evitou em toda sua vida e obra. Pelo que foi descrito no início desse trabalho, foi um dos motivos que levou Freud a rejeitar a intuição como um conhecimento válido, quando a concebia como sinônimo de adivinhação, portanto não-científica. Mas parece que ser iludido pela onipotência e auto legislar sobre a realidade, é o risco se corre ao estudar o tema da intuição. Isto é evidenciado pela dificuldade de se demonstrar como ocorrem as percepções intuitivas, e também pela paisagem mental do conceito de intuição não estar relacionada à área do pensamento racional.

O fato do estudo sobre as percepções intuitivas oferecer riscos heréticos à psicanálise não deve intimidar o pesquisador, compromissado em investigar o fenômeno da intuição. Esse tema, por mais obscuro que seja, deve ser investigado com espírito científico-psicanalítico. Ou seja, comprometido com a busca das verdades sobre a apreensão da realidade psíquica, que supostamente pode ser captada pela intuição. Assim o pesquisador deve seguir rumo ao estudo de fenômenos obscuros, pois esses acontecimentos são inegáveis na prática da psicanálise e necessitam ser colocados na lente da ciência, para que se tornem o menos obscuros possíveis. Estimulando a investigação desses fenômenos pouco claros, Cassorla (1991) demonstra que a própria psicanálise pode se defender como uma disciplina científica:

Penso que essas defesas têm muito a ver com a tentativa de não misturar o “ouro” da psicanálise (considerada científica) com a “ganga” das chamadas “ciências ocultas” e a charlatanice que comumente impera nelas. Mas, não podemos esquecer-nos que isso pode levar-nos a negar fenômenos que ocorrem em nossa prática, e, devido a esse temor, evitarmos o seu estudo. Tentarei demonstrar que a própria psicanálise é suficiente para lançar teorias produtivas sobre tais fatos, sem termos que apelar para qualquer misticismo. Diga-se, de passagem, que fenômenos das “ciências ocultas” deixam de sê-lo quando a fé e o dogmatismo são substituídos pela observação cuidadosa e a utilização de métodos científicos. Aliás, foi assim que surgiu a psicanálise: com a coragem de Freud de entrar em áreas ainda não científicas, como a hipnose, os sonhos, os atos falhos, os mitos, o inconsciente etc. (Cassorla, 1991, p. 523).

6.2 Os Três Níveis de Funcionamento da Intuição

Partindo do que foi exposto até o presente momento, procurar-se-á tornar um pouco mais claro e didático o presente estudo sobre a intuição. Com essa motivação o realiza-se uma sugestão original de pensar o fenômeno da intuição, referindo-se a ele como um tipo de comunicação que ocorre em três níveis diferentes. Tais níveis, em graus crescentes de complexidade de comunicação seriam: o primeiro, o nível grosseiro; o segundo, o nível sutil; e o terceiro, o nível secreto. A seqüência dos níveis estabelece uma ordem progressiva de dificuldade de comunicação e de compreensão intelectual.

6.2.1 O nível grosseiro

O primeiro, o nível grosseiro, representa a intuição no que se refere à comunicação feita através das expressões verbais do paciente. Ou seja, pelo que é dito com palavras na sessão. A percepção da fala do paciente pode ser identificada por qualquer pessoa que esteja na sala de análise, não necessitando de uma percepção sofisticada para ouvir a voz do paciente, mas somente de um funcionamento saudável do sentido da audição. Assim como também esse nível pode ser facilmente comunicado através de sessões transcritas. Devido a isso, sugere-se que este seja o nível grosseiro, da comunicação intuitiva, pois são macros eventos observáveis a quem ouvir, ou ler, a transcrição da fala de um paciente.

A parte mais fácil de ser comunicada e estudada em uma análise, tanto na clínica, quanto na teoria parece ser esse nível grosseiro de comunicação. Este nível pode ser demonstrado através dos relatos de sessões, assim como demonstrado com a citação do fragmento da sessão do texto de Winnicott(1975), comentado anteriormente, como exemplo ilustrativo de uma imagem intuitiva. Neste exemplo de Winnicott, analistas de diversas tradições psicanalíticas podem comentar , concordar ou discordar dessa hipótese psicodinâmica mediante essa sessão transcrita. Desta forma, ao ouvir o que o paciente diz, é possível que aja a apreensão intuitiva de algum fato psíquico mediante análise do conteúdo da fala expressa na sessão.

6.2.2 O nível sutil

O segundo, o nível sutil, representa a percepção intuitiva relativa à comunicação não-verbal, percebida através da análise de pequenos detalhes, no comportamento do paciente, ou seja, dos infinitésimos da sessão. Através dessas comunicações sutis, não-verbais, que ocorrem nas entrelinhas da conversação, ou expressas pela linguagem corporal do paciente, é possível intuir o que provavelmente está ocorrendo na mente do paciente, naquele momento da sessão, mesmo que ele não fale, como uma mãe experiente, que intuitivamente discrimina o significado de cada choro do seu bebê, se é fome, ou sono, dor etc. Nessa cena não há palavras, ou seja, não há elementos do nível grosseiro, somente o ruído sonoro do choro. Porém, no nível sutil, estão sendo transmitidos pequenos fragmentos psíquicos, que estão por trás da expressão do choro, que podem ser avaliados pela análise dos seguintes elementos como: a tonalidade da voz, intensidade e altura, frequência , transpiração, respiração e pausas intercaladas com alguns borborigmos .Estes fatores, observados de maneira sutil, podem

oferecer pistas para que a mãe possa captar e assim intuir o real significado que aquele choro, naquele momento, tinha a intenção de transmitir. A mãe, que se questionada sobre como conseguiu saber se aquele choro era a expressão de uma dor, por exemplo, certamente encontrará muita dificuldade em explicar racionalmente como conseguiu chegar a essa conclusão. Este fenômeno que ajuda a mãe a entender as manifestações do seu bebê, mesmo que ele não fale, seria então a percepção intuitiva no nível sutil. Esse nível sutil é gradualmente mais complexo de descrever como se processa uma comunicação intuitivo-analítica, do que ocorre no nível grosseiro.

Esse nível, de maneira parcial, também pode ser comunicado entre os analistas nas discussões clínicas e supervisões, descrevendo como se comportava a linguagem corporal do paciente, e as impressões que esta linguagem causou na presença do analista que a observava.

O nível sutil de comunicação intuitiva é descrito com detalhes pelo conceito dos “infinitésimos da sessão” (Trinca, 198,p.168). Segundo este autor, “Esta comunicação opera-se de várias maneiras: pela linguagem do corpo, especialmente do rosto, dos olhos, pelas entonações e modulações das palavras e frases, pelas entrelinhas da conversação, pelas para práxis, e por formas ainda desconhecidas” (p.168).

Um exemplo hipotético de uma comunicação no nível sutil, é de um paciente que, ao chegar à sessão, cumprimentou apertando com forte intensidade a mão do analista, com uma força maior do que a habitual. O paciente estava muito acelerado na sessão, agitando-se freqüentemente na poltrona; tinha as mãos trêmulas, falava muito rápido e alto, com um tom levemente agressivo na fala, etc. Através dessa hipotética descrição, é possível levantar algumas hipóteses sobre como estaria o estado mental dessa pessoa, nessa determinada sessão, mesmo sem a mesma ter dito nenhuma palavra. Essas comunicações acontecem nos trilhos mentais do segundo nível. Ocorrem através da observação de pequenos detalhes; por isso a denominação de sutil.

Um fato importante de ressaltar é que, mesmo em uma percepção sutil o nível grosseiro, também está presente, caso o paciente fale alguma coisa. Desta forma, é importante relembrar que a percepção intuitiva, de uma maneira inicial, é um fenômeno só, porém trabalha em vários níveis de complexidade, ou seja, através de aspectos grosseiros (verbal), sutis (não-verbal) e secretos. O secreto será abordado logo adiante, como se verá a seguir.

6.2.3 O nível secreto

O terceiro, o nível secreto, é representado pela comunicação intuitiva dos fenômenos psíquicos relacionados com a coisa em si, a realidade absoluta ou última. Ou seja, alude aos aspectos incognoscíveis do inconsciente. Fenômenos que não se pode saber nada sobre eles, apenas que acontecem na complexidade das comunicações inconscientes entre analista e analisando. Estas comunicações inconscientes, *in natura*, não podem ser acessadas de modo direto, apenas por produtos transformados; por isso este é denominado de nível secreto, pois é um fenômeno, de fato, desconhecido. Esse nível permanecerá sempre secreto, uma vez que representa a realidade absoluta do inconsciente.

A descrição com palavras e a compreensão intelectual se complicam muito, quando se trata da descrição do nível de funcionamento secreto das percepções intuitivas. É chamado assim devido esse nível representar a coisa em si, ou seja, o que de fato realmente acontece na comunicação entre os inconscientes da dupla analítica. É como se aprofundasse gradualmente a observação de uma comunicação intuitiva de uma maneira inicial pelas palavras até chegar na sua origem, ou na sua essência. Essas comunicações, por serem inconscientes, e representarem a coisa em si, são secretas. Não se pode saber realmente o que de fato acontece no inconsciente de paciente, quando este está em contato psíquico com seu analista. Temos acesso, sim, aos derivados do inconsciente, mas nunca ao inconsciente em si.

Sobre o conhecimento do inconsciente, Freud (1974) elabora a seguinte questão: “Como devemos chegar a um conhecimento do inconsciente? Certamente, só conhecemos como algo inconsciente, depois que ele sofreu transformação, ou tradução para algo consciente” (p. 81). Devido esse aspecto de velamento, da coisa em si do inconsciente, essa comunicação intuitiva é denominada de nível secreto.

Essa transformação do inconsciente para o consciente pode ter sido o motivo de Bion (2004) denominar um de seus grandes trabalhos com o nome de “Transformações”. Assim, este nível é secreto porque supostamente contém as comunicações inconscientes (em sua essência) e procura abranger a realidade absoluta desses fatos. Bion (2004) denominou essa realidade absoluta e incognoscível pela letra (O). Sobre o significado dessa representação (O), na obra de Bion, Zimmerman (2004), faz algumas considerações explicativas:

O: Esse signo tanto pode ser lido como letra (inicial de origem) ou como zero. Em ambos, Bion designa um ponto de origem de uma verdade que não se consegue conhecer a não ser através do produto de suas transformações. Guarda uma sinonímia com a realidade última, coisa em si mesmo, verdade absoluta. (p. 94).

A procura de Bion pela verdade do conhecimento, em direção às realidades, tanto externa, quanto à interna, e ambas sendo abarcadas pela concepção de realidade absoluta, ou última, levou Bion a criar para representar este aspecto absoluto o signo O. Então (O) para Bion (2004) representa a coisa em si, o aspecto inominável, inexprimível e inconcebível da realidade sobre a qual o analista deve investigar. Apesar desse comentário acima de Zimmerman (2004) ser bem esclarecedor, sobre o significado (O), ele parece cometer um pequeno engano conceitual, pois o autor relaciona um dos significados de O com representar o mesmo que o número zero. Talvez no sentido de origem sim, pois com isso está querendo dizer a realidade absoluta de onde tudo se origina. Mas o número zero não tem o mesmo significado que O. Bion prefere deixar o símbolo zero para utilização da matemática, não da psicanálise. Como se pode verificar na explicação que Bion (1973/1975) faz, em “Conferências Brasileiras”, à plateia quando esta pergunta se o zero poderia representar a mesma coisa que o símbolo (O). Assim é possível observar na transcrição dessa parte das conferências de Bion (1973/1975), que para ele zero não é a mesma coisa que o (O):

P: E o O, tal como o senhor usa em seus livros, é a mesma coisa que zero?

B: Quando uso a letra O, pretendo que indique o fenômeno, a coisa em si, de que ninguém consegue saber. O conhecimento, a meu ver, só começa quando estamos lidando com os fenômenos. O zero devia ser deixado em acordo com as definições do matemático, e não desviado para as nossas finalidades sem uma tentativa de definir o uso que lhes estamos dando. O e zero, por certo, não são a mesma coisa, pois zero representa uma descoberta estupenda e seu valor não deveria ser levemente desgastado. Seria útil se houvesse um zero, em análise, correspondente ao intervalo(a pausa) em música.(Bion, 1973/1975, p.135-136).

Portanto essa comunicação secreta tem relação como o símbolo “O” de Bion (2004). É nesse nível sugerido que supostamente ocorrem as comunicações inconscientes e aponta também para o que está além do que pode ser descrito por palavras; por isso a denominação de secreto. Ainda na explanação sobre o signo “O”, descreve Grotstein (2010):

O é o termo icônico arbitrário de Bion para um terceiro domínio, todavia na verdade, o primeiro. O domínio original e fundamental que é desconhecido e impenetrável por nós, que expressa a verdade absoluta, sobre a realidade última que está sempre evoluindo, em fluxo. (p. 124).

Uma vez que a psicanálise compromete-se com a verdade dos fatos, tem-se que admitir que o que se vê ou se escuta é apenas uma percepção limitada dos sentidos físicos humanos, frente à totalidade da realidade absoluta. Por isso, Bion (2007) sugere que se preste atenção ao que está além das palavras. Os objetos psicanalíticos como a angústia, por exemplo, são imateriais e, segundo este autor, necessitam ser intuídos para serem detectados. Não se pode conhecer diretamente o “O”, pois está além do que pode ser dito através de conceitos

fabricados. É incognoscível, é o nível secreto. Pode-se apenas conhecer suas manifestações. Ou seja, podemos ter notícias sobre a realidade última do inconsciente, através de intuições no nível secreto de comunicação. Essas intuições flutuam de inconsciente para inconsciente na sala de análise, como um tipo de irradiação de (O) mente a mente, ou emanções de “O”.

Como já indicado, então, à medida que se avança gradualmente em profundidade de compreensão das comunicações intuitivas, chega-se a essa subdivisão especulativo-teórica em graus ou três níveis de compreensão. O nível grosseiro, o sutil e o secreto. O objetivo dessa contribuição pessoal é para que, com essa subdivisão, fique um pouco mais didático estudar esse fenômeno não racional, chamado intuição, seja ela o que ela for.

7 .A VIDA E A OBRA DE WILFRED RUPRECHT BION

7.1Alguns dados biográficos

Para poder investigar a noção de intuição psicanalítica na visão de Bion, faz-se necessário uma abordagem geral sobre sua vida e obra, para, através desse conhecimento prévio, iluminar com a teoria psicanalítica e as vivências pessoais desse referido autor, o caminho em direção ao estudo desse suposto fenômeno de percepção direta do instante presente da realidade psíquica de um paciente. O propósito é trazer luz científica à expressão lingüística intuição, que muito tem de contaminação mística quando utilizada fora dos meios psicanalíticos e, muitas vezes, até nos próprios meios psicanalíticos. Desta forma, na proposta dessa pesquisa, pretende-se analiticamente tentar compreender como esse fenômeno se aplica na prática da psicanálise.

No aspecto histórico, de acordo com Zimerman (2004) e Bléandonu (1993), Bion nasceu na Índia, na cidade de Muttra, no ano de 1897, devido ao seu pai ser um engenheiro britânico que foi designado a prestar serviços de irrigação ao governo indiano. Viveu na Índia até os 7 anos de idade, voltando em seguida para a Inglaterra. A estadia nesse país lhe impactou de forma profunda, colorindo com texturas orientais o desenvolvimento de sua teoria e obra, principalmente na fase mais madura de seu pensamento, como pode ser evidenciado por Zimerman (2004):

Esse fato exerceu uma significativa influência em sua vida e obra, porquanto a cultura indiana lhe ficou impressa de forma permanente e construiu uma boa parcela de sua cultura psicológica inconsciente. Este último aspecto se manifesta mais claramente durante os anos 70, quando sua produção científica foi gradativamente adquirindo um cunho de natureza místico-religiosa.... Ele manteve indelével em sua memória os anos lá passados e conservou o misticismo oriental e certa veneração por aquele país. (p.24).

Aos 19 anos, de maneira voluntária, Bion se alista ao exército britânico, servindo através da atuação dentro dos carros blindados de combate. No exército Bion se destaca dos demais companheiros de batalha, recebendo várias medalhas e condecorações do palácio de Buckingham. Devido aos seus triunfos em várias batalhas chegou a obter a patente de capitão. Apesar desses sucessos, ele desiste da carreira militar e, ao final da guerra, ingressa na Universidade de Oxford, dando início aos seus estudos sobre história. Zimermam (2004) acredita ser importante ressaltar as seguintes áreas do saber que influenciaram Bion, além da psicanálise:

Estudou história moderna em profundidade.

Obteve Licenciatura em letras.

Fez estudos sobre Filosofia, mostrando-se particularmente interessado em Kant, que é bastante citado em sua obra.

Foi um respeitável conhecedor de Teologia.

Tinha conhecimentos de lingüística e das línguas grega e latina.

Foi um amante da literatura, sendo que seus escritos estão recheados de citações de Shakespeare. Desde muito jovem Bion dedicou-se ao magistério e durante 22 anos, atuou como professor de história e de literatura.

Revelou um inegável talento para a pintura impressionista, tendo legado alguns quadros à óleo de reconhecida qualidade artística.

Ao entrar em contato com um livro Freud, ficou fascinado e decidiu fazer medicina e tornar-se psicanalista.

Graduou-se como médico aos 33 anos, e acabou ganhando medalha de ouro em cirurgia...

Em pouco tempo, lançou-se à prática da psiquiatria, tendo se empregado na Tavistock Clínic, onde encontrou uma maior afinidade com o grupo que se interessava pela psicanálise. (p.25).

Iniciou sua primeira análise no período entre 1937 e 1939 com John Rickman, o qual já havia feito análise com Sigmund Freud e Melanie Klein. Esta análise durou pouco tempo devido à eclosão da segunda guerra mundial, o que levou Bion a reingressar novamente ao exército. Após retornar dessa guerra, Bion iniciou trabalhos com psicoterapia de grupos, especificamente com a reabilitação de militares neuróticos comprometidos emocionalmente pelos traumas da guerra.

A partir de 1945, Bion iniciou sua segunda análise aos 48 anos, desta vez com Melanie Klein. Essa análise teve a duração de oito anos e concomitantemente foi acompanhada pelo seu retorno ao instituto de psicanálise de Londres, onde completou sua formação como analista. De acordo com Zimermam (2004), Bion foi reconhecido pelos colegas da formação psicanalítica como um grande seguidor de Melanie Klein. Apesar disso, Bion demonstrava uma relação ambivalente com sua analista e mestra; em certas passagens era possível observar uma imensa gratidão e respeito por Klein. Contudo, em outros momentos expressava não concordar com alguns aspectos da sua teoria. Para evidenciar a posição de Bion dentro da escola britânica de psicanálise, Zimermam (2004) afirma que:

Bion era respeitado pelos colegas e, por muitos anos, ocupou importantes cargos na Sociedade Psicanalítica Britânica, tendo exercido a função de diretor da Clínica da Sociedade Britânica, de 1956 a 1962, e de presidente dessa sociedade, de 1962 a 1965 (p.26).

Ainda segundo o mesmo autor citado acima, apesar dessas posições de prestígio, Bion foi gradativamente perdendo influência na Sociedade Psicanalítica de Londres. Este fato aparentemente ocorreu devido às particularidades de sua maneira de entender a prática da psicanálise e com isso gerou um grande desgaste nas relações entre seus parceiros de trabalho, que se mostravam agora indiferentes ao seu raciocínio psicanalítico.

Essas desavenças, de acordo com Zimerman (2004), levaram Bion a aceitar um convite de ir para Los Angeles, a princípio para difundir a obra de Klein. Porém, nos Estados Unidos, apesar de ter sido convidado para residir em Los Angeles, sua teoria não foi muito bem recebida devido à grande resistência que os americanos apresentavam à teoria kleiniana. Na fase mais tardia de sua vida, Bion aceita o convite de vir a América Latina. A princípio vai para à Argentina, convidado por Grinberg. Na Associação Psicanalítica Argentina influenciou um grupo de estudos liderado por Grinberg, que deu origem ao livro “Introdução às ideias de Bion” (Grinberg, Sor & Bianchedi, 1973). Comentando sobre sua visita à América Latina, Zimerman (2004) afirma:

Inicialmente a convite de Frank Philips, seu ex-analisando e discípulo, Bion visitou o Brasil em diversas oportunidades: em 1973 (São Paulo), em 1974 (em Brasília, por incentivo de Virgínia Bicudo) e em 1978(São Paulo)... Desses debates,... resultaram excelentes livros, conhecidos como “Conferências brasileiras”, que são reconhecidos internacionalmente. (p.27).

De acordo com Bléandonu (1993), no final de sua vida Bion volta à Inglaterra no ano de 1979 com a intenção de montar um novo consultório; porém, neste mesmo ano ele é acometido por uma leucemia que o leva a óbito no dia 08 de novembro de 1979.

7.2A Obra de Bion

O início da atividade clínica de Bion se deu com seu trabalho com grupos, que “... deu origem ao que hoje se conhece como dinâmica de grupos” (Sandler, 2009, p.23). Segundo esse mesmo autor, o trabalho com grupos desenvolvido por Bion se baseou na experiência que adquiriu na guerra, atuando dentro dos tanques de combate. Nesse panorama da guerra, Bion teve a oportunidade de ver como as pessoas reagiam quando estavam em grupos. Observava então que se formavam grupos que trabalhavam de forma construtiva, voltados para a colaboração mútua, assim como também, de forma oposta, grupos surgiam em total desarmonia, o que ele denominou de pressupostos básicos. Nas palavras de Sandler (2009), “Aplicando a teoria de Melanie Klein a pequenos grupos, Bion observou a formação e destruição de grupos de trabalho produtivos, voltados para vida. E constatou como obstáculo aos grupos produtivos o surgimento de grupos de pressupostos básicos”. (p. 23).

De acordo com Pinto (2009), Bion trabalhou constantemente na busca da revelação da verdade frente às experiências emocionais, sempre se baseando nas observações de sua experiência clínica. Com essa atitude trouxe grandes contribuições ao entendimento das

dinâmicas de grupo, assim como aos transtornos do pensamento e da linguagem e sobre a epistemologia da psicanálise. Seguindo as referências dessa mesma autora, é possível afirmar que Bion tinha uma linguagem pouco comum, com muitas metáforas, algumas vezes recorrendo a fórmulas matemáticas, como no caso de sua teoria sobre a função alfa. Também é frequente a utilização de citações filosóficas, místicas, artísticas e literárias. Devido às suas características na maneira de se expressar, Bion muitas vezes é considerado como um autor difícil de ser compreendido de maneira imediata. Nas palavras de Pinto (2009):

Dono de uma profunda formação humanística, o psicanalista incorporou a sua obra a força sensível da poesia como a de John Milton, Keats e William Blake, assim como o universo mítico. No campo da estética, suas ideias convergem com a filosofia de Wittgenstein e o teatro de Beckett, no que tange a precariedade humana (p.03).

7.3 Uma Psicanálise Vincular

A obra de Bion traz, de certa forma, uma nova visão sobre a atividade psicanalítica, no sentido de não só valorizar a experiência de dor e analisar a personalidade do paciente, mas também de investigar de que maneira esse paciente se liga ao analista, ou seja, importa muito na teoria bioniana desvendar qual a natureza da ligação afetiva entre analista e analisando. Nesse vértice da união da dupla, o trabalho é focado numa psicanálise do vínculo, como colocado por Zimerman (2009): “Bion pode ser considerado o terceiro Gênio da psicanálise e o virtual fundador de uma nova escola contemporânea, a que está fundamentada na Vincularidade” (p.06).

Na perspectiva de focar a vincularidade, a teoria bioniana valoriza uma visão um pouco diferente da psicanálise clássica, onde predominavam as observações sobre o amor e o ódio. Esse novo paradigma é o foco sobre o conhecimento, quando os dois participantes caminham em direção às verdades da vida. A esse tipo de união, Bion denominou de vínculo do conhecimento, representado pela letra K, abreviação de *knowledge*. E nesse caso é inovadora, pois sai do modelo clássico de Freud e Klein, como constatado por Zimerman (2009):

Enquanto Freud alicerçou sua teoria nas pulsões libidinais, e Klein, nas relações de objeto agressivas, representadas pela inveja primária e derivados, Bion acrescentou um terceiro vínculo fundamental além do amor e do ódio: o vínculo do conhecimento (de fundamental importância na prática clínica por que valoriza sobretudo saber como os pacientes se relacionam com as verdades, falsidades, falsificações e mentiras). (p.13).

Bion (1991) abrevia os vínculos com as respectivas iniciais da palavra em inglês: vínculo

Love (L), *Hate (H)* e *Knowledge (K)*. Com essas siglas Bion descreve como esses vínculos se relacionam entre si, ajudando a descrever a atmosfera da sessão e o colorido emocional que subjaz a ligação entre paciente e analista. Nas palavras de Bion (1991), “não se conhece a experiência emocional isolada de relação. Postulo como básico: 1) X ama Y; 2) X odeia Y e 3) X sabe a respeito de Y. Tais vínculos se expressam pela sigla L, H e K” (p.69). Assim comenta que o mais importante em uma análise é o vínculo do conhecimento(K), pois é através dele que se desenvolve o apreender com as experiências. O mesmo autor também enfatiza que K não é um saber estático, como uma verdade e uma posse, mas sim um devir, um conhecimento vivo que se revela a cada sessão. Em outras palavras, algo que está acontecendo. Bion (1991), ao focar especificamente sua reflexão sobre o vínculo do conhecimento (K) diz:

Ignoro L e H e examino K, que é importante para o analista e é o vínculo que deixa o paciente apto para apreender com a experiência... como proponho usá-la não comunica sentido de finalidade, isto é, não que X possui um tanto de saber chamado Y e sim que X está sabendo algo sobre Y e Y é algo que está sendo sabido por Y. (p.74).

Nessa citação é possível entender que o processo de conhecer, através do vínculo K, está ligado a uma relação viva, dinâmica entre analista-paciente. Dentro dessa perspectiva, parece plausível cogitar que o fenômeno da intuição esteja ligado ao vínculo do conhecimento, uma vez que K está acontecendo e se revelando no momento presente, quando se está diante do desconhecido, assim como se supõe também as percepções intuitivas.

O vínculo K se desenvolve, à medida que o paciente entra em contato com as verdades sobre sua personalidade e, a partir disso, começa a aprender e compreender a si mesmo. Na tarefa de lidar com o conhecimento (K), de acordo com Bion (1991), o amor e o ódio podem contribuir ou atrapalhar o desenrolar desse processo. Mesmo com esses obstáculos, a análise deve prosseguir em direção a K. Quanto às especificidades das notações pelos símbolos L, H e K, também são levantadas as possibilidades desses vínculos estarem distorcidos, ou mesmo ausentes, em determinadas situações. Para descrever essas características distorcidas, Bion (1991) recorre à geometria algébrica:

O processo de trocar o sinal que, na linha AB, representa a alteração de sentido da linha. Por $-K$ denota-se o vínculo da não compreensão, isto é, a falta da capacidade para compreender. Como implicação disto, mais se entende que $-L$ não é o mesmo que H, nem $-H$ o mesmo que L. (p.79).

Com essa explicação Bion esclarece que quando se expressa uma experiência emocional através da sigla $-H$, por exemplo, significa que naquele momento não se identifica a presença de ódio, ou no caso de $-K$, não foi possível identificar a atividade da compreensão, ou se

verifica uma compreensão distorcida, e –L denota que não foi possível indicar a presença de amor, dentro daquele vínculo, ou que este amor foi atacado por sentimentos hostis. (Bion, 2004).

A ênfase sobre o aspecto vincular remete ao fato de que, ao se investigar a intuição, seja coerente considerá-la não como uma percepção exclusiva da mente do analista, mas um produto originado do vínculo. Desta forma, a intuição, enquanto uma percepção direta da realidade de um objeto pode ser influenciada por algum desses vínculos, ou mesmo pelos três tipos de vínculos simultaneamente.

O conjunto formado pelas emoções que interagem nesses vínculos, forma uma espécie de campo magnético ao redor da dupla analítica. Essa noção de campo analítico será abordada posteriormente na perspectiva de Ferro (2013), onde ele refere que os vínculos são compostos por muitas forças que operam de maneira dinâmica à medida que a sessão inicia, desaparecendo com o seu término. O conceito de campo analítico será descrito com detalhes no próximo capítulo, considerando-o com sendo de suma importância devido à possibilidade da intuição surgir dentro desse campo.

De acordo com Sandler (2009), Bion evitou a atitude de proliferar teorias, focando seu trabalho essencialmente nos conhecimentos advindos de sua atividade clínica. Tomou esse caminho provavelmente devido ao seu compromisso com a verdade e ao fato de que na sua época havia muitas supostas novas teorias, que muito se assemelhavam, como observado nessa citação de Sandler (2009):

Bion parece tentar salvar a psicanálise dos psicanalistas. Em seu tempo já brotavam escolásticas, qual cogumelos, cada um com seu jargão. Descreviam os mesmos fenômenos com línguas diversas: Babel rediviva... engenhosas manipulações racionais de símbolos eivadas de causalidade, travestidas de terminologia psicanalítica, criavam conluios e descrédito para a psicanálise. (p.21).

No caminho de evitar elucubrações estéreis Bion passou da atitude de formular teorias para a de constatar verdades através da observação. De fato, em termos de inovação teórica Sandler (2009) comenta que percebeu três contribuições de Bion à teoria psicanalítica, sendo elas a teoria sobre o pensamento e suas origens, a teoria sobre o continente/contido e uma inacabada meta teoria. De acordo com Sandler (2009), Bion, ao trocar as teorias psicanalíticas para as da observação, aumenta a abrangência de sua obra em relação à epistemologia. Por volta de 1967, Bion começa a dar contornos sobre sua teoria sobre o pensamento, utilizando para isso a ideia da tolerância à frustração como fator decisivo no surgimento do pensar. Fato que pode ser observado com essa citação de Sandler (2009):

O bebê teria uma pré-concepção inata do seio, que o faz procurá-lo. Em parte o encontra, o que é uma condição de sobrevivência. O pensar, psicanaliticamente falando, se viabiliza se, e quando, o bebê tolerar a dor advinda da frustração de não encontrar de modo completo o seio desejado; e essa distância entre o seu desejo e o seio real força-o a tolerar a falta de posse de um objeto concreto, o seio em si mesmo. É o não-seio. Aqui se introduz o pensar, que é imaterial e simbólico. (p.23).

Então, a partir da ausência do objeto de satisfação, pode se desenvolver o pensamento se o bebê tolerar a frustração dessa ausência. De maneira análoga, em uma sessão, quando um paciente tolera a frustração de não receber respostas prontas, pode brotar o desenvolvimento de sua capacidade para pensar sobre aquela falta. Pois se simplesmente o bebê (paciente) com fome encontra o seio (algum conselho), ele mama, tem a experiência de alívio da fome e fica satisfeito. Nessa condição de tensão e satisfação imediata não há estímulo ao pensamento, devido ao fato do bebê já estar satisfeito. Por outro lado, a ausência do objeto leva a mente a perceber que falta algo, assim como perceber que algo existia e então desapareceu e que desse algo o bebê necessita.

Assim pode-se pensar que Bion não gostava de dar respostas prontas a seus pacientes, ou plateia, e estimulava uma questão com a produção de mais perguntas. Com essa atitude, pensava ele, estimular o desenvolvimento do pensamento, fato corroborado pelo apreço que tinha pela frase do francês Maurice Blanchot: “*La response est malheur de la question*” (Bion, 2004, p.06). De maneira simplificada, a tradução dessa expressão francesa seria: a resposta é a desgraça da pergunta.

Seguindo a analogia mãe-bebê, segundo Sandler (2009), no livro “O aprender com as experiências”, Bion (1962/1991) tomou emprestado da poesia e da música o termo *reverie* para descrever com detalhes um tipo de desintoxicação que a mãe faz ao receber as angústias de seu bebê. A relação mãe-bebê era entendida por Bion como sendo a fonte de todos os conhecimentos; por isso a frequência com que a utilizava. Sendo assim, Sandler (2009) descreve que “a mãe desintoxica estímulos primitivos advindos tanto da ansiedade de aniquilação descrita por Klein como de fatores endógenos, que constituem os elementos-betas” (p.24). Segundo o mesmo autor, Bion fornece em detalhes o funcionamento da identificação projetiva, considerando-a como um meio de comunicação e lhe atribuindo a qualidade de realista. O termo realista será dissecado em pormenores logo adiante, por ter muita proximidade com a suposta comunicação intuitiva.

Ainda em “Aprendendo com as experiências”, Bion (1962/1991) forja uma nova expressão chamada de continente-contido. Nessa expressão, de acordo com Sandler (2009), Bion usa a metáfora do seio e do bebê ou da dupla pênis-vagina, representando o ato criativo

de um casal, inclusive o casal analítico, ora um sendo continente ora sendo contido do outro. Essa analogia tanto serve para raciocinar analiticamente na sessão, como também ser utilizada em debates teóricos. Ainda na perspectiva de Sandler (2009), “Bion aprofunda o estudo da posição esquizoparanóide, que se caracteriza pelas idéias onipotentes e oniscientes, fantasias de superioridade (paranoide) e mecanismos mentais de negação e clivagem e projeção (esquizo)” (p.22). No período relativo à produção dessas teorias, ganhava força entre os analistas kleinianos uma espécie de supervalorização da posição depressiva em relação à posição esquizoparanóide. A posição depressiva estava sendo vista como uma espécie de alvo terapêutico.

Bion, segundo Sandler (2009), deu um enfoque mais dinâmico à relação entre essas duas posições. Considera-as não somente um processo linear do desenvolvimento, mas também que a posição esquizoparanóide e a posição depressiva conectam-se através de um intercâmbio e oscilam a cada momento da sessão de uma para outra. Um movimento de ir e vir como o pulsar, ou a sístole e diástole cardíaca. Para demonstrar este movimento, Bion (2004) coloca uma posição ao lado da outra, unidas por duas setas em sentido contrário, assim como é feito para indicar uma equação química. E.P (esquizoparanóide) e P.D (depressiva) P.S \rightarrow \leftarrow P.D. Estas oscilações das posições podem ser detectadas observando a atitude e a fala do paciente, durante as vicissitudes de uma sessão.

7.4 Elementos de psicanálise

Em 1963 Bion publica “Elementos de psicanálise” (1963/2004a) e, segundo Zimmerman (2004), neste livro ele tenta livrar a psicanálise do excesso de teorias, procurando buscar os elementos fundamentais que estão presentes em todas as sessões.

De modo análogo, assim como a produção de uma canção seria formada pela combinação das sete notas musicais, em uma sessão de análise também estariam presentes esses sete elementos, mas, neste caso, os elementos seriam psicanalíticos. Assim, Bion (2004a) comenta que as “abstrações destinadas a construir elementos de psicanálise teriam de ser capazes de combinar-se a fim de representar todas as situações psicanalíticas e todas as teorias psicanalíticas” (p.21). O autor considera esses sete elementos da psicanálise como sendo funções da personalidade.

Ao investigar a descrição desses elementos, constata-se que, ao começar a descrevê-los, Bion (1963/2004a) comenta de modo introdutório e didático os quatro primeiros: a relação

continente conteúdo como primeiro, a relação entre as duas posições (P.S–D) como o segundo, os vínculos e seus símbolos (L, H e K) sendo o terceiro, e a relação entre idéia (I) e razão (R) o quarto. Verifica-se então em Bion (2004a)

Vou representar o primeiro elemento.... Ele representa um elemento que, embora com certa perda de precisão, poderia ser chamado de a característica fundamental da concepção de identificação projetiva, de Melanie Klein.... Ele é uma representação de um elemento que poderia ser denominado como a relação dinâmica entre continente e conteúdo.... Represento o segundo elemento por $P.S \rightarrow \leftarrow P.D$. Pode se considerar que ele represente, aproximadamente, (a) a reação entre as posições esquizoparanóide e depressiva, descrita por Melanie Klein; e (b) a reação precipitada pela descoberta do fato selecionado, descrita por Poincaré. Já discuti os sinais L, H e K, em “Aprendendo da experiência”. Eles representam vínculos entre objetos psicanalíticos... usarei a notação R derivada da palavra razão e das realizações que pensamos que ela representa; e I, derivada da palavra ideia e de todas as realizações que ela representa, inclusive aquelas representadas por pensamento. I é para representar objetos psicanalíticos compostos de elementos-alfa. (p.19).

Os três últimos elementos, sendo eles as transformações, a relação narcisismo e socialismo e a dor psíquica, são descritos ao longo dessa obra citada, mas que não serão tratados por ora.

7.5 A Grade

Segundo Zimmerman (2004), por volta de 1963 Bion publica o artigo sobre a Grade, no qual

Bion retoma alguns dos temas que tratou no livro anterior, introduz os modelos dos mitos de Édipo, do cemitério real de UR, do Jardim do Éden, da Torre de Babel e da Morte de Palinuro, aborda o problema dos mentirosos e antecipa outros temas que abordará mais profundamente no livro seguinte, “As transformações” (p. 41).

Este sistema, a Grade, segundo Rezze (2009) foi criado por Bion para obter os conhecimentos advindos da experiência da sessão, podendo ser aproveitados de modo organizado e permitindo ao analista ter acesso aos elementos da psicanálise fora das sessões. Nas palavras de Rezze (2009), “a Grade criada por ele, talvez uma de suas inovações mais inventivas, é um instrumento que permite categorizar enunciados expressos na sessão psicanalítica e acessar os elementos de psicanálise” (p.78). Este sistema é para ser utilizado posteriormente ao atendimento com o paciente e, de acordo com Sandler (2005), também serve para o analista utilizar sua intuição, ao refletir a respeito dos fatos acontecidos durante o encontro analítico e verificar o nível das evoluções do pensamento tanto seu quanto do seu paciente. Zimmerman (2004) descreve que a Grade “consiste em um sistema cartesiano, com o

entrecruzamento de um eixo vertical (Gênese do pensamento) e um horizontal (utilização dos pensamentos)” (p.88).

Segundo Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T. (1973), a Grade deve ser um instrumento flexível e ajustável aos elementos que surgem em cada sessão, porém nunca deve ser utilizada durante a mesma. Antes ou depois sim, não como um método de registro de sessões, mas para que o analista sozinho possa refletir e testar a utilidade ou não das teorias que utiliza. Também serve para que o analista revise de modo crítico a sessão como uma espécie de auto-supervisão e com isso possa levantar hipóteses especulativas mediante as transformações que faz ao colocar objetos psíquicos para escrutínio na Grade.

A vantagem é que todo esse processo analítico, de instaurar novos vértices para o mesmo caso, pode ser feito mesmo na ausência do paciente. Com os comentários de Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T. (1973) conclui-se que:

A utilidade da grade é também a de facilitar a comunicação entre analistas; aplicando o modelo proposto por Bion, é possível referir-se ao material de um paciente, ou a um mito, indicando sua categoria na grade, evitando assim a necessidade de explicações sobre a gênese e usos do material, mito ou sonho em questão. Esse recurso é utilizado por Bion em muitos dos seus livros, e portanto é necessário, para o leitor, estar familiarizado com a nomenclatura que surge do uso da grade. (p. 89).

7.6 Transformações

Uma das partes finais da obra de Bion, segundo Sandler (2009), está na sua publicação do livro “Transformações” (Bion, 1965/2004b) no ano de 1965. Nessa obra são trabalhados os conceitos de transformações e de invariância, os quais serão descritos respectivamente a seguir. Com relação ao conceito de transformações, Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T. (1973) comentam que:

Transformações significa mudança de forma.... A teoria psicanalítica considera o conteúdo manifesto de um sonho como resultado de um processo (a elaboração onírica) que transformou em imagens visuais as idéias latentes, os sintomas como expressão transformada de um conflito e a transferência como versão transformada, repetida na relação com o terapeuta de situações infantis reprimidas. (p.92).

Percebe-se que, com essa descrição, Bion coloca um novo olhar sobre as teorias psicanalíticas, não com intenção de criar mais conteúdos teóricos, mas dando uma característica mais dinâmica ao método de observação em psicanálise. É possível cogitar que

a teoria bioniana considera que toda a realidade observada está em constante transformação, assim como toda a prática psicanalítica se realiza sobre algum material que já foi transformado. Essas transformações são realizadas pelo observador, no caso o analista, que, diante do que escuta e vê no paciente, transforma suas impressões em uma interpretação articulada. Do mesmo modo o paciente ao receber a interpretação do analista a transforma em algum tipo de compreensão ou de não compreensão. Corroborando essas afirmações Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T. (1973) prelecionam que:

Chama-nos a atenção para o fato de que estamos permanentemente observando e realizando transformações. As associações do paciente, formuladas em palavras, são produto de uma transformação de pensamentos e emoções; esses pensamentos referem-se (a fatos externos e internos, passados ou presentes) dos quais, por sua vez, são transformações. Do mesmo modo, a interpretação psicanalítica é uma transformação verbal dos pensamentos do analista, e estes são partes de um processo de transformação de uma experiência emocional em contato com o paciente. (p.92-93).

Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se construir a hipótese de que a intuição também possa ser um fenômeno de percepção, resultado de uma transformação dos conteúdos psíquicos presentes no campo analítico, em dinâmica interação entre os inconscientes da dupla, durante uma sessão de análise. Essas transformações intuitivas podem resultar em uma percepção direta do instante presente, sem que necessite passar pelo processo de raciocínio lógico-verbal.

Considerando a contribuição teórica do livro “Transformações” (Bion, 1965/2004b), Sandler (2009) comenta que Bion descreve três tipos de transformações a serem observadas numa sessão de análise. São elas a seguintes: Transformações em movimento rígido (correspondente à transferência observada por Freud), transformações projetivas (relativa à identificação projetiva observada por Klein) e transformações em alucinação; esta última sendo uma espécie de média das duas anteriores. Este termo foi emprestado da psiquiatria para designar a presença de uma alucinação em uma personalidade com juízo crítico de realidade preservado. Em outras palavras, uma transformação que gera uma alucinação corriqueira na vida cotidiana, tendo uma psicodinâmica diferente das alucinações advindas de um surto psicótico, onde o teste de realidade está prejudicado.

Para representar as origens absolutas das transformações, ou seja, seus fatos iniciais, Bion utiliza para isso a letra (O). Este signo (O), já foi explicado como sendo a origem, a realidade última, a coisa em si, o incognoscível; em outras palavras, o inconsciente desconhecido.

Diante dessa parte do trabalho de investigação sobre as transformações, falta a explicação sobre o conceito de invariâncias. Os invariantes são aqueles elementos originais (O) que

permaneceram inalterados, ou seja, que não sofreram alteração pelas forças das transformações. Como descrito por Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T. (1973)

A invariância é a que permite reconhecer, no produto final, o original transformado.... A água, como estado ou fato inicial de um processo de transformação se transformará em gelo ou vapor.... A invariância pode residir na estrutura molecular da água, no significado que vai variar segundo o meio que se efetua a transformação e segundo o ponto de vista com que o observador se aproxima do processo.... Utilizando os sinais propostos por Bion, diremos que invariância refere-se aos aspectos não alterados de O. (p.93-94).

No caso desse exemplo, a estrutura molecular da água é uma invariante, pois é a parte que se mantém inalterada apesar das várias transformações sofridas no seu estado de líquido a vapor. Neste mesmo texto, Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T. (1973) usam a comparação de um pintor, que olha uma paisagem e depois a reproduz, pintando em uma tela. Considera a paisagem como sendo O que foi transformado gerando a pintura no quadro. Ao fazer a observação da gravura do quadro é possível fazer uma afirmação que ela representa uma paisagem, isso devido a um aspecto dessa imagem permanecer inalterado na pintura. Esse algo inalterado na pintura denomina-se de invariantes.

Na prática analítica sobre a égide da teoria das transformações, segundo Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T. (1973) é possível identificar no relato de um determinado paciente algo (as invariantes) que deram origem ao seu discurso ou que estão motivando seu comportamento na sala de análise. Através desse tipo de observação, facilita ao analista perceber o que de fato o paciente está querendo lhe comunicar. Em continuidade ao esclarecimento de (O) na prática analítica, Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T. (1973) comentam que se atribui ao sinal (O) tudo aquilo que é desconhecido do paciente e a realidade psíquica modificada pelas suas próprias transformações.

Ao processo de saber algo a respeito de (O), ou seja, conhecer algum aspecto transformado de (O), Bion denomina essa parte, ou esse conhecimento obtido, como (K). Noutras palavras, um fragmento de (O) nutre o vínculo do conhecimento (K), gerando Transformação de O para K, $O \rightarrow K$. Em um exemplo ilustrativo, este tipo de transformação acontece quando o analista produz uma interpretação, apontando alguma característica da personalidade do paciente, e a partir dessa, o paciente fica sabendo algo respeito de sua própria personalidade. Porém não basta somente o paciente ficar sabendo algo (K), sobre sua personalidade. De acordo com Bion (2004b) para que seja efetuada uma mudança verdadeira, levando com isso a um crescimento mental, é necessário que a mudança prossiga agora do saber algo a respeito de sua personalidade (K), para se tornar esse algo (O). (O) nesse sentido, quer dizer, vir a ser. Ou seja, agora no sentido inverso, transformação de K em O, $K \rightarrow O$.

Nesse processo com as palavras de Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T(1973) é possível observar que

Bion acrescenta transformações em O. Esta contrasta com outros tipos enquanto se relacionam com mudança, o crescimento, a percepção interna e o vir-a-ser O ... A transformação em O é algo assim como tornar-se o que se é. (p.104).

Como em alguns exemplos, utilizados por Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T(1973) nesse mesmo texto, ao receber uma interpretação sobre a atuação da sua inveja ou ciúmes, o paciente não só aceita esse conhecimento sobre si, $O \rightarrow K$, mas também se transforma no que se revela esse conhecimento, $K \rightarrow O$. Ou seja, o paciente se reconhece como sendo invejoso ou ciumento. Um processo de saber sobre si, para ser si mesmo. Assumindo ser invejoso, ou seja, com a transformação de (K) para (O), o paciente está agora em condições de lidar com sua inveja e até se livrar dela, pois se não reconhecer-se assim, ele não pode iniciar nenhuma mudança em relação a esse sentimento, uma vez que não o assume.

Assim, ao receber a notícia fornecida pelo analista, sobre sua inveja, o paciente pode aceitar esse sentimento em si mesmo, evoluir e crescer, desenvolvendo sua personalidade e ir gradativamente lidando melhor com sua personalidade invejosa, ou ciumenta. Neste movimento é que se apresentam as grandes resistências psíquicas. Não é possível alguém se livrar da inveja, ciúmes, ou qualquer outro sentimento se ela não se reconhecer como sendo invejosa, ciumenta, etc. E essa transformação $K \rightarrow O$ pode ajudar a pessoa a lidar com qualquer outra emoção que a perturbe, expandindo seu mundo mental.

Apesar de trazer crescimento para a mente do paciente, essa mudança de $K \rightarrow O$ nem sempre acontece de maneira tranqüila, devido às resistências que defendem o aparelho psíquico de uma erupção de conflitos, tanto da parte neurótica quanto da parte psicótica da personalidade do paciente. Sendo assim Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T (1973) apontam que “as transformações em O tem sempre um caráter disruptivo mobilizado por Bion como mudança catastrófica. Essa expressão liga uma conjunção constante, uma configuração de fatos caracterizados como violência, subversão do sistema e invariância na relação continente”. (p.05).

Por essas afirmações entende-se que as transformações para se tornar o que se é, $K \rightarrow O$, são catastróficas, pois trazem à tona situações emocionalmente carregadas que foram reprimidas justamente pelo seu caráter extremamente angustiante ou até mesmo assustador para a consciência como é o caso da sexualidade infantil. Para articular essa transformação de $K \rightarrow O$ dentro de uma fundamentação teórica conectada com a prática psicanalítica, Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T(1973) fazem a seguinte reflexão:

A personalidade neurótica enfrenta problemas derivados de seus conflitos infantis reprimidos, que podem manifestar-se no tratamento analítico como fenômenos transferências e que são abrangidos compreensivamente, por exemplo, pela teoria do complexo de Édipo. Na teoria das transformações, essa área esta coberta com a denominação de transformações de movimento rígido, e nesse contexto vir a ser O é ser consciente das tendências incestuosas com suas concomitantes ansiedades de castração. As resistências que a personalidade opõe à transformação $K \rightarrow O$ incluem os fenômenos resistenciais classicamente descritos por Freud. (p.105-106).

Prosseguindo no caminho do entendimento das transformações de $K \rightarrow O$, de acordo com Zimmerman (2004), Bion republica seu artigo “Mudança catastrófica” no livro “Atenção e interpretação” no ano de 1970, colocando o no capítulo XII com o nome de “Continente e contido transformados”.

O interesse desta pesquisa está voltado à compreensão de como a mente do analista opera para captar a realidade psíquica do paciente e, em específico, como o analista pode melhor lidar com sua intuição psicanalítica para realizar esse processo de apreensão. Em consonância com esse propósito, no livro “Atenção e interpretação” (Bion, 1970/2007) também é possível vislumbrar um movimento do autor similar a esse mesmo objetivo de investigar as percepções intuitivas, e também pode ser observada a relação que a operação mental de transformar de $K \rightarrow O$ guarda com a intuição do analista.

Assim pode-se constatar no trecho a seguir, onde Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T (1973) comentam sobre o objetivo de Bion, de que “seu enfoque está, em muitos momentos, centrado no analista durante a sessão, na experiência psicanalítica, na difícil tarefa de captar as transformações de O para interpretá-las e tentar a transformação $K \rightarrow O$, no paciente” (p.107).

No olhar de Bion sobre os fenômenos como as transformações, por exemplo, é possível inferir que se apresenta no método bioniano de observação uma postura diferente da psicanálise clássica. Bion (2004b) por considerar a realidade psíquica imaterial, não acessível aos órgãos do sentido, prefere que se use o verbo intuir em contraste com os verbos ver, tocar, ouvir, etc. Nessa paisagem mental de observar o que não pode ser visto, surge em Bion à noção de intuição, como um método para captar o O da sessão, como descrevem Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T (1973)

O vértice psicanalítico é O, quer dizer, o desconhecido, o novo, aquilo que ainda não evoluiu. Supomos que pode evoluir até um ponto que nossa intuição o capte e que lhe coerência. Os desenvolvimentos ou evoluções de O se apresentam à intuição do analista e este deve esperar que uma tal evolução ocorra para formulá-la em uma interpretação. (p.107).

Esse processo de aguardar o surgimento de algo coerente, Bion (2004b) chama de

paciência. Também é descrito por ele como uma mudança entre a posição esquizoparanoide, onde predominam as dúvidas, os objetos parciais, desordenados e com coloridos persecutórios, e a posição depressiva, onde surge uma conclusão, organização do pensamento caracterizado pela coalisão dos objetos bons e maus em um único objeto, o objeto total. Esta transição é exemplificada em algumas passagens de Bion (2004b), citando como exemplo o aparecimento de um *insight*. Essa transição de algo desordenado, confuso e paranoide para a percepção de um objeto psíquico com forma, sentido e coerência, é descrito na teoria Bioniana através do conceito de evolução. Esta evolução ocorre, segundo Bion (2004b), pelo aparecimento de uma súbita intuição, esta podendo aparecer em ambas as mentes do analista ou do paciente. Porém, no caso desse trabalho, foca-se na intuição da mente do analista. Também constituindo essa evolução de confusão para fusão, surge a noção desse objeto psíquico agora com sentido, que Bion, então, chama de fato selecionado. A ideia da expressão fato selecionado Bion importou do matemático Poincaré. Este conceito será abordado em um capítulo posterior devido a sua íntima relação com a noção de intuição como postula Bion (2004). Todos esses fenômenos podem ser repensados com a ajuda de Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T (1973)

A reunião por meio de uma intuição súbita desencadeante de uma massa de fenômenos aparentemente dispersos entre si, reunião que dá coerência e significados aos fenômenos, é o processo chamado evolução. Este processo é análogo ao que descreve Poincaré no surgimento do fato selecionado, como fator fundamental no descobrimento, e produz-se, ou deveria produzir na mente do analista durante a sessão analítica se este se encontra num estado de ânimo apropriado. Esse processo também pode ser descrito por analogia com a passagem da posição esquizoparanóide para a depressiva, como a fase de ter paciência para a fase de segurança. (p.107-108).

A partir dessa etapa, onde foram abordados os conceitos de transformações, de invariâncias, de fato selecionado e de evolução, fica mais claro e embasado o motivo dessa investigação ser sobre a intuição. Como se pode observar, na utilização prática das teorias psicanalíticas bionianas, há um salto, uma operação mental não causal que se dá, ou que a mente alcança ao se dar conta de um objeto proveniente da realidade psíquica. Algo que não se relaciona necessariamente com a percepção dos órgãos dos sentidos, pois não é material. E de modo particular, Bion utiliza a noção, a ideia, ou seja, a palavra intuição, atribuindo a ela a responsabilidade de ser o veículo utilizado pela mente do analista para apreender um fato selecionado, descortinando com esse fenômeno a realidade psíquica do paciente (O).

7.7 A Memória, o Desejo e a Intuição

É previsível arguir sobre como então deveria ser a atitude de mente a ser preconizada para que o analista esteja apto para intuir um fato selecionado na sessão? Essa questão remete a um dos grandes trabalhos de Bion, publicado em 1967, que marcou profundamente sua técnica, intitulado de “Notas sobre memória e desejo” (1967/1990). Nesse trabalho o autor comenta que o “único elemento de importância em qualquer sessão é o desconhecido. Não se deve permitir o que quer que seja que distraia de intuí-lo” (Bion, 1967/1990, p.31). E no processo de o analista preparar sua mente pra intuir o O (desconhecido), ele deve evitar a proliferação da memória e do desejo. Iluminando essa teoria de Bion com o ponto de vista de Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T (1973) aparece com mais clareza esse questionamento fundamental:

Qual é o estado mental adequado para a captação intuitiva das evoluções de O? Bion propõe evitar sistematicamente o recordar e o desejar, já que a memória e o desejo com sua base sensorial interferem na intuição e, portanto, na possibilidade de contato com o O em evolução. (p.108).

Em mais essa passagem vai se confirmando que, na obra de Bion, a intuição tem um papel preponderante como método de se chegar aos aspectos desconhecidos (O) do paciente. E também fortifica a premissa, levantada por esse pesquisador, que propõe com essa investigação científica, conhecer mais de perto o fenômeno da intuição psicanalítica. Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T (1973) assim como já escrito em capítulos anteriores dessa pesquisa, fazem uma conexão entre a proposição bioniana sobre a memória e o desejo como conceito de atenção flutuante, uma vez que o analista, seguindo essa atenção, não deve ter inclinações prévias diante do material que o paciente lhe oferece.

7.8 A capacidade negativa

A disciplina mental que o analista deve ter frente à memória e o desejo, traz consigo uma outra noção bioniana denominada de capacidade negativa. Esta expressão teve sua origem em uma carta escrita pelo poeta John Keats. E, segundo Zimmerman (2004), “O conceito de capacidade negativa, mencionado por Bion, diz respeito à capacidade que o psicanalista deve possuir para suportar, na situação analítica, um estado de, não saber, o que está se passando entre ele e o analisando” (p.67).

A capacidade negativa é um estado de mente de tolerância à frustração, frente às dúvidas que o analista sente diante o desconhecido (O) do paciente. Esta capacidade é frequentemente preconizada por Bion (2007). Ou seja, para facilitar a percepção intuitiva de O, o analista deverá exercitar sua capacidade negativa. Devido a sua constante aparição nos textos de Bion, segue a citação dessa carta escrita por John Keats, de onde deu origem à expressão capacidade negativa e, para tal, toma-se como referência a citação de Bion (1970/2007):

Eu tinha não uma disputa, mas uma discussão formal com Dilke em diversos assuntos; várias coisas concatenavam-se na minha mente, e imediatamente me ocorreu que qualidade resultava na formação de um Homem de Consecução, especialmente na literatura, e que Shakespeare possuía tão colossal mente. Estou falando da Capacidade Negativa, ou seja, quando um homem é capaz de existir nas incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer esforço irascível por obter fato e razão (p.131).

Neste ponto de sua obra, Bion (2007) comenta sobre a linguagem de êxito (*language of achievement*) como sendo a maneira de exercitar a capacidade negativa. Tal linguagem também é descrita pelas palavras de Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T (1973).

A linguagem de êxito deriva da possibilidade de tolerar a dúvida, os mistérios, as meias-verdades. É a linguagem que é ao mesmo tempo um prelúdio para a ação e um tipo de ação em si mesma. É a linguagem que o analista deve conseguir, e essa linguagem está vinculada ao estado de não ter memória nem desejo, ao estar em contato com o paciente durante a experiência única e intransferível que é cada sessão psicanalítica (p.109).

7.9 Uma Memória do Futuro

Segundo Zimerman (2004) “uma memória do futuro” (Bion, 1996) é uma obra que marca o final da obra de Bion enquanto escritor. Apresenta-se não com uma intenção formalmente científica, mas composta por vários personagens conversando de maneira surrealista sobre a vida e sobre a psicanálise. Nesses diálogos lúcidos e históricos, há alternância entre trechos cômicos e passagens autobiográficas. Sobre as características inusitadas dessa obra, que rendeu coloridos polêmicos ao legado de Bion, Zimerman(2004) comenta que:

“Uma memória do futuro” é de leitura muito difícil, tanto que, em um primeiro momento, as editoras se negaram a publicá-lo, e Bion o fez a suas expensas porque tinha uma predileção por essa trilogia, por acreditar que estava lançando as sementes da construção do futuro da psicanálise (p.45).

Ainda seguindo com Zimerman (2004), a obra acima citada aproxima-se mais de uma literatura de ficção científica e apresenta características poéticas que trouxeram dificuldades

de aceitação pelo *establishment* psicanalítico, embora possua muitos *insights* clínicos e sobre a vida. Ainda sobre essa obra, Sandler (2009) comenta que

Parece o mais próximo que já se conseguiu de uma análise em formulação escrita. Título paradoxal... machadiano . Elaborada com rara liberdade de associar e com amor à verdade, é uma obra profundamente psicanalítica pelo fato de criar realizações escritas notavelmente próximas do funcionar onírico. (p.13).

Escrita quando Bion tinha aproximadamente 80 anos de idade, essa trilogia marca sua maturidade e marca reflexões através dos diálogos fictícios de praticamente tudo que já tinha escrito até aquele momento. A propósito de ilustração, segue um pequeno trecho de um desses múltiplos diálogos entre os personagens fictícios Alice, Roland, Rosemary, Sacerdote e P.A presentes no volume II, Bion (1996, p. 292):

Alice: Quem são eles?

Roland: Você ainda não sabe? Esta é sua festa.

Alice: Não, é a festa de Rosemary.

Rosemary: Não, é a festa do tempo que passou.

Sacerdote: Esta é a festa do P.A

P.A: Não. A minha festa não é a festa do tempo passado. Sempre o erro de pensar que o passado é propriedade da psicanálise; o passado é propriedade do arrependimento. E o arrependimento é um convidado na festa da psicanálise, mas não o anfitrião; nem a psicanálise é do domínio do arrependimento. O arrependimento é algo tão fútil ao ponto de ser considerado importante pela religião, que o trata com deferência.

Sacerdote: Já se passaram séculos desde que tudo foi futilidade, e o fútil arrependimento tomou o lugar de Deus.

Aparecem ao longo da obra vários outros personagens imaginários, com conversas quase teatrais, comentando sobre as teorias da transferência, complexo de Édipo, identificação projetiva, a relação entre as duas posições no vértice de Klein, clivagem , amor, ódio e guerra, sobre aspectos da masculinidade, da feminilidade, entre outros. Dentre esses outros aparece nessa obra o tema da intuição, tão precioso à pesquisa em pauta. Sandler (2009) considera a trilogia um tipo de agrupamento teórico de forte cunho clínico, que pode muito ajudar os que lidam com a prática da psicanálise.

Com o propósito de ilustrar os diálogos de como o tema intuição aparece na trilogia supracitada, Sandler (2005), em seu dicionário sobre os conceitos de Bion, na secção destinada ao vocábulo intuição, cita uma passagem, onde os personagens Robin e P.A conversam sobre a intuição em seu sentido feminino:

Robin: Eu estou interessado em saber o que P.A pensa sobre intuição maternal. Você acredita que psicanalistas dotados de paternidade seriam capazes de tal discriminação delicada?

P.A: Algumas vezes acho que sim, mas não geralmente. Entretanto, a psicanálise possibilita ao psicanalista a aprender algo e até mesmo transmitir isso. Existem ocasiões em que a resistência é

ultrapassada com impressionante rapidez, um número de fatos mostra a relação deles pela primeira vez. Isso é quase uma revelação (Bion, 1996, p. 515, citado por Sandler, 2005, p. 356)

Assim como esta citação, existem outras passagens em Bion (1966) onde os personagens dialogam sobre a intuição. Esse tema aparece também em outra passagem onde o personagem P.A diz que quando ele tentou empregar os termos alfa e beta, descobriu que conceitos sem intuição são vazios, e intuições sem conceitos são cegas. Aparecendo mais uma, dentre inúmeras vezes na obra de Bion uma alusão a essa frase do filósofo Kant. Para concluir uma abordagem geral sobre essa trilogia de Bion, utiliza-se para tanto a consideração de Sandler (2009):

Seus estudos finais, dos quais faz parte a trilogia “Uma memória do futuro”, desmitificam idealizações das quais foi alvo e que observou serem destrutivas para o desenvolvimento humano... talvez Bion componha com Freud, Klein e Winnicott, o grupo que possibilitou a prática de uma psicanálise real. Instrumentaram sua prática psicanalítica com experiências de vida e não com construtos imaginativos ou teorias racionalmente palatáveis. Integra de modo original as mais caras aquisições da obra de Platão, Bacon, Locke, Hume, Kant, do período romântico e da ciência moderna pós-Einstein e Heisenberg. Se essa coletânea de tolerância humana a paradoxos vier a ser descoberta, provocará avanços também fora da psicanálise propriamente dita, como a obra de Freud o fez em sua época. (p.02).

7.10 Cogitações

Finalizando a introdução sobre a obra de Bion nesta pesquisa, tem-se o fato do surgimento de sua obra póstuma. Ocorreu que após a morte de Bion, sua esposa Francesca pesquisou manuscritos e rascunhos produzidos por Bion em vida, onde continham várias reflexões expondo suas dúvidas e especulações sobre quase todos os assuntos de sua teoria. Com essa atitude de garimpo bibliográfico, Francesca Bion entregou para os interessados em conhecer a vida e a obra desse autor um grande legado. No ano de 1992, surge essa coletânea de textos publicados com o título de “Cogitações” (Bion, 2000).

8 ALGUMAS IDEIAS BIONIANAS PARA BALIZAR O ESTUDO DA INTUIÇÃO

Este capítulo irá tratar de enfatizar algumas partes da teoria de Bion que possam posteriormente contribuir para a investigação do fenômeno da intuição psicanalítica. A princípio será descrita a teoria sobre a função-alfa, assim como seus produtos, os elementos-alfa e também os elemento-beta. No aprofundamento sobre os produtos da função-alfa é possível constatar que, devido à atividade dessa função, surge um agrupamento de elementos-alfa constituindo a noção de barreira de contato. Outro ponto a ser iluminado nesse momento é o conceito de *reverie* e o conceito kleiniano de identificação projetiva e a identificação projetiva realista termo cunhado por Bion(1973).

8.1 A Função Alfa

Ao iniciar estudo do tema função alfa, destaca-se que esse conceito é um pouco difícil de compreender de início, devido à expressão função alfa não ter nenhum parâmetro prévio de referência teórica para que se possa basear. Tal função precisa ser vista com a atitude de um novato, de um principiante que mantém sua mente aberta ao novo e ao desconhecido. Desta forma progressivamente se descortinará o significado da atividade alfa à medida que a investigação prosseguir.

Dentro do panorama da gênese da função alfa, Bion (1991) comenta que, de acordo com seu entendimento, a teoria sobre a consciência como um órgão sensível do atributo psíquico que Freud postula não é suficiente para explicar determinadas experiências da prática clínica, tanto que afirma que: “Ao lidar com as personalidades incapazes do sonhar verdadeiro, como os psicóticos ou fronteiriços e com as partes psicóticas da personalidade, a teoria da consciência, como órgão sensível do atributo psíquico não é satisfatória” (Bion, 1991, p. 82) Para poder resolver as contradições que aparecem na investigação dos casos clínicos fronteiriços, Bion (1991) propõe a idéia de uma nova teoria que tem algumas diferenças com a teoria da consciência de Freud. A atividade da mente atribuir significados à experiência sensorial e emocional, Bion (1991) a denominou de função alfa, explicando os detalhes dessa nova teoria com as seguintes palavras:

A fraqueza da teoria da consciência manifesta-se na situação para que proponho a teoria da função-alfa que, ao desenvolver elementos-alfa, origina a barreira-de-contato, entidade que

separa elementos, uns de um lado são e formam o consciente e do outro são e formam o inconsciente. A teoria da consciência é fraca, não falsa. Pois retificando a com a teoria da função alfa, afirmo que, consciente e inconsciente formando-se assim juntos, são de visão binocular, capazes portanto de correlação (p. 82).

Ao contrário dessa visão binocular consciente e inconsciente, a teoria da consciência de Freud apresenta, segundo Bion (1991), uma percepção monocular, devido a que se a instância consciente percebe algum fato, a parte inconsciente não tem condição de fazê-lo. Assim sendo, Bion (1991) comenta: “por esses motivos e outros advindos da experiência de psicanálise, com a classe de pacientes em quem a parte psicótica da personalidade se impõe, parece-me insatisfatória a teoria dos processos primário e secundário (p. 82).

Bion (1991) escolheu propositalmente a expressão função alfa, por ela ser totalmente desconhecida e destituída de sentido. Sendo assim, ela não está contaminada ou saturada por significados prévios. Afirmação confirmada por Zimerman (2004), quando se refere a esta função, apontando que “Bion utiliza esta expressão com vagueza intencional, para evitar que o psicanalista fique saturado com uma única teoria do pensamento” (p. 87). Com essa atitude, parece que Bion teve a intenção de deixar a expressão função-alfa à espera de um sentido, aguardando que após cada investigação psicanalítica particular seja atribuído um significado específico, guardando semelhança com o X em um enunciado matemático. Nesse sentido, Bion (1991) afirma:

Recorro deliberadamente à expressão função alfa por ser destituída de sentido. ... De vez que o objetivo da expressão sem sentido é prover a investigação psicanalítica do equivalente à variável dos matemáticos, a incógnita a que se confere valor. ... o simples fato entanto, de se usar a expressão função alfa numa investigação especial, inevitavelmente conduz ao seu reinvestimento com significações que se derivam de investigações já efetuadas no campo (p. 20).

Essa passagem ocorre no início do livro “O aprender com as experiências” (Bion, 1962/1991) e demonstra como o autor valoriza mais as dúvidas e o estímulo da mente a questionar do que as respostas prontas e as certezas. O próprio conceito de função alfa já é um estímulo para que se utilize tanto o raciocínio lógico quanto a intuição para investigá-la, uma vez que não existem conhecimentos prévios sobre essa função da mente, ou seja, sobre esse conceito. A função alfa, de acordo com Capier (2002), é um nome dado por Bion para descrever uma atividade específica da mente que atua sobre as impressões sensoriais ou experiências emocionais, transformando-as em elementos que são aproveitáveis para o aparelho psíquico. Em outras palavras, é um processo de atribuição de significados simbólicos. Esse procedimento começa com a descrição pormenorizada da função alfa e como consequência a alusão aos produtos finais da atividade dessa função, que são os elementos

alfa. Esses elementos alfa, de acordo com Bion (2000), são caracterizados como sendo elementos mentais que podem ser representados através de imagens pictográficas ou ideogramas.

Essa função, de acordo com Bion (1991), é o processo pelo qual o analista, diante do paciente, coloca sua mente a serviço de simbolizar o que o paciente não tem condições de fazê-lo. O analista empresta então a sua capacidade de atribuir significados às experiências que o paciente experimenta, mas que por natureza são impensáveis para ele. Os objetos psíquicos que não sofreram transformações pela função alfa, não podem ser pensados. A estes, Bion (1991) denominou de elementos beta. Esses elementos-beta são descritos como algo sem significado ou proveito para mente, servindo somente para ser eliminado via identificação projetiva, como se mostra a seguir:

A função-alfa atua sobre as impressões sensíveis quaisquer que sejam e sobre as emoções que o paciente percebe. À medida que a função alfa atua, produzem-se elementos alfa passíveis de se armazenar e corresponder aos requisitos de pensamentos oníricos. Se a função-alfa se perturba e por isso não atua, as impressões sensíveis que o paciente percebe e as emoções que experimenta, permanecem inalteradas. Dou-lhes o nome de elementos-beta. ... Os elementos-beta não se utilizam como pensamentos oníricos, mas são passíveis de uso pela identificação projetiva. Tem importância para produzir atuações. São objetos a evacuar (p. 26).

A citação acima fala de uma perturbação na função alfa, onde devido a essa falha as impressões sensoriais não sofrem transformações e permanecem como impressões sem sentido. A esses fatos não simbolizados Bion (1991) os denominou de elementos beta. Mas falar sobre os elementos beta é uma tarefa árdua, uma vez que eles, por natureza, não têm forma, são indescritíveis e não simbolizados. De acordo com Bion (1991), eles não possuem características que podem ser utilizadas pelo aparelho psíquico, assim como para a atividade do pensar. São conteúdos psíquicos amorfos, sem possibilidades de se articular e se relacionar com outros objetos. Bion (1991) considera que existem alguns obstáculos para a consolidação e para o desenvolvimento da função alfa, que resultam nos elementos betas, assim descrevendo-os.

Atribuo a não consolidação da função-alfa, pelos sucessivos ataques do ódio e inveja, a presença de elementos-beta, de objetos bizarros que intimamente se lhes associam e de distúrbios graves que em geral acompanham a nítida irrupção de elementos psicóticos da personalidade (p. 83).

Nesta passagem se evidencia a sua teoria sobre a parte psicótica da personalidade, onde predomina o ódio à realidade e os ataques destrutivos ao aparelho psíquico que a percebe. O aparelho perceptivo, sendo atacado, impede a função alfa de atuar. Detalhes sobre o funcionamento da parte psicótica da personalidade serão descritos mais adiante.

De certa forma, Bion, no texto acima, também começa a dar contornos a sua teoria sobre o pensamento, considerando que a mente atua sobre as experiências sensoriais, transformando-as em elementos pensáveis, ou seja, em elementos alfa que são a matéria-prima para o pensamento. Os elementos alfa servem não somente para a atividade do pensar consciente, como também para constituir os pensamentos inconscientes ou oníricos de vigília. Há uma conexão entre os pensamentos inconscientes (oníricos) e os pensamentos conscientes, de acordo com a seguinte descrição de Bion (2000):

O trabalho onírico alfa e seu produto de elemento alfa são um elo essencial entre o pensamento onírico e o pensamento consciente racional, e um elo entre esses dois é o material bruto sobre o qual ambos têm que trabalhar (p.159).

Então, a função alfa se caracteriza pela transformação de elementos beta (experiências impensáveis) em elementos alfa (com características pensáveis e sonháveis). Em outras palavras, essa função é semelhante à capacidade de simbolizar as experiências da mente em contato com a realidade. De uma maneira simbólica, é como se processa o fenômeno de humanização de uma pessoa, uma vez que é através da função alfa que a mãe trabalha atuando nos conteúdos projetados pelo bebê, atribuindo significados humanos a essas experiências. Atua também a função alfa sobre as experiências sensoriais, transformando o que se ouve, o que vê e o que se sente em algo que tenha utilidade para a mente.

Como, por exemplo, se não houvesse a atuação da função alfa, a mente não saberia o que fazer com as percepções dos sentidos físicos. Considerando essa hipótese, uma pessoa que não tivesse a função alfa atuante e estivesse em um lugar que começasse a chover, os seus sentidos físicos simplesmente perceberiam esse fenômeno sem atribuir significados a ele. No exemplo do sentido audição, sem função alfa, essa pessoa captaria o som da chuva como uma vibração auditiva inespecífica, sem conseguir relacionar esse barulho com a ideia de chuva. Assim como o sentido do tato, seu corpo, ao ser molhado pela chuva, apenas sentiria alguma coisa lhe tocando, mas nem mesmo poderia se dar conta que era a água que lhe molhava e muito menos que essa água seria do fenômeno chuva. O mesmo aconteceria com o sentido do olfato, ao sentir o cheiro da água da chuva, se não tivesse a função alfa operando, essa pessoa apenas perceberia seu nariz sendo estimulado por um odor que sua mente não poderia identificá-lo. Do mesmo modo, o sentido visão, sem função alfa a mente perceberia um estímulo visual, mas não lhe atribuiria significado de água ou chuva.

Assim, hipoteticamente, seria se essa pessoa não tivesse sua função alfa atuante. Seus sentidos teriam apenas percepções sensoriais da realidade, porém, sem significado algum; em outras palavras, as percepções permaneceriam apenas como elementos betas, sem utilidade para o aparelho psíquico.

A partir desses exemplos, é possível concluir que a mente em funcionamento com a função alfa preservada, está sempre percebendo a realidade e a transformando em algo que possa ter algum sentido para seu desenvolvimento. Mas para poder chegar nesse estágio, de atribuir espontaneamente significados à atividade sensorial, é preciso que o indivíduo tenha desenvolvido sua função alfa no início da vida.

Bion (1991), para descrever a teoria da função alfa, faz uma analogia do relacionamento mãe-bebê com a relação analista-paciente. O bebê projeta suas angústias e elementos não simbolizados na mãe e esta, ao receber esses conteúdos, utilizando de sua função alfa, trabalha transformando esses elementos não simbolizados (elementos beta), em elementos-alfa, material que agora contém significados, permitindo que o bebê os utilize para seu desenvolvimento. Processo descrito também por Neri (2013), onde o desenvolvimento da função alfa de uma criança ocorre através da relação com a função alfa do seu cuidador. Para compreender esse evento, Neri (2013) descreve essa comparação com as seguintes palavras:

A estruturação da função alfa de uma criança não ocorre devido a um desenvolvimento autônomo, e sim depende da função da mãe e de outras pessoas que cuidam da criança. Em primeiro lugar a mãe digere, através de sua própria função alfa, os sentimentos sensoriais que a criança, ainda imatura, não é capaz de metabolizar. Mais tarde a criança contando com a função da mãe, vai estruturar e ativar sua própria função alfa (p. 59).

Verifica-se que o paciente também projeta aquilo que lhe angustia, e com frequência não tem nome, para a mente do analista que, utilizando sua função alfa, transforma essas angústias (elementos beta) do paciente em elementos alfa, devolvendo para ele através de uma interpretação ou compreensão, os conteúdos projetados. Essa analogia aparece também em Caper (2002), onde ele descreve a atividade da função alfa no exercício da clínica:

... inconscientemente o paciente projeta o que Bion chamou de elementos beta (que, por definição, são incapazes de ter significado por si ou mesmo pensados) para dentro da mente inconsciente do analista (utilizando a identificação projetiva realista, conforme Bion a chamou), depois que o analista, utilizando a função alfa, converte os elementos beta projetados em elementos alfa. ... esses elementos-alfa ensina Bion, são semelhantes a pensamentos oníricos latentes. O material dos sonhos. ... então o analista pode ter o sonho que o paciente não pôde (p. 189).

Com a afirmação de que o analista tem o sonho que o paciente não conseguiu ter, de uma outra maneira quer dizer que o analista simbolizou o que o paciente sozinho não conseguiu fazê-lo. Essa expressão, do analista sonhar a sessão, de início parece ser um pouco absurda, mas com as explicações e detalhamentos sobre a função alfa que virão a seguir essa expressão progressivamente se tornará mais compreensível. Caper (2002) também comenta que o paciente utiliza-se da identificação projetiva realista para projetar os elementos-beta. O termo realista tem haver com a característica de meio real de comunicação, que Bion atribui ao conceito de identificação projetiva. Conceito que será exposto mais a frente com detalhes.

Dando continuidade ao estudo da função alfa, Bion (2000) descreve que a técnica da atenção flutuante também pode ser compreendida pela ação da função alfa, como segue nas seguintes palavras: “A atenção livre e flutuante, considerada necessária ao trabalho analítico, poderia ser então descrita como um estado de mente no qual o analista permite-se ter condições necessárias para o trabalho o alfa-onírico operar, produzindo elementos-alfa” (Bion (2000, p. 159). Sendo a atividade alfa a produção de pensamentos oníricos de vigília, que são a matéria prima de formação dos sonhos, o analista pode, de acordo com Bion (1990), evitando a memória e o desejo, entregar-se à elaboração inconsciente do material que aparece no campo analítico. Desta forma, o analista pode usar sua intuição para acessar a realidade psíquica do paciente. Em outras palavras, fornece condições para o analista sonhar a sessão junto com o paciente.

Caminhando sobre o terreno dos elementos alfa, temos uma especificação que Bion (2000) faz, comentando que os elementos alfas são melhores descritos por imagens visuais semelhantes aos pictogramas ou ideogramas. Ele utiliza um exemplo de ideograma para descrever uma atividade da função-alfa, conferindo uma representação simbólica, pictórica, a uma experiência de dor. Desta maneira, Bion (2000) descreve: “A impressão precisa ser ideogramatizada. Quer dizer, caso a experiência seja uma experiência de dor, a psique deve ter uma imagem visual do esfregar de um cotovelo, ou de uma face em lágrimas ou algo assim.” (p. 78). Esse fenômeno de nomeação da experiência emocional peculiar à função alfa, postulada por Bion, se assemelha muito com as descrições psicanalíticas sobre a elaboração psíquica na atividade do sonhar. De certa forma, analisando a citação que virá a seguir, não será insensato aglutinar os dois termos função alfa e sonho, utilizando para isso o termo sonho alfa para referir a essa atividade inconsciente de gerar significados mentais pictográficos às experiências emocionais. Corroborando as afirmações acima, demonstra Barros (2004):

Toda linguagem, portanto, tem seus limites de figurabilidade. O que é sentido como pressão interna, deve ser transposto, primeiro por meio de imagens, e, a seguir, para um canal de expressão mais amplo, feito de palavras afim de se tornar parte dos nossos processos de pensamento. Assim a função elaboradora dos sonhos começa baseada na atmosfera afetiva que formou o sonho e que provocou os pictogramas afetivos iniciais, que então são afetados pela interpretação do analista que produzem um novo sistema simbólico capaz de apreender e de transformar significados. Esses novos significados, produzidos pela experiência de *insight* e representados em sonhos pela imagética pictográfica, transformará os arquivos de memória, desfará repressões e promoverá melhor integração do *self* (p. 134).

Nesse exemplo, citado acima com a citação de Barros, fica mais claro o que Bion quer dizer com uma atividade alfa. Ela é uma atribuição de significados à experiência sensorial de dor, sendo transformada em um elemento alfa através de uma imagem (ideograma) do esfregar de um cotovelo ou da face em lágrimas. Esta experiência emocional agora pode ser utilizada pela mente para ser pensada através do uso desse ideograma. Esse processo de ideogramatização das experiências emocionais também é comentado por Barros (2004), quando este descreve os passos que ocorrem no fenômeno da elaboração psíquica que muito se assemelha à função alfa.

Sugiro que o trabalho onírico descrito por Freud não se limita ao trabalho que transforma os pensamentos latentes em conteúdo do sonho manifesto.... Ele também compreende um processo por meio do qual o significado é aprendido, construído e transformado num nível expressivo não-discursivo, baseado na representação por meio de imagens pictórico/figurativas. Nesse processo, criam novos símbolos que ampliam a capacidade para pensar sobre os significados das próprias experiências emocionais. (Barros, 2004, p.133).

Bion (2000) reconhece que extraiu grande parte das ideias sobre a teoria da função alfa de reflexões sobre os textos de Freud, especificamente sobre as teorias da interpretação dos sonhos e dos dois princípios do funcionamento mental, assim como da teoria de Melanie Klein sobre a identificação projetiva e a teoria das posições. É possível constatar essas origens freudianas nessa citação contida na interpretações dos sonhos e Freud (1900\1972):

Os pensamentos oníricos e o conteúdo onírico nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto. ... o conteúdo onírico, por outro lado, é expresso, por assim dizer num roteiro pictográfico, cujos os caracteres têm que ser transpostos individualmente para a linguagem dos pensamentos onírico.(p. 296).

Percebem-se várias alusões tanto de Bion quanto de Freud à imagens pictográficas e aos ideogramas. Isso esclarece, portanto, o quanto Bion se inspirou em Freud na construção da sua teoria função alfa e da atividade do sonhar. Devido a essas freqüentes referências aos ideogramas, é interessante fazer uma pausa para ilustrar melhor o significado dessa palavra. Os ideogramas, segundo Wikipédia (2015) têm raízes etimológicas na língua grega, sendo

compostos por (idéia + letra), ou seja, são símbolos gráficos utilizados para representar uma palavra ou conceito. Exemplos de ideogramas são os hieróglifos do antigo Egito, pinturas em cavernas e também os caracteres chineses.

Na escrita chinesa um ideograma é um desenho, que corresponde a uma idéia ou conceito. Um tipo de desenho com traços específicos representa, por exemplo, a palavra dragão. Cada ideograma chinês, de uma maneira geral, representa uma palavra. De acordo com a Wikipédia (2015), os ideogramas surgiram na antiguidade antes do advento do alfabeto. Um pictograma é um símbolo que representa um conceito através de desenhos figurativos. Através de um pictograma, de acordo com a Wikipédia (2015), é possível representar uma narrativa visual complexa abolindo-se os detalhes. Como um exemplo de pictograma, pode ser extraído da observação de pinturas encontradas dentro de cavernas antigas. Com intuito ilustrativo, elabora-se uma hipótese de se estar diante de uma caverna onde há um desenho de um mamute e atrás dele um homem correndo com uma lança nas mãos. Nesse exemplo de pictograma é possível deduzir que ali está sendo simbolizada, em dois simples desenhos, a narrativa de uma atividade complexa que os ancestrais faziam ao caçar animais para sobreviver. Então com a utilização desses tipos de pictogramas, é possível supor que os adultos conseguiam pensar a respeito daquela imagem e também ensinar seus filhos sobre a caça e a sobrevivência. Assim como também esses povos podiam sonhar sobre aquelas pinturas. Atualmente os pictogramas são utilizados e compreendidos da seguinte forma:

Os pictogramas são representações de objetos e conceitos traduzidos em uma forma gráfica extremamente simplificada, mas sem perder o significado essencial do que está sendo representado. Seu uso geralmente está associado à sinalização pública, instruções, orientações ou qualquer meio utilizado para transmitir informações. É muito comum encontrar o uso de pictogramas em diversos contextos cotidianos, como placas em shoppings, aeroportos, guias ou mapas infográficos etc. O pictograma deve por si só, e sem auxílio de textos, representar o objeto ou o conceito que se deseja e ser facilmente identificado e compreendido por quem o observa. Bons pictogramas tendem a ser compreendidos de maneira universal, ultrapassando os limites lingüísticos. Praticamente qualquer objeto ou situação pode ser transcrita em formas de pictogramas. E suas aplicações são quase infinitas.(Departamento de Design, Universidade Federal do Paraná,2012,para.1)

Com o auxílio dessas imagens específicas relativas aos ideogramas, a atividade alfa pode ser verificada e também ativada. Como exemplo de um pictograma, cogita-se que ao se observar uma figura contida em uma placa indicando um posto de gasolina e junto dessa placa outra contendo as figuras de uma faca e um garfo, desenhados, pode-se fazer várias reflexões sobre este posto. Uma delas é pensar que ali naquela região há possibilidade de se alimentar,

que ali possua restaurante ou qualquer outro raciocínio sobre alimentação. Isto é possível pelo pictograma contido na placa contendo o garfo e a faca. Ele acessa a função alfa de qualquer cultura onde se utilizem garfos e facas para comer, independente da língua.

Trazendo a noção geral do significado de pictograma para a investigação no terreno da psicanálise, percebe-se que não apresenta grandes diferenças do sentido geral exposto acima. Considera-se importante lembrar que na visão de Bion os elementos-alfa são bem representados por imagens pictográficas. Esses elementos-alfa podem relacionar-se entre si produzindo o pensamento racional, assim como fornecem material para a formação dos sonhos e para o funcionamento do pensar inconsciente de vigília. Para concluir a relação do conceito de pictograma e sua relação com a psicanálise utiliza-se de uma citação de Barros (2004), onde ele descreve como maneja o conceito de pictograma:

Utilizo o conceito de pictograma especificamente para me referir a uma forma muito inicial de representação mental das experiências emocionais, fruto da função alfa (Bion, 1963) que cria símbolos por meio de figurações para o pensamento onírico, como a fundação para, e o primeiro passo em direção aos processos de pensamento. Falando estritamente, no entanto, pictogramas ainda não são processos de pensamento, já que são expressos em imagens, em vez de um discurso verbal, e contém elementos poderosamente expressivo-evocativos. (p. 134).

8.2 A Barreira de Contato

Ao se discorrer sobre a teoria da função alfa, surgiu outro conceito que se refere à formação dos elementos alfa e a conseguinte aglomeração desses elementos, formando uma entidade que separa os conteúdos conscientes dos inconscientes, mantendo um contato mútuo entre eles. A essa entidade Bion (1991) denominou de barreira de contato. Esse conceito bioniano refere-se à somatória de vários elementos alfa; à medida que são produzidos, eles se armazenam e são organizados em grupo, assim constituindo essa barreira. Bion retirou esse termo do antigo conceito de Freud sobre a existência de uma barreira de contato semelhante a uma sinapse nervosa em seus estudos pré-psicanalíticos. Bion deu um novo significado a esse termo considerando ele como uma película comunicante. Nas palavras de Grotstein (2010), “Bion reconceitualizou a Barreira de contato... Atribuindo a ela um significado de membrana seletivamente permeável entre o consciente e o inconsciente (e o inverso), a fim de preservar a integridade e o funcionamento de cada domínio, ”. (p.87-88).

Essa função da barreira de contato, de preservar a integridade do funcionamento mental que a expressão de Grotstein comenta, também é encontrada em Zimmerman (2004). Ao discorrer sobre a barreira de contato, afirma que, “qual uma membrana permeável, impede que a fantasia prevaleça sobre a realidade”. (Zimmerman, 2004, p. 79).

Desta forma, não é insensato afirmar que essa barreira, quando em bom funcionamento, permite uma boa adaptação à realidade impedindo que elementos inconscientes penetrem na consciência de maneira maciça e desordenada, como acontece nos estados psicóticos. Também é possível supor que os constituintes dessa barreira são pictogramas, imagens visuais que se relacionam entre si, uma vez que os elementos alfa são assim descritos.

Bion (1991) explica que essa comunicação entre estas duas instâncias consciente-inconsciente, acontece na mente de modo incessante, dia e noite. Ela é formada pelo acúmulo de elementos alfas, que durante a noite produzem os sonhos e de dia geram os pensamentos oníricos de vigília. Em outras palavras, mesmo que a pessoa esteja acordada e consciente, uma parte de seu aparelho psíquico segue sonhando. Assim incessantemente, como uma via de mão dupla, as duas instâncias seguem interagindo sob o efeito do funcionamento alfa atuando sobre as impressões da realidade. Por isso que Bion deu a conotação de visão binocular à função alfa. Segundo Bion (1991), a barreira de contato é compreendida da seguinte forma:

Transfiro agora o que menciono sobre estabelecer relação entre consciente e inconsciente e uma barreira de contato entre ambos, para a suposta entidade que designo como barreira de contato. ... No sono ou vigília, a função alfa do indivíduo transforma-lhe as impressões sensíveis da experiência emocional em elementos-alfa, congruentes a medida que proliferam, formando a barreira de contato. Esta, em processo contínuo de formação, indica contato e separação entre elementos conscientes e inconscientes e indica a diferenciação entre ambos. (p. 39).

Esta formulação, segundo Grotstein (2010), foi uma grande inovação na teoria psicanalítica, onde Bion transformou a visão da teoria de Freud sobre os processos primários e secundários. Aplicou o vértice da visão binocular, inerente à função alfa, a esses dois processos. Nas palavras de Grotstein (2010), essa nova formulação explica que

Bion apagou as diferenças entre as localizações dos processos primários e secundários declarando que cada um era representado em ambos os lados da barreira de contato, um voltado para realidade interna, no inconsciente, e o outro voltado para realidade externa, no consciente (p. 89).

Na prática psicanalítica pode-se observar o surgimento dos elementos alfa, segundo Bion (1991), em forma de uma seqüência narrativa. Essa narrativa pode ser uma fala de um

paciente numa sessão, ou a construção de um enredo cenográfico no surgimento de um sonho. Também a barreira de contato, uma vez que é constituída de elementos alfa, pode dar origem a processos de pensamento. Portanto, o funcionamento mental harmônico depende da eficácia dessa barreira ter uma permeabilidade seletiva entre os elementos-alfa conscientes e os inconscientes. Essa atividade depende do bom funcionamento da função alfa em produzir elementos alfa de qualidade. Para fins conclusivos, essas descrições são corroboradas pela seguinte citação de Bion (1991), ao elucidar detalhes do funcionamento dessa barreira de contato:

A natureza da barreira de contato depende da qualidade de suprimento de elementos-alfa e também do modo como eles se relacionam mutuamente entre si. Aglutinam-se. Aglomeram-se. Ordenam-se seqüencialmente em forma de narrativa. Organizam-se logicamente. Dispõem-se geometricamente. A designação barreira de contato acentua o contato que existe entre consciente e inconsciente e a passagem seletiva de elementos de um ao outro. Da qualidade da barreira de contato depende a conversão de elementos do consciente para o inconsciente e vice-versa (p. 39-40).

8.3 A Identificação Projetiva

Seguindo o estudo do modelo mãe-bebê, Melanie Klein, ao fazer psicanálise de crianças, constrói conjecturas sobre a maneira como o bebê faz para se livrar das angústias de aniquilamento que agem em seu aparelho mental, impulsionadas pelo instinto de morte. O bebê se livra em fantasia dessas angústias, projetando-as para dentro da mãe. O método utilizado pelo bebê para fazer essas projeções, segundo Klein (1985), é chamado de identificação projetiva, que, para a autora, refere-se à fantasia onipotente que a criança supostamente faz de projetar partes intoleráveis da sua personalidade (*self*) para dentro da mãe, sendo assim descrita por ela:

Os ataques à mãe, em fantasia, seguem duas linhas principais: uma é o impulso predominantemente oral de sugar até exaurir, morder, escavar e assaltar o corpo da mãe despojando-o de seus conteúdos bons. ... A outra linha de ataque deriva dos impulsos anais e uretrais e implica expulsão de substâncias perigosas (excrementos) do *self* para dentro da mãe. Junto com os excrementos nocivos, expelidos com ódio, partes excedidas do ego são também projetadas na mãe ou, como prefiro dizer, para dentro a mãe. Esses excrementos e essas partes más do *self* são usados não somente para danificar, mas também para controlar e tomar posse do objeto. Na medida em que a mãe passa a conter as partes más do *self*, ela não é sentida como um indivíduo separado, e sim como sendo o *self* mau. Muito do ódio contra partes do *self* é agora dirigido contra a mãe. Isso leva a uma forma particular de identificação que estabelece o

protótipo de uma relação de objeto agressiva. Sugiro o termo “identificação projetiva” para esses processos. (Klein, 1991, p. 27-28).

Verifica-se em algumas situações a confusão relativa ao conceito de identificação projetiva, como correspondendo somente a uma relação de objeto agressiva, onde são projetados somente conteúdos maus e agressivos para dentro da mãe, o que de fato não é verdade, como pode-se constatar na citação abaixo:

Contudo, não são apenas as partes más do self que são expelidas e projetadas, mas também partes boas no *self*. ... A projeção de sentimentos bons e de partes boas do *self* para dentro da mãe é essencial para habilitar o bebê desenvolver boas relações de objeto e para integrar o seu ego. Contudo, se esse processo projetivo é empregado de modo excessivo, partes boas da personalidade são sentidas como perdidas. ... Esses processos são estendidos a outras pessoas, e o resultado pode ser uma dependência exagerada desses representantes externos de partes boas de si próprio. ... Os processos de excisão de partes do *self* e sua projeção para dentro dos objetos são, assim, de importância vital para o desenvolvimento normal, bem como para as relações de objeto anormais. (Klein, 1946/1991, p. 27-28).

Essa descrição é extraída das reflexões de Klein sobre o funcionamento da posição esquizoparanóide, especificamente sobre os mecanismos esquizóides, onde a identificação projetiva é considerada como um mecanismo de defesa que protege o ego da ação dos impulsos auto-destrutivos. O ego se protege fazendo uma separação, através do mecanismo de cisão, o self bom do self mau, que agora será expulso para dentro do objeto (mãe). Devido ao ego se relacionar com partes projetadas no seio da mãe, a identificação projetiva pode ser vista como um tipo de relação de objeto narcísica, uma vez que no inconsciente ele está se relacionando com partes suas. Apesar disso, a identificação projetiva é base fundamental de todas as outras relações de objeto, até mesmo para as mais amadurecidas, que Klein, como citado acima, diz ser fundamental para o desenvolvimento da normal da personalidade e conseqüente integração do ego.

8.4 A Identificação Projetiva Realista e a *Reverie*

A noção kleiniana de identificação projetiva é utilizada também por Bion (1975), porém de uma maneira um pouco diferente, pois, para Bion (1975), a identificação projetiva é entendida como um meio de comunicação real e natural entre os inconscientes da mãe e do bebê, por onde acontece a *reverie*. O referido autor também considera como mecanismo de defesa, mas não somente isso, servindo também a identificação projetiva como um tipo de

linguagem primitiva anterior ao pensamento. Bion, ao colocar o nome de realista ao conceito de identificação projetiva, desmembra esse conceito kleiniano, atribuindo funções a ele que ajudam no processo de desenvolvimento normal do indivíduo, assim como também, enfatiza a parte realista da comunicabilidade dessas identificações. Afirma Zimermam (2004), ao comentar sobre o conceito de identificação projetiva na perspectiva bioniana:

Bion foi o primeiro autor a lhe emprestar dois significados de enorme importância no processo psicanalítico: o primeiro é o da identificação projetiva normal (favorece a empatia) o segundo foi de considerar às identificações projetivas dos pacientes ... como uma primitiva forma de linguagem e comunicação. Bion denomina a identificação realista (normal) e a excessiva (patológica) (p. 89).

Grotstein (2010) também afirma essa inovação teórica de Bion, em relação a esse fenômeno. Este autor ainda acrescenta uma nova denominação, que enfatiza essa identificação como comunicativa, que ele chama de transidentificação projetiva.

Ao se analisar essa nova conotação de comunicação inconsciente da identificação projetiva, é possível perceber que Bion introduz o papel da mãe na relação com as fantasias do bebê. A partir dessa premissa, Bion entende que não só a criança projeta essas fantasias, como recebe também um tratamento dado pela mãe como continente receptor, quando esta utiliza sua função alfa para desintoxicar as partes más projetadas, devolvendo-as para a criança de forma mais tolerável. Em primeiro lugar, o sentido que Bion (1994) cunhou de normalidade à identificação projetiva pode ser verificado na citação a seguir:

Partirei do pressuposto de que existe um grau normal de identificação projetiva (sem definir os limites em que se situa a normalidade) e de que, associada a identificação projetiva, a primeira constitui a base em que repousa o desenvolvimento normal (p. 119).

Nessa reflexão acima não é insensato afirmar que Bion dá uma conotação de comunicação fisiológica real e natural entre a mãe e o bebê. Além da propriedade de comunicação inconsciente, esta identificação, quando não está sendo utilizada de modo excessivo, Bion (1991) a denomina de identificação projetiva realista.

Nas “Conferências brasileiras”, realizadas em São Paulo, Bion (1975) utiliza-se de um ideograma, a imagem da mãe com seu bebê, para discorrer sobre o que significa a identificação projetiva realista. Nessa conferência a platéia pede para Bion discorrer com mais detalhes sobre o aspecto realista da identificação projetiva, ao que Bion (1975) responde:

O problema reside em como formular verbalmente aquilo que é uma imagem visual, a mãe e o bebê. Uma das vantagens de tal imagem visual é ser ela relativamente simples e sem a complicação de se precisar descobrir seu equivalente nas vidas e nas mentalidades dos adultos.

Tomando essa formulação mais simples, imaginemos que o bebê se mostre muito perturbado e sente medo de uma catástrofe iminente como morrer, o que expressa pelo choro. Esse tipo de linguagem tanto pode ser compreensível como perturbadora para a mãe que reage expressando sua ansiedade. “Não sei o que há com meu filho!”. O bebê sente a ansiedade e impaciência da mãe e é compelido a receber de volta sua ansiedade. Confronte isso com uma situação diferente. Suponha que a mãe pega o bebê e o consola, não está desorientada nem aflita, mas responde com um comportamento algo tranquilizador. A criança aflita pode sentir que, com os seus gritos ou berros, expeliu aqueles sentimentos de catástrofe iminente para dentro da mãe. Talvez a resposta da mãe seja sentida como desintoxicadora da defecação da criança; a sensação de catástrofe iminente é modificada pela reação da mãe e pode, então, retornar para o bebê. Tendo se livrado da sensação de catástrofe iminente, o bebê recebe de volta algo bem mais tolerável (p. 107).

Aqui foi uma descrição sobre uma identificação projetiva onde através dela ocorreu uma intensa comunicação entre a mãe e o bebê. Também é possível perceber que Bion usa de maneira fiel os conceitos kleinianos, descrevendo as angústias terríficas sentidas pelo bebê, provavelmente produzidas pela ação do instinto de morte, das quais ele tenta se livrar. Na parte seguinte do texto, Bion (1975) evidencia sua concepção inovadora considerando uma comunicação entre a mãe e o bebê como um via de mão dupla. Klein (1946/1991) falou somente das fantasias inerentes ao bebê, mas Bion introduz a participação da mãe quando a mesma reage, aceitando ou rejeitando os conteúdos projetados pelo bebê.

Dando continuidade à importância da interação da mãe na relação com a identificação projetiva da criança, é pertinente supor que nessa descrição de Bion (1975) ao que parece ocorreu uma *reverie* bem sucedida. Isto significa que a mãe, através do seu amor, expresso na atividade de função alfa, desintoxicou emoções negativas do bebê.

Mais adiante Bion seguindo sua explanação sobre o aspecto realista da identificação projetiva, fornece outro exemplo, agora onde ocorre um processo inverso. Ou seja, a mãe, por algum motivo, rejeita o bebê angustiado. Rejeitar o bebê significa que a mãe não foi capaz de acolher e ser continente às emoções angustiantes da criança, não sendo possível com essa falha realizar uma *reverie* satisfatória. Condição que deixa a criança ainda mais angustiada por não saber o que fazer com seus sentimentos terríficos, sendo obrigada a lidar com duas rejeições a sua e a da mãe. Para ilustrar esse fenômeno, Bion (1975) relata:

... retornando à primeira situação: a criancinha recebe de volta dentro de si a sensação de catástrofe iminente que se tornou mais aterrorizadora por causa da rejeição da mãe e por causa da sua própria rejeição do sentimento de terror. Esse bebê não consegue sentir o que recebe de volta como sendo algo bom, mas a defecação com sua ruindade pior do que antes. Ele pode continuar a gritar e a despertar intensa ansiedade na mãe. Desse modo surge um círculo vicioso, em que as coisas vão de mal a pior até que a criancinha não suporta mais seus próprios gritos. De fato, abandonada a ter que suportá-los ela só, torna-se silenciosa e fecha dentro de si uma coisa assustadora e ruim, algo que ela teme possa irromper novamente. Nesse meio tempo, transforma-se num (bebê bom), numa (criança boazinha). Suponha que essa criança venha, depois de adulto, ao senhor para análise. Seria difícil acompanhar aquelas ideias primitivas agora encobertas por um sem número de outros pensamentos e idéias. É como tentar seguir os sinais embrionários na

anatomia fisiológica de um adulto, mas mais difícil porque no mundo mental não há sinais físicos em que se apoiar apenas investigações, como a que tentei inventar. Uma versão ainda mais sofisticada é a que se relaciona com os conceitos e teorias, como a identificação projetiva, mas esses termos teóricos são quase sem sentido. (p.107-109).

Esses sentimentos de terror, devido à rejeição, não são capazes de serem pensados, pois o aparelho psíquico do bebê, ainda é muito imaturo para tal função, necessitando então do auxílio da mãe. Outro motivo é porque, como a *reverie* não se realizou de modo satisfatório, os sentimentos hostis projetados pelo bebê não sofreram transformações pela função alfa; devido a isso não tem utilidade para a mente. Onde não foi possível uma *reverie* bem sucedida, também não pode haver desenvolvimento da função alfa. Então os gritos, choros e terrores do bebê permanecem à espera de uma nova chance surgir para então receber acolhimento, por uma identificação projetiva realista que se realiza dentro de uma *reverie* materna. De uma maneira análoga, podem no futuro receber um novo significado através da *reverie* de um analista.

Nesta parte final daquela citação anterior, Bion (1975) faz alusão ao conceito de identificação projetiva quando está contemplado por um vértice teórico e conceitual. Então faz uma crítica considerando este vértice conceitual, limitado em termos de descrever a experiência emocional da identificação realista com a seguinte afirmação: “mas esses termos teóricos são quase sem sentido” (Bion,1975,p.109) quando se propõe a explicar com conceitos operações complexas envolvidas na relação emocional de uma mãe com seu bebê.

A ênfase nos aspectos clínicos da psicanálise e as conseqüentes críticas às limitações dos conceitos teóricos também são apontadas por sua mestra e analista, Melanie Klein. Esta faz uma observação detalhada numa nota de rodapé em sua descrição sobre seu conceito de identificação projetiva. Então, através dessa nota, Klein (1991/1946) comenta que:

A descrição de tais processos primitivos sofre uma grande desvantagem, pois essas fantasias surgem numa época da vida em que o bebê ainda não começou a pensar com palavras. Nesse contexto, por exemplo, estou usando a expressão “projetar para dentro de outra pessoa” porque este me parece ser o único modo de transmitir o processo inconsciente que estou tentando descrever. (p. 27).

Concluindo essa parte sobre o fenômeno da identificação projetiva como é entendido por Bion, resta fazer um comentário para que se possa aproveitar esse conceito na prática analítica. Assim temos o comentário de Bleandonu (1993):

Bion afirmava que o analista, de fato, funciona como um receptor da identificação projetiva descrita por Melanie Klein.... O analista experiente consegue reconhecer quando está sendo utilizado como objeto de uma identificação projetiva. Sente que o paciente tenta manipulá-lo para

satisfazer as suas fantasias. Nesse momento, ele sente emoções violentas, mesmo estando convencido de que se trata de sentimentos objetivamente justificados pela situação. (p. 93).

9 A TEORIA DE BION E A INTUIÇÃO PSICANALÍTICA

“O tempo só tem uma realidade, a do instante. Noutras palavras, o tempo é uma realidade encerrada no instante, e suspensa entre dois nada”.
(Bachelard, 2007, p.17).

Quando se aproxima o olhar científico sobre o fenômeno intuição, metaforicamente caminha-se sobre um lago congelado constituído por uma superfície de gelo fino. Qualquer passo em falso, afunda-se no oceano gelado do misticismo, onde a intuição é considerada uma espécie de adivinhação ou premonição. Essa pesquisa, assim como Freud o fez, rejeita qualquer explicação sobrenatural sobre os fenômenos da natureza, incluindo o possível funcionamento intuitivo. Será, sim, uma descrição científica e psicanaliticamente minuciosa sobre o fenômeno da percepção direta da realidade psíquica de um paciente, no momento presente de sessão.

Ao fazer a exposição da teoria psicanalítica de Bion, foi possível observar o quanto ele enfatiza o compromisso da psicanálise com a verdade do conhecimento. A essência desse conhecimento, chamado por Bion de vínculo K, refere-se ao conhecimento vivo que se mostra no devir do instante presente. Para que este K seja apreendido, como ele é a princípio desconhecido, necessitará da capacidade negativa do analista em tolerar emoções aflitivas de dúvidas e incertezas, sem se apressar com desejos de compreender racionalmente o que está ocorrendo. A atmosfera das dúvidas permeia o universo da vida psíquica, uma vez que, na perspectiva bioniana, tudo está em constante transformação, assim como o paciente é uma pessoa diferente a cada dia e a cada sessão.

O pressuposto de mutação constante da natureza, assim como de todos os seres e fenômenos, traz no bojo de sua origem uma correlação com o modo *Planta rei* (tudo flui), presente na filosofia pré-socrática de Heráclito de Éfeso (536 a.C). Heráclito (2012) postula que tudo está em constante transformação como um fluxo incessante, onde nada é como antes, a única coisa que nunca se altera é o próprio movimento. O autor considera o fogo como o elemento central de sua filosofia e também do princípio que rege todas as coisas e eventos da natureza, uma vez que queima constantemente e a tudo transforma.

Essa ideologia filosófica tem paralelo com a recomendação de Bion (1990) em considerar cada encontro analítico como se fosse o primeiro. Sendo assim, o analista deve manter uma atitude de considerar estar vendo o paciente sempre pela primeira vez. O paciente que ele vê hoje, já não é o mesmo da sessão anterior. Essa constante transformação é mais fácil notar ao

se observar o desenvolvimento de uma criança, que a cada semana apresenta modificações no seu corpo e na maneira de se comunicar. Do mesmo modo, se verifica também essas transformações nos adultos, pois eles envelhecem e transformam-se, talvez não de uma forma tão visível quanto os infantes; mas esse é um fato inexorável da vida! A transitoriedade da realidade pode ser constatada por qualquer cientista que observe a natureza, as coisas vivas e o próprio cosmos. Noutras palavras, a cada encontro entre dois seres humanos será sempre um primeiro encontro, uma vez que tudo se transforma.

Assim, o pré-socrático Heráclito (2012) adverte que não é possível sentir o mesmo aroma de uma flor duas vezes, assim como jamais é possível atravessar um mesmo rio duas vezes, pois nem o rio e nem o homem serão mais os mesmos, estando transformados após a primeira travessia. Essa ideologia, do devir, parece ser a espinha dorsal da técnica bioniana, uma vez que Bion (1990) preconiza ao analista evitar o esforço da evocação de fatos passados, uma vez que esses já ocorreram, assim como a ocupar a mente com o futuro, uma vez que ele ainda não veio.

Assim, ao centrar a abordagem psicanalítica no momento presente, naturalmente surge a questão de como apreender o momento, uma vez que ele é desconhecido? A essa questão Bion (1990) responde que o analista deve estar com a mente livre da memória e do desejo, ficando assim propício para intuir a evolução do desconhecido(O) em curso na sessão.

Com esse desconhecido (O), Bion (1990) quer significar como sendo o inexprimível, a coisa em si, não acessada pela elaboração de conceitos, também representando a realidade última, ou absoluta, que acolhe e abrange todas as realidades possíveis, e até as impossíveis. As realidades impossíveis são assim denominadas porque não podem ser imaginadas, devido à limitação humana presa aos sentidos físicos. Essas partes de (O), ou fragmentos da realidade última, ficam apenas cogitadas como hipóteses em potencial.

Como explanado anteriormente no que se refere à captação de (O), a comunicação intuitiva se faz ao nível secreto. A comunicação da mente na relação como o O, não pode, *in natura*, ser colocada em palavras. Esse (O) precisa ser transformado, somente após essa transformação é possível conhecê-lo, mesmo que parcialmente. Em psicanálise se lida com o inconsciente, com aspectos desconhecidos e misteriosos da realidade psíquica, que se revela através das emanações de O que se transformam em K. Ou seja, de fato o inconsciente em si mesmo, é incognoscível.

Para acessar esse O, de acordo com a teoria bioniana, o analista deve estar em uníssono com o momento presente, para assim naturalmente, sem esforço, intuir a evolução desse desconhecido. A natureza de vivacidade da realidade psíquica, segundo Bion (1990), nem de fato ocorreu, nem muito menos irá ocorrer, mas na verdade ela está ocorrendo no transcorrer da sessão diante os olhos do analista. Então, é possível supor, que a essência da técnica desse autor repousa sobre a observação psicanalítica do agora, centrada na experiência emocional em transformação. Ou seja, no devir. Essas transformações são realizadas tanto pela mente do analista, transformando as emanções de (O) em interpretações, assim como também realizadas pelo paciente, que transforma o (O) em um discurso ou numa associação livre. Estas transformações evoluem do escuro informe (O) em direção a algo que pode ser conhecido e captado, ou seja, em direção a K. Esse K representa algo que foi transformado pela função alfa, ganhando assim forma e sentido para ser aproveitado pela mente.

De acordo com as explicações anteriores sobre os três níveis da comunicação intuitiva, a percepção de um fato advindo de (O) é veiculada pela comunicação no nível secreto, pois dificilmente será possível saber de fato de onde vieram essas emanções, como vieram, e o que de fato elas eram antes de serem submetidas à transformação-alfa. Essa comunicação intuitiva, uma vez identificada como sendo uma verdade sobre o paciente, quando comunicada a este, pode contribuir, segundo Bion (2004), para a nutrição da personalidade e conseqüentemente para a expansão da capacidade para pensar, pois, para o autor, o ego se nutre de verdades, assim como os seres vivos se nutrem de alimento, sem os quais ambos morrem de inanição.

As emanções secretas da realidade psíquica (O) podem ser detectáveis enquanto a sessão está ocorrendo, e somente na ocorrência desta, segundo Bion (1990), de modo semelhante a um músico que para, de fato, conhecer uma canção, necessita estudá-la enquanto a mesma está sendo tocada. Ou seja, o K, se manifesta no tempo do gerúndio, no estar acontecendo, a sessão está ocorrendo, em face à experiência do devir.

Devido aos comentários sobre o foco psicanalítico estar direcionado ao momento presente, fica mais coerente a recomendação de Bion (1965/2004) para que o analista utilize sua intuição para captar as emanções de (O). O autor comenta que “O analista que está gerindo uma sessão precisa decidir instintivamente a natureza da comunicação que o paciente está fazendo” (Bion, 1965/2004, p. 49). Em outras palavras, sugere-se que o termo instintivamente, pode ser cogitado como sinônimo de intuitivamente, somente nesse caso.

Parece que Bion dá a entender que esse instintivamente seria uma espécie de bússola à guiar as atitudes do analista na navegação pelo desconhecido. Pois esse último terá que decidir, seguindo algum sinal dentro de si, qual assunto irá interpretar diante às inúmeras associações livres do paciente.

Ogden (2013), por exemplo, sugere utilizar a *reverie* como bússola para seguir esses sinais instintivo-intuitivos, como se pode verificar nessa passagem: “a *reverie* é uma bússola emocional com a qual eu conto intensamente (mas que não posso claramente interpretar) para me orientar na situação analítica.”(Ogden, 2013, p. 149). Mais adiante irá ser abordada a conexão entre a teoria e a intuição em Bion, através da compreensão do fenômeno da *reverie*.

Assim, de agora em diante, será realizado um convite à teoria de Bion para que ela seja apresentada a sua própria concepção de intuição, e inicie, com essa articulação, um relacionamento teórico fértil, contribuindo com o esclarecimento das percepções intuitivas, pavimentando com a teoria psicanalítica o caminho em direção árdua tarefa de forjar a intuição psicanalítica enquanto um possível conceito. Para concluir essas reflexões, observa-se novamente a ênfase que Bion (1992/2000) dá à intuição como um objetivo a ser focado e que também deve ser associada ao raciocínio lógico na clínica do analista.

A tarefa que se apresenta ao analista é concentrar e fazer sobressair a intuição e a razão numa experiência emocional entre duas pessoas (o analista é uma delas), de tal modo que não só o analista, mas também o analisando ganhem uma compreensão da resposta do analisando àquela situação emocional. (Bion, 1992/2000, p. 103).

Para iniciar a correlação da teoria de Bion com a ideia da intuição psicanalítica, serão convidados três elementos figurativos para este criativo encontro. O primeiro ilustre convidado será o fenômeno de *reverie*. O segundo será uma expressão inédita, construída a partir de meditações sobre as teorias de Freud e Bion, denominada de Paisagem mental livremente flutuante. Este termo será utilizado para se referir ao estado de mente do analista, quando este não está sendo pressionado pela memória ou pelo desejo. Tal expressão complementa o conceito freudiano de atenção livremente flutuante, com uma paisagem mental que representa a atmosfera psicológica na qual o analista se encontra para o uso dessa atenção flutuante.

E o terceiro convidado é o conceito de *roaming*, criado na presente investigação como um elemento figurativo e simbólico para contribuir didaticamente na descrição da atividade de

intuição. O *roaming* é advindo da analogia com a telefonia móvel, onde esta atividade de *roaming* significa o processo de busca de um celular por algum sinal que possa fazer uma conexão de rede, quando este aparelho encontra-se fora de sua rede local. Este termo será utilizado como metáfora para representar o rastreamento que a mente do analista faz em busca de algum sinal de (O) para intuir. Seria uma espécie de junção dos dois anteriores, da *reverie* e da paisagem mental flutuante. Quando toda essa estrutura formada pela *reverie* e pela paisagem mental livremente flutuante começa a funcionar em busca de algum sinal que possa promover contato com a realidade psíquica do paciente, simbolicamente a função *roaming* do analista está ativada.

Nessa articulação teórica sugerida, cogita-se criar um espaço de possibilidades onde a intuição, ou fenômenos ligados a ela, possam ter trânsito livre para serem pensados, contemplados e, quando possível, teorizados. Proposta respeitosamente difícil essa tarefa de colocar em palavras a intuição, uma vez que ela alude a um funcionamento não racional.

Para tanto essa articulação teórica será feita de modo a apontar alguma direção, uma ponte teórica entre o (O) e a condição humana. Essa ponte é necessária uma vez que este fenômeno de captação intuitiva de (O) por natureza é aparentemente secreto. Aqui se lida com um objeto que não pertencente à esfera do raciocínio lógico, mas de uma constatação direta de um fragmento da realidade psíquica. Apesar disso, o trabalho investigativo-teórico prosseguirá, pois a constatação dessas conjecturas não tem a pretensão de se transformar em certezas rígidas, mas sim em observações que se aproximem do fenômeno de uma percepção intuitiva, o objeto a ser contemplado.

9.1A Reverie e a Intuição

Inicialmente será trabalhado o primeiro convidado, o fenômeno de *reverie*. A *reverie*, traduzida do francês para devaneio, é uma analogia que se refere à mãe devanear, permitir-se ficar em devoção a sonhar as necessidades de seu bebê. A partir dessa devoção materna, a mãe constrói metaforicamente um continente acolhedor que aceita receber as angústias impensáveis do bebê projetadas nela via identificação projetiva realista, e nelas emprestar sua função alfa para decodificar e desintoxicar essas angústias, transformando-as agora em experiências emocionais mais toleráveis e com caracteres úteis à mente do bebê. Esses passos

todos são realizados de inconsciente para inconsciente. Essas comunicações intuitivas, que ocorrem na relação mãe-bebê, ou na relação paciente-analista, ocorrem em três níveis, o nível grosseiro, sutil e secreto, conforme já descrito.

A *reverie*, enquanto um processo de relação paciente-analista é considerada aqui como sendo o representante principal por onde se processa uma intuição. Um dos motivos dessa consideração de relevância reside no fato de que, para descrever uma *reverie*, necessariamente é preciso enumerar vários aspectos da teoria de Bion que também contribuem para a compreensão da ocorrência de uma intuição. São incluídos no fenômeno de *reverie*, a função-alfa, os elementos-alfa, a barreira de contato e também o conceito de identificação projetiva realista. Todos esses constituintes formam um séquito de experiências que circundam a atmosfera onírica, na qual acontece o fenômeno da *reverie*. Essas articulações teóricas consequentemente poderão contribuir para elucidar a nomenclatura de intuição analiticamente treinada, que Bion (1965/2004) comenta abaixo:

A intuição analiticamente treinada torna possível dizer que o paciente está falando a respeito da cena primária; do desenvolvimento das associações, vai sendo possível ir se acrescentando nuances de significado, que complementam a compreensão do que está ocorrendo (p. 32).

Na citação acima é possível compreender que o autor refere-se à intuição como um fenômeno inseparável da teoria psicanalítica e da experiência do analista. Esta possível intuição contém aspectos da experiência emocional, não racional, associada aos aspectos do raciocínio lógico e deduções de materiais advindos da prática clínica cotidiana, como demonstra Bion (1965/2004), quando comenta que a “lógica, senso comum, indução e dedução constituem termos que frequentemente representam mecanismos para trazer uma intuição ao alcance de uma realização, caso ela exista” (p. 125). Diante dessas considerações, percebe-se que Bion não deixa transparecer nenhum indício de que ele entende a intuição como algo místico, ou sobrenatural, mas, sim, como consequência do estudo teórico, somado à experiência clínica do analista.

A escolha da *reverie*, como a rainha da festa, é devido à grande complexidade dos fatores psíquicos envolvidos nos cuidados de uma mãe com sua criança, principalmente no que esta necessita intuir quanto às necessidades do bebê, uma vez que ele não fala. Certamente que essa analogia serve para a compreensão da relação paciente-analista. Nessa, o analista também necessitará utilizar a intuição para apreender a realidade psíquica desconhecida, que muitas vezes o paciente ainda não conseguiu colocar em palavras. Esse colocar em palavras,

significa o paciente tornar-se consciente de uma dor psíquica. Bion (2007) sugere que o analista tenha intuições para antecipar fatos que trarão dores desnecessárias ao paciente, uma vez que podem ser identificados e intuídos em estado precoce; fatos dolorosos que se revelam ao analista, caso ele esteja atento ao instante presente.

Os fatores envolvidos na *reverie* materna, como a função-alfa e a identificação projetiva realista, dão suporte teórico para considerar à intuição como uma comunicação real de sentimentos que transitam entre a mãe e o bebê, como se pode constatar nesse comentário de Grotstein (2010):

Bion continua sugerindo que o bebê normal projeta em sua mãe como continente, quem em sua *reverie*, de bom grado recebe, absorve e processa as projeções de seu bebê. Processar significa permitir-lhes estabelecer-se dentro dela. ... A princípio ela pode experimentar incerteza ou ansiedade, ou mesmo caos ou aleatoriedade. Após algum tempo, sua paciência é recompensada com uma intuição de súbita consciência sobre uma coerência em todos os dados caóticos que ela experienciou. Freud chamava esse momento de *aha Erlebnis* e Bion de fato selecionado. (p. 298).

De acordo com o trecho acima citado, é possível considerar que a *reverie* é um fenômeno relativo à desintoxicação psíquica do bebê, através da função alfa da mãe. Segundo Grotstein (2010), dentro do processo de *reverie*, há um momento em que a mãe, em fina sintonia com o bebê, tem percepções repentinas de intuição que fornecem coerência a fatos antes desordenados. Coerência que o autor demonstra ser causada pela intuição súbita de um fato selecionado. Este conceito, fato selecionado, é um grande indicativo de ser um fator explicativo analítico do fenômeno intuição. Devido a isso, o fato selecionado será abordado mais adiante em detalhes.

Sendo assim, a intuição não é o mesmo que *reverie*, porém utiliza-se da atmosfera onírica da *reverie* para se manifestar. A correlação da *reverie* com a intuição também é realizada por Sandler (2009):

A relação do bebê com o seio materno, segundo a teoria bioniana, introduz o pensar imaterial e simbólico. A mãe ao captar o que se passa com o filho por meio da intuição é capaz de desintoxicar estímulos primitivos do bebê, vindos da angústia de aniquilação. (p. 22).

Essa afirmação do autor fornece consistência teórica a várias hipóteses e reflexões realizadas ao longo desse trabalho, onde foram feitas alusões à intuição como método para acessar o desconhecido (O) da sessão, assim como também descreve que, para uma *reverie* se concretizar, é necessário à mãe intuir o que se passa com a criança, de modo a dar início à desintoxicação alfa.

Mediante o fenômeno da *reverie*, levanta-se a possibilidade de que o veículo transmissor de uma intuição seja a identificação projetiva realista. Simbolicamente, como uma espécie de neurotransmissor, a identificação projetiva então seria o meio de transporte de elementos da mente inconsciente do paciente para a mente inconsciente do analista, no momento da sessão, e vice e versa. Ambos inconscientes, nesse instante, estariam em relação mútua, de modo que fica reducionista afirmar que um elemento intuído veio somente de um ou de outro. O mais correto é ver essa interação mútua como um campo psicodinâmico de forças inconscientes, interagindo na sessão, e considerar que é a partir desse campo que surgem as intuições. Essa noção de campo surge como um terceiro elemento da relação. Assim se mostra o primeiro, o paciente, depois o analista, e o terceiro, o campo. Então é com essa condição de intersubjetividade da dupla analítica que Ogden (2013) trabalha na construção de seu conceito de terceiro analítico intersubjetivo como se pode ver a seguir: “paradoxalmente o analista sentir suas *reveries* como privadas, e pessoais, é enganoso vê-las como criações próprias, já que são, ao mesmo tempo, construções intersubjetivas inconscientes criadas em conjunto que chamei de terceiro analítico intersubjetivo” (p. 147).

Sendo assim, uma percepção intuitiva não tem propriamente um dono, pois ela é um subproduto do campo da sessão, ou seja, do terceiro analítico. Desse modo, é possível cogitar que uma intuição ocorre através de uma *reverie* que se constitui por uma pluralidade de interações intersubjetivas inconscientes que resultarão no objeto abstrato a ser intuído.

Como um exemplo ilustrativo, recorre-se a um *Koan zen*. Este *Koan*, uma espécie de poesia dialética, refere-se ao som emitido pela batida de duas mãos. Neste fenômeno se questiona, então, qual seria o som de uma única mão? É muito difícil, se não impossível, dizer qual seria o som emitido por uma única mão. Do mesmo modo fica reducionista afirmar que uma intuição surgiu apenas de uma das partes, do analista ou do paciente. Assim a noção de campo analítico, ou de terceiro intersubjetivo, parece ser mais adequada para que se estude a fenomenologia da intuição psicanalítica do instante presente na sala de análise.

Seguindo o raciocínio das relações intersubjetivas da sessão em busca da compreensão de uma percepção intuitiva, é possível dividir o fenômeno intuição em dois momentos. Num primeiro momento as comunicações são entre os inconscientes da dupla; porém, para que uma intuição seja percebida e publicada, ela terá que emergir na consciência, no caso, a do analista. Então, após essas interações intersubjetivas inconscientes, acontecerá a segunda etapa do processo. Este segundo tempo se caracteriza pelo intercâmbio de elementos

inconscientes com as instâncias conscientes. A partir da interação entre essas duas instâncias haverá a possibilidade de um fato então ser percebido e, enfim, intuído.

A comunicação entre a instância consciente e a inconsciente é realizada pela barreira de contato, que Bion (1991) entende como um meio de contato e/ou relação entre essas duas instâncias. Tal barreira, como já comentado, é formada pela proliferação de elementos-alfa. Ou seja, após a atuação da função-alfa sobre experiências emocionais inomináveis, são gerados os elementos-alfa. Esses são representados por imagens pictóricas que servem para a utilização do pensamento, para fornecer a matéria-prima dos processos oníricos e aqui cogitado para também realizar as intuições. Aglomeração ordenada de elementos alfa vai gradativamente tomando a forma geométrica de uma membrana, ou seja, a barreira de contato, que faz a separação entre a realidade externa (fatores conscientes) e a fantasia (fatores inconscientes).

Essa barreira faz uma filtragem incessante de conteúdos conscientes que possam migrar para o inconsciente, e tendo como contrapartida filtrar os elementos inconscientes que venham se alojar na consciência, preservando com essa filtragem o contato lúcido com a realidade externa. Deste modo, essa barreira preserva a mente de ser inundada por um fluxo desordenado de elementos inconscientes, de que caminhem diretamente para a consciência, perturbando o senso de realidade, como acontece no caso dos psicóticos. Então, considera-se a noção dessa barreira como uma boa oportunidade para sugerir algumas suposições teóricas sobre o funcionamento da intuição.

Uma dessas hipóteses é que a percepção intuitiva aconteceria mediante a boa atuação da barreira de contato, justificando-se da seguinte maneira: sendo a intuição considerada uma forma de comunicação entre os inconscientes, a barreira de contato vai permitir que as evoluções inconscientes do desconhecido, O, migrem para o consciente em forma de alguma percepção, algum tipo de conhecimento (K). Neste caso, como um exemplo, pode-se observar um ato falho na sessão, traduzindo-se em um movimento de transformação do desconhecido para o conhecido. Noutras palavras, de O para K.

As mensagens sutis emanadas da linguagem não-verbal do paciente, já foram indicadas anteriormente como uma forte via de acesso à intuição, como foi descrito por Trinca (1987) sobre as transmissões feitas pelos infinitéssimos da sessão (comunicações que se realizam pela linguagem do corpo, expressões faciais, modulação da voz, parapraxias, etc.).

O nível sutil da intuição pode ser examinado com mais detalhes, por se referir ao que não

pode ser dito com palavras, como na relação mãe-bebê, onde a mãe utiliza a intuição para captar o que o filho necessita, uma vez que ele não fala, assim como também a intuição, ao nível sutil, ajuda o analista no trato com os pacientes. As percepções sutis sobre a linguagem corporal, podem também contribuir para a intuição de fantasias inconscientes que permeiam as associações livres do paciente. Assim, desta mesma forma, também atua sobre as fantasias presentes no campo analítico que flutuam sobre a sala de análise. No sentido de embasar a afirmação de que a intuição ajude no desvelamento das fantasias inconscientes, surge o comentário de Issacs (1986) onde esta também valoriza a importância da linguagem não-verbal na sessão.

O analista nota a maneira e o comportamento do paciente quando este entra e sai da sala analítica, quando cumprimenta ao chegar e ao se despedir, e enquanto está no divã; incluindo todo e qualquer detalhe de gesto ou tom de voz, cadência da fala e variações nesta rotina idiossincrática ou determinadas mudanças no modo de expressão, mutações de humor, todo o sintoma de afeição ou de negação de afeto, em sua natureza e intensidade peculiares e seu preciso contexto associativo. Estes e muitos outros gêneros de pormenores, tomados com um contexto para sonhos e associações do paciente, ajudam a revelar as fantasias inconscientes (entre outros fatos mentais). (p. 90).

A característica que a autora acima descreve, sobre a percepção de uma fantasia inconsciente, se assemelha com a noção de uma percepção intuitiva, uma vez que ela também apresenta características a serem inferidas. Corroborando esse sentido de inferências, segundo Issac (1986) “as fantasias inconscientes são sempre inferidas, não são observadas como tal” (p. 81). A autora também acrescenta que, na observação analítica, predominam os conhecimentos advindos do processo de inferência, uma vez que os pacientes não revelam ou contam ao analista diretamente sobre suas fantasias, mesmo porque elas são inconscientes. Assim, concluindo, pode ser constatada uma semelhança na noção de uma intuição, com o processo de percepção e desvelamento de uma fantasia inconsciente na seguinte explicação de Isaacs (1986).

Podemos observar, de um modo muito direto, as emoções e atitudes de que o próprio paciente não se dá conta, esses e muitos outros dados observados tornam possível e necessário inferirmos que tais ou tais resistências ou fantasias estão atuando. Isso vale tanto para crianças pequenas como para os adultos (p. 82).

Continuando a reflexão sobre as percepções intuitivas e suas relações com as fantasias inconscientes, esbarra-se na semelhança que os fatos intuídos têm com as imagens pictóricas e suas correspondentes representações, uma vez que a intuição, no presente trabalho, é considerada como o produto de uma *reverie*, causada pela atuação da função alfa sobre os conteúdos comunicados e projetados pelo paciente ao analista via identificação projetiva

realista. Desta forma, para ilustrar esse processo de ganhar uma característica simbólica através de um pictograma, Barros (2004) comenta que

Para que sejam elaboradas, as experiências emocionais de *insights* obtidas por meio das interpretações do analista precisam ganhar uma representação associadas com as fantasias inconscientes. Como o inconsciente opera por meio de imagens (muito frequentemente pictóricas), necessitamos seguir o processo de elaboração e perlaboração prestando atenção às mudanças na representação pictórica. (p. 134).

9.2 A Intuição e a Função Alfa

Nesse momento da investigação, resta saber qual a conexão que a função alfa, e com ela os elementos alfa, pode ter com o fenômeno da intuição. A resposta parece estar na própria definição que Bion (1991) atribui aos elementos alfa: “As impressões sensíveis transformadas pela função alfa em elementos alfa, são semelhantes e identificáveis às imagens visuais, a nós familiares, são os elementos que Freud considera revelarem o conteúdo latente nos sonhos, quando o analista os interpreta” (p. 26).

Então os elementos alfa são representados por imagens que servem para comunicar conteúdos inconscientes. Essa atividade comunicativa dos elementos alfas, são muito semelhantes com os fenômenos das imagens intuitivas descritos anteriormente. Em um momento ulterior, Bion (2000) dá mais detalhes sobre os elementos alfa, que vai se aproximando gradativamente da noção de imagens intuitivas: “Vou incluir a capacidade de ter imagens visuais entre os fatores da função alfa. Mas é apenas um fator, ainda que importante. Ele torna possível o armazenamento, pois as imagens visuais são um tipo de notação” (Bion, 2000, p. 231). Portanto, é possível reconhecer que a função alfa pode ser relacionada com a ideia das imagens intuitivas, assim como dos elementos alfa estarem relacionados com a intuição.

A descrição da atividade de elaboração psíquica (*Working out*) se traduz por uma forma inconsciente de funcionamento psíquico, que é muito parecido com a atividade do sonhar-alfa e que, de acordo com Barros (2004), “transforma os afetos em lembranças e em estruturas mentais” (p. 132). Desta forma, o analista deverá seguir observando intuitivamente por quais caminhos a mente do paciente irá percorrer após receber uma interpretação no momento da sessão. Essa atividade específica da mente do paciente reagir à interpretação, Barros (2004)

denominada de perlaboração ou *Working through* que é atividade psíquica inconsciente precipitada após uma interpretação. Aparenta ser a perlaboração uma ativação da função alfa do próprio paciente, devido à perlaboração estar intimamente associada com a atribuição de significados que o paciente faz a cada interpretação dada. Nesse processo de atribuição de significados, o analista irá trabalhar observando intuitivamente a perlaboração realizada pelo paciente, após a interpretação lhe ser entregue. Ou seja, o objeto perlaborado será também o objeto a ser intuído.

Em síntese, a mente intui do desconhecido dando uma roupagem simbólica, de tal forma que resulte em algo que pode ser conhecido através de uma percepção da consciência. Noutras palavras, sugere-se que o funcionamento da intuição do analista, utiliza-se da função alfa, para através dessa, em conjunto com a *reverie*, constatar diretamente um fragmento da realidade psíquica do paciente que emana do campo analítico. Quanto a isso, Capier (2002) descreve a atividade da função alfa, no exercício da clínica, referindo-se ao paciente projetar os elementos-beta para dentro da mente do analista que os converteria utilizando a função alfa, em elementos alfa, que agora podem ser pensados e, em alguns casos, intuídos.

9.3 A Intuição e a Identificação Projetiva Realista

Levando-se em conta que o bebê não se expressa através da linguagem verbal, supõe-se, neste trabalho, que o meio de comunicação entre ele e a mãe seja predominantemente o mecanismo da identificação projetiva. E como anteriormente comentado, a mãe também se comunica de modo intuitivo ao desvendar o que o bebê necessita, devido à ausência da fala. Por isso, a ideia da intuição, assim como o mecanismo da identificação projetiva realista, subjazem intimamente ligados. Esta comunicação acontece pelo fato de o bebê projetar na mãe conteúdos psíquicos e assim permitir que a função alfa materna opere sobre esses conteúdos, atribuindo a eles um sentido simbólico.

A característica de comunicabilidade inconsciente dessa identificação projetiva específica traz no âmago de sua natureza a ressignificação dada por Bion, que então expande o conceito originalmente de Klein. Desta forma, Bion considera que a identificação projetiva realista não fica somente limitada ao terreno das fantasias onipotentes exclusivamente da

criança, mas também representa um meio real de comunicação entre a mãe e a criança, e aqui é o ponto onde esse conceito se relaciona com a ideia da intuição.

A partir dos conhecimentos acima, caminha-se em direção à investigação do termo intuição em Bion, tendo como companheiros a noção completa de *reverie*, que inclui as comunicações via identificação projetiva e a atividade da função-alfa.

De volta ao cenário paciente-analista, a dificuldade de se estudar a *reverie* nos adultos é bem grande, devido às percepções intuitivas incidirem sobre duas personalidades neurologicamente mais complexas, diferente, portanto, do exemplo da comunicação mãe-bebê. Entre os adultos, isso significa que ao processo de comunicação direta entre os inconscientes da dupla será acrescentada uma névoa de opacidade devido à pressão da racionalidade. O impulso desejoso de compreender racionalmente o que está ocorrendo na sessão pode abortar o surgimento de uma *reverie* intuitiva, pois empurra o analista a sair do estado angustiante do não saber. O não saber é um dos estados que permeia a atmosfera psicológica da *reverie* e que oferece condições para uma percepção intuitiva se revelar.

Outro motivo que pode dificultar a constatação de uma *reverie* é a turbulência emocional que ela gera (Ogden, 2013). Quando a mente do analista, em atenção flutuante, está a devanear e sonhar a sessão, ela poderá ser tomada de surpresa por um estranhamento, em reação a algo novo que emerge espontaneamente no momento da interação da dupla.

A *reverie*, de modo inicial, gera tribulações emocionais quando surge, para *a posteriori* trazer calma com algum tipo de entendimento ou alívio das dúvidas, como pode ser constatado no comentário de Ogden (2013), onde esse alerta que “a explosão emocional, ou o despertar de uma *reverie*, geralmente é quase discreta e inarticulada, trazendo para o analista mais uma vaga sensação de inquietude do que a sensação de ter chegado a um entendimento” (p. 149).

Após essa explosão emocional, descrita por Ogden (2013), a mente naturalmente vai se acalmando devido à elaboração dos fatos que geraram a tempestade. A elaboração serve tanto para a mente do analista quanto para a do paciente. Assim, na *reverie*, o mar revolto por elementos desordenados e incoerentes do primeiro momento, agora num segundo tempo, se acalma. Após a *reverie* se concretizar e ser compreendida pela dupla, pode gradativamente aliviar a angústia do não nomeado com a constatação de uma verdade sobre uma experiência dolorosa da vida do paciente, anteriormente desconhecida.

Seguindo a contemplação sobre que fatores podem dificultar o surgimento, ou a percepção de uma intuição (*reverie*), enumera-se um estado específico de mente, a ser demonstrado a seguir. Assim sendo, quando a mente tem pouca tolerância à frustração, esta fica atribulada pelas incertezas e angústias de aniquilamento, o que leva ao movimento apressado de fugir desse sentimento de dúvida, de maneira que a mente, pressionada pela frustração, tem dificuldade de constatar o óbvio. Tais afirmações são corroboradas pelas reflexões de Ogden (2013), onde este comenta que “a dificuldade de se usar a *reverie* no exercício da análise é facilmente compreendida, uma vez que tal experiência é tão próxima, tão imediata, que é difícil de ser vista: Ela é presente demais para se imaginar.” (p. 150).

O colorido afetivo das dúvidas, inerentes ao ofício do analista, exige que este tenha atravessado uma análise pessoal tão completa quanto possível, segundo Bion (1990). Para tanto, precisa lançar mão de sua capacidade negativa. Com esta terá combustível para manter a disciplina de evitar a memória e o desejo, mantendo a mente como uma embarcação, que navega no campo da sessão, em atenção flutuante. A capacidade negativa é crucial devido a estar navegando sempre em mares desconhecidos, cujo conceito, já descrito anteriormente, é a capacidade de sobreviver analiticamente, em meio às incertezas e mistérios, sem apressar suas resoluções. Fato que coloca o analista em condições para exercer sua intuição mediante as incógnitas da sessão. Essas incógnitas fazem parte, segundo Bion (1965/2004), de uma espécie de teoria psicanalítica intuitiva, como é possível observar a baixo:

Assim como parte de uma teoria psicanalítica intuitiva, enuncio que o paciente tem uma experiência, como uma criança pode ter quando privada do seio, de enfrentar emoção que lhe é incógnita, não reconhecida como lhe sendo própria, e confundida com um objeto que só possui recentemente. ... Sugiro as seguintes comparações: (i) Incógnita, no modelo proporcionado pela teoria psicanalítica intuitiva, com incógnita, no sentido matemático que desejo utilizar, espaço geométrico. ... Esta discussão diz respeito a estas representações, independente da disciplina, como tendo ordenado, dentro delas mesmas, as invariantes de ponto e reta e sendo a teoria psicanalítica intuitiva sua correspondente realização. (p. 138-139 e 140).

É no mar turbulento de O, em que navegam o paciente e o analista, a bordo da embarcação da *reverie*. Enfrentando honestamente esse mar de incertezas é possível chegar a várias conclusões. Por exemplo, de fato, não há como fugir dessa frustração, desse estado de mistério. Não há como se proteger dele, não há nenhuma segurança, nenhum porto seguro por perto, pois a embarcação está em alto mar. Alto mar, como uma figura de linguagem, significa estar na vigência de uma sessão, mediante dois inconscientes desconhecidos, em interação mútua. Para que uma *reverie* tenha sucesso, assim como a função alfa concomitante e a

intuição que participa dela também aconteça, não é aconselhável ter pressa. No mesmo intuito, Ogden (2013) também recomenda que:

Mesmo que a situação seja sentida como urgente, é importante que o par analítico (ao menos até certo ponto) mantenha a noção que eles têm tempo para gastar, que não há necessidade de se contabilizar o valor de cada sessão, cada semana ou cada mês que eles possam estar juntos (p. 148).

Uma vez que a embarcação soltou a sua âncora, ou seja, a sessão começou, só existem três saídas para interromper, ou melhor, resolver a angústia gerada pela frustração do não saber, inerente ao desconhecido (O), como se verá a seguir.

A primeira, e a mais sedutora de todas, seria colocar sobre a tempestade angustiante das dúvidas, respostas racionais e interpretações precipitadas, que seriam falsificações baseadas na onipotência do analista, ao invés de resultarem da sua capacidade analítica intuitiva. A simbolização tem seu tempo próprio, devendo para isso ser respeitada. Se o tempo não for tolerado o suficiente, corre-se o risco de criar racionalidades defensivas, sem utilidade para o desenvolvimento mental. Ao risco dessa armadilha racional, Ogden (2013) alerta que “A simbolização (em parte verbal) geralmente se desenvolve ao longo do tempo, se for possível o paciente esperar e não forçar... Simbolização forçada é quase facilmente reconhecida por suas qualidades intelectualizada, formatada e manipuladora.” (p. 148).

A segunda saída, e a menos analítica de todas, seria uma atitude drástica de interromper a sessão e o analista dizer ao paciente: Por hoje já chega! A sessão terminou! Ou seja, se a sessão for interrompida também se aliviarão as angústias, tanto do analista quanto do paciente, geradas pelas questões abertas no decorrer da sessão. Essas indagações analíticas e o mistério do significado das associações livres constituem o material inconsciente a ser desvendado pela intuição do analista, se este estiver atento ao instante presente, momento este onde surgem as constelações psíquicas e as experiências emocionais que orbitam o campo, ou a sala de análise.

A terceira é a saída verdadeiramente analítica. Seria então o analista, com sua paciência e ato de fé, conseguir aguardar o surgimento de uma intuição sobre um fato selecionado que espontaneamente surgirá na sessão. A fé que Bion (2007) preconiza, como já explicado, não se refere à conotação religiosa, mas sim alude à uma fé na realidade última (O), que a seu momento emanará informações a quem nela esperar e confiar. Como diz o próprio Bion (1970/2007),

Pode-se perguntar qual seria o estado de mente bem-vindo, já que memórias e desejos não o são. Um termo que expressaria de modo aproximado o que necessito expressar é fé. Fé de que exista uma realidade última e verdade. O infinito de desprovido de forma, desconhecido, incognoscível. (p. 46).

9.4A Paisagem Mental Livremente Flutuante

A segunda convidada para a articulação entre a teoria de W. R. Bion com a ideia de intuição psicanalítica é o conceito de paisagem mental livremente flutuante, expressão cunhada para o presente trabalho, que significa o estado de mente do analista quando este utiliza sua atenção flutuante e as demais funções egóicas, assim como sua função alfa, estando todas essas atividades livres da memória e do desejo. Ou seja, quando a função-alfa está em atividade na sessão, junto com a atenção flutuante e outras funções egóicas, entra-se no estado de paisagem mental livremente flutuante. Tal estado de mente do analista tem sua noção de paisagem representada por todas as experiências emocionais que circulam o campo, assim como também inclui a atividade das funções egóicas utilizadas pela função alfa do analista e não somente a atenção.

A paisagem mental livremente flutuante tem sua origem na recomendação técnica freudiana de atenção livremente flutuante. Esse tipo de atenção é o conceito freudiano, já trabalhado aqui, que seria o estado em que a atenção do analista não se direciona para nenhum alvo em específico, ficando assim suspensa e livre para observar de maneira panorâmica todas as associações livres do paciente.

A fundamentação teórica para a construção do termo paisagem mental livremente flutuante, como um estado onde pode ser observada tanto a atuação da atenção flutuante quanto a da atividade da função-alfa, teve suas origens em citações semelhantes a esta que segue, na obra de Bion (2000): “a atenção livre e flutuante, considerada necessária ao trabalho analítico, poderia ser então descrita como um estado de mente no qual o analista permite-se ter condições necessárias para o trabalho o alfa onírico operar, produzindo elementos-alfa.” (p. 159).

A diferença básica entre a atenção flutuante e a noção de paisagem mental livremente flutuante, está na maior complexidade da ideia de paisagem mental. O termo paisagem refere-se, arbitrariamente, ao produto da interação da atenção livremente flutuante de Freud, com a atividade da função-alfa e a recomendação de Bion sobre a evitação da memória e do desejo.

Estes três fatores, considerados na formulação do conceito de paisagem mental, são somados a todas as demais funções mentais presentes na sessão analítica. Da mesma forma inclui todas as experiências emocionais que povoam o campo. Noutras palavras, a noção de paisagem mental livremente flutuante inclui todos os elementos conscientes e inconscientes que orbitam a atmosfera psíquica da sala de análise.

Explicando com mais detalhes, quando a mente do analista está utilizando várias funções egóicas e sua atenção flutuante, livre da memória e do desejo, ela ficará suspensa por um estado mental específico, que o conduzirá para a atividade onírica da função alfa e a consequente intuição através de uma *reverie*. As funções egóicas que compõe a paisagem mental livremente flutuante podem ser representadas por fatores como a tolerância a frustração, controle de impulsos, pensamento, percepção objetiva, juízo crítico, assim como o teste de realidade, capacidade de síntese, comunicação e linguagem. Tais fatores interligados à paisagem mental livremente flutuante influenciam também as atividades inconscientes como a elaboração, condensação, deslocamento e simbolização. Todos esses constituintes em interação formam a estrutura da paisagem mental livremente flutuante e, quando esta engrenagem toda entra em ação, ela prepara o terreno para que uma intuição do instante possa vir a florescer na sessão.

Através da percepção que emana do instante presente, a intuição realizada pela paisagem mental livremente flutuante pode revelar fatos através dos três níveis de comunicação: o grosseiro, o sutil e o secreto. Quando a paisagem mental livremente flutuante intui sobre os aspectos verbais ditos no instante da sessão, alude ao nível grosseiro; quando age sobre os aspectos não-verbais, refere-se ao nível sutil; e quando paira sobre a realidade última de O, aponta para o nível secreto, do inescrutável, do inexprimível e do completamente desconhecido. O nível secreto pode apenas ser intuído, uma vez que não é possível observá-lo de outro modo, pois não pode ser identificado pelos órgãos dos sentidos, nem tocado e nem ouvido, por exemplo; por isso seu apelo à intuição.

Os três níveis das comunicações intuitivas, propostos nesse trabalho, são em graus crescentes de complexidade de compreensão intelectual e grau decrescente de utilização dos sentidos físicos. O nível grosseiro é mais fácil de explicar por ser referente à comunicação verbal e, assim sendo, o secreto, o mais difícil de descrever, pois, por natureza, é impossível de se decifrar. E também são classificados agora em grau decrescente de utilização dos sentidos físicos. O nível grosseiro é o mais intenso em utilização do órgão sensorial, no caso a

audição, uma vez que o discurso pode ser ouvido. O nível sutil pode ser relativamente observado através da linguagem corporal do paciente e, por fim, o nível secreto que só pode ser intuído, pois não possui caracteres que possam ser percebidos pela atividade sensorial.

9.5 A Atitude de Principiante

Outra maneira de descrever a paisagem mental livremente flutuante é refletir sobre a natureza de sua atividade, e assim constatar que o estado de mente, voltado ao momento presente, pode ser comparado com a atitude de um principiante, como uma criança nos primeiros dias de aula. O principiante tem a mente aberta, uma vez que está diante de algo novo e desconhecido. Sendo assim, não tem pré-conceitos ou pré-julgamentos saturados, mantendo sua mente incessantemente vazia para o presente. O que difere da atitude de mente de um especialista, pois esse estado mantém a mente preenchida e saturada por conhecimentos prévios. Estando à mente cheia, não haverá espaço para o conhecimento novo entrar.

Então, para que a paisagem mental livremente flutuante do analista favoreça à intuição com eficiência, ela precisa cultivar o frescor da mente de um principiante. Segundo Suzuki(1994) há incontáveis possibilidades na mente de um iniciante; porém, uma quantidade muito reduzida na mente de quem já se julga um perito. Portanto, a paisagem mental intuitiva bebe da fonte do não-saber. É o estado de não-saber que abre espaço para o conhecimento novo florescer. Noutras palavras, o não-saber é o estado de mente ideal para que uma intuição do instante presente aconteça.

Ao contrário do principiante, o estado de mente de alguém que já se julga saber, ou seja, a condição de perito é uma atitude que pode deslizar para as certezas. E ao agir com certezas, a mente pode se afundar num terreno pantanoso, quando se trata de investigar cientificamente um fenômeno. As certezas não servem para lidar com o universo psíquico. Elas servem apenas para livrar a mente do terror do vazio. Mas como fugir do vazio, se é necessário à mente estar vazia para conceder espaço para o conhecimento? O não-saber é a condição básica de uma mente imersa no instante presente, uma vez que nada se sabe sobre ele. As certezas estão a serviço da onipotência e da onisciência, mecanismos de defesa primitivos que

fazem parte dos recursos que os seres humanos constroem para que os alivie do terror do desconhecido.

Portanto, quando a mente humana é exposta ao desamparo do desconhecido, ela recorre à onipotência das certezas. E as certezas podem engaiolar a mente e gerar obscurecimentos para o analista apreender e intuir o conhecimento novo que se descortina a sua frente. Com relação ao desenvolvimento da intuição, a atitude de mente do perito não ajuda, pois pode gerar pensamentos do tipo, isso eu já sei! Ou, esse paciente eu já conheço! Quando o analista alimenta esse tipo de pensamento, ele simbolicamente assassina o paciente, uma vez que não poderá enxergar a pessoa nova que está a sua frente, pois seus olhos estão entretidos com paciente que ele julgou conhecer no passado, no dia anterior. Conduta repreendida por Bion (1990).

Então, de modo conclusivo se apresentou uma nova articulação psicanalítica entre os conceitos de atenção flutuante, de Freud, a função-alfa, de Bion, assim como sua recomendação sobre a evitação da memória e o desejo na prática psicanalítica. Essa nova articulação teórica foi aqui nomeada de paisagem mental livremente flutuante. Também foi justificado o porquê o analista deveria evitar a influência da memória e do desejo na sua observação. E com isso, ficou mais claro que todas essas recomendações tem uma ligação direta com a intuição.

9.6 O Conceito de *Roaming* Intuitivo

O terceiro convidado metafórico para a articulação entre a teoria de Bion e a ideia de intuição psicanalítica, é o conceito inédito de *roaming* intuitivo. Esse vocábulo será utilizado aqui como uma figura de linguagem e foi forjado para o presente trabalho, após muitas reflexões sobre a teoria de Bion e a intuição. *Roaming* é um termo utilizado na linguagem dos aparelhos telefônicos, que utilizam as tecnologias de redes sem fio. *Roaming* advém da língua inglesa e significa itinerância e deslocamento. Ele também representa o processo de transferência de dados de uma operadora para outra, e algo relacionado com o movimento, como o verbo *to roam*, traduzido como vagar, no gerúndio vagando ou rastreando.

Quando esta função de *roaming* está ativada por um aparelho, aparece na tela do celular a palavra buscando. Esse termo será utilizado como um recurso para facilitar a descrição do

funcionamento intuitivo. A função de *roaming* indica o processo de rastreamento de um celular, quando está em outra área de funcionamento, em busca de um sinal para uma nova conexão de rede.

Transpondo para o uso na psicanálise prática, no que esta se relacione ao uso da intuição, sugere-se que o *roaming* se refira à atividade da mente do analista funcionar em busca de algum sinal no campo analítico, que possa estar sendo emitido pela realidade psíquica do paciente, para que então possa intuí-la. E realizando-se, através desse contato subjetivo, uma conexão emocional fértil que permita uma transferência de dados da mente inconsciente do analisando para a do analista, e vice e versa.

A área de *roaming* é o campo analítico; então, melhor seria dizer que uma interceptação de sinal (intuição) ocorreu devido à interação consciente-inconsciente da dupla, na atmosfera intersubjetiva do campo, ao invés de afirmar que ela pertence a apenas um dos participantes. O *roaming* do analista pode fazer um escrutínio da realidade psíquica, através dos três níveis da comunicação intuitiva, anteriormente comentados. Quando o *roaming* detecta algum sinal advindo do que o paciente diz expressamente com palavras, o ele interceptou algo do nível grosseiro. E assim pode se concluir que é um *roaming* grosseiro. Quando detecta algum sinal da linguagem não-verbal, ele pode ser considerado um *roaming* sutil. E, enfim, quando um sinal é interceptado levando-se em conta a realidade absoluta (O), se trata de um *roaming* secreto.

É claro que, levando-se em conta a subjetividade e a pluralidades das experiências humanas, haverá momentos e fatos ocorridos numa sessão onde será possível identificar que uma transferência de dados (*roaming*) flutuou de uma mente do paciente para a do analista, como foi possível contemplar no exemplo clínico de Winnicott, utilizado no capítulo sobre imagens intuitivas, onde este viu a imagem de uma moça lhe invadir a mente, quando atendia, em realidade, a um homem. Fenômeno este que foi identificado como um exemplo de imagem intuitiva. Embora a transferência de dados dessas imagens intuitivas aparentemente deslocou-se da mente do analisando para o analista, este fenômeno precisa ser cuidadosamente melhor averiguado.

Retomando o exemplo, o paciente homem continha reprimido dentro de si, registros de experiências emocionais relativos aos cuidados maternos dispensados a ele como se ele fosse uma menina. E o ideograma desse cenário de confusão materna, foi supostamente, então, transmitido para mente de Winnicott. Embora esse seja um fenômeno evidenciado pela narrativa de Winnicott, não é insensato questionar se essa mesma transferência de conteúdos inconscientes (*roaming*) teria ocorrido, caso fosse outro analista que estivesse conduzindo a

sessão. Fato que foi esclarecido de maneira bem detalhada por Winnicott. Este paciente já havia passado por várias longas análises anteriores e, até o momento da ocorrência da imagem intuitiva, ainda não havia entrado em contato com essa experiência emocional de conter imageticamente uma moça dentro dele.

A ocorrência desse fenômeno reforça a importância da noção de campo analítico. Ou seja, neste caso ambos os componentes da dupla contribuíram para o surgimento do campo, com suas forças inconscientes e com suas criatividades para que o fenômeno da imagem intuitiva (da moça) visitasse a sala de análise, e assim fosse reconhecido por Winnicott.

Retomando a elucidação do fenômeno de *roaming*, na sessão, e fazendo uma breve revisão do material exposto acima, quando a mente do analista está funcionando livre da memória e do desejo, com a função-alfa e sua atenção flutuante em atividade, surge então a paisagem mental livremente flutuante. Esta paisagem mental, quando está em ação em busca por algum sinal para intuir, denomina-se que ela entrou em estado de *roaming*. Noutras palavras, quando o analista mantém sua mente ligada a paisagem mental flutuante e aberta a qualquer comunicação que emane do campo analítico, é possível dizer que a sua função de *roaming* está ativada.

Aprofundando a investigação no que se refere à tecnologia das redes sem fio, constata-se que se um celular está fora de sua rede usual de cobertura, esse aparelho telefônico começa entrar em *roaming* e assim inicia a busca por sinal de contato com alguma operadora local. Tal busca tem como objetivo fazer uma conexão de rede e, assim, receber e enviar dados para que seu funcionamento habitual continue sem interrupções.

O *roaming* é uma função que pode ser ativada ou desativada no celular. Quando desativado, o *roaming*, mesmo que o celular esteja em uma rede de outra operadora, ele não inicia a busca; portanto, não consegue fazer a transferência de dados para se atualizar e, desta forma, entra no modo sem serviço, tendo seu funcionamento bloqueado.

Em analogia com a psicanálise, pode também o *roaming* intuitivo ser ativado ou não pelo analista na sessão. Caso o analista se mantenha na paisagem mental livremente flutuante, ele estará aberto para se conectar ao momento presente e assim intuir a realidade psíquica do paciente através da transferência de dados inconscientes, que borbulham no campo da sessão. Ou seja, assim agindo, o analista estará com o seu *roaming* ativado e com sua percepção intuitiva preservada.

Caso contrário, se o analista ficar preso ao desejo de curar ou de terminar a sessão, ele não terá condições de perceber o momento presente. Na condição de ficar paralisado, tentando compreender racionalmente o que se passa na sessão, também o analista não poderá

acompanhar as associações livres do paciente que se transformam de modo incessante, e assim a sessão se esvai como uma bolha de realidade. Na condição de estar sendo pressionado pela memória, se o analista assim ocupar sua mente tentando relembrar fatos passados, ele também não terá espaço mental para ver o que está se passando no momento, com seu paciente. Noutro caso, se a mente do analista estiver preocupada com o que acontecerá no futuro, ele também não poderá intuir (observar) o instante presente, pois sua mente estará preenchida por fatos que ainda não aconteceram e que, de fato, podem nunca vir a acontecer.

Se seguir agindo assim, ou seja, conduzindo uma sessão com a mente saturada por memórias e desejos, o analista estará com seu *roaming* desativado, pois não terá espaço mental para que informações novas, provindas do instante presente, possam penetrar em sua consciência. Deste modo, se o analista estiver com seu *roaming* desativado, ele não poderá rastrear nenhum sinal da realidade psíquica do paciente, pois esta realidade se revela no processo vivo do agora se o analista permanece no mundo das incertezas, tolerando as angústias do desconhecido, sem pressa para compreendê-lo. Desta forma, simbolicamente a mente do analista entra no modo sem serviço, tendo seu funcionamento intuitivo bloqueado.

O *roaming*, com o sentido de estar rastreando algo, é muito semelhante à atividade da atenção livremente flutuante, pois ambos referem-se à atitude de espera do analista em busca por algum sinal, ou associação livre do paciente, que se destaque dentre as demais (características que lembram o fato selecionado), por ter algum colorido emocional mais vivo e coerente, e que possa fazer sentido dentro da teoria psicanalítica. O *roaming* bem sucedido contribui para a captação das emanções de (O), pautando-se em percepções que ultrapassam a atividade sensorial. A teoria psicanalítica e o *roaming*, se relacionam metaforicamente no processo de transferência de dados inconscientes da dupla, através do fenômeno da transferência e da contra-transferência. Estes dois fenômenos atualizados por um *roaming* contínuo do analista, constituem o oxigênio da sessão, por contribuir para que a relação mantenha-se viva, no agora, apesar da passagem do tempo.

Para diferenciar, mais nitidamente, o *roaming* da atenção flutuante, mantendo-se fiel ao vértice bioniano, fio condutor desse trabalho, é possível fazer uma conexão teórica do *roaming* com a teoria de Bion sobre as funções e os fatores da função. Essa concepção de Bion (1991) sobre função e fatores, emprestada da matemática e da filosofia. Trazendo essa nomenclatura para a psicanálise, Bion (1991) considera a noção de função como representante de funções da personalidade. Assim, para o estudo do fenômeno do *roaming*, a teoria das funções ajuda esclarecer a diferença entre esse fenômeno e a atenção livremente flutuante com se verá a seguir.

Por uma reflexão pessoal, será considerada a atividade rastreadora do *roaming*, como a função intuitiva da personalidade do analista, sendo, hipoteticamente, o *roaming* uma função da personalidade, resta agora saber quais são seus possíveis fatores. De uma maneira simplificada, poder-se-ia dizer que o *roaming* nada mais é do que a paisagem mental livremente flutuante fazendo um escrutínio do campo para intuir. Agora dissecando os componentes constituintes da paisagem mental flutuante, descobrir-se-ão os fatores que compõe a função de *roaming*, cogitando os seguintes fatores que a compõe:

- 1- Estado de mente livre da memória e do desejo (condição mínima e necessária para a continuação das seguintes)
- 2- Função alfa
- 3- *Reverie*
- 4- Atenção livremente flutuante
- 5- E o conjunto de atividades das demais funções mentais, como pensamento, percepção objetiva, juízo crítico de realidade, linguagem, tolerância à frustração, condensação, deslocamento e elaboração.

Esses então são os possíveis fatores que compõe a hipótese da função intuitiva da personalidade. Com já expresso, pode-se resumir e sugerir que a paisagem mental livremente flutuante é um fator da função de *roaming*, sendo essa paisagem mental livremente flutuante constituída pelos fatores citados acima.

Todas essas questões levantadas sobre as funções e fatores, assim como os novos termos, paisagem mental e *roaming*, são reflexões especulativas pessoais sobre o fenômeno da intuição psicanalítica, tendo como ponto de partida a teoria de Bion. Deixa-se bem claro, contudo, que aqui não se objetiva dar conotações arbitrárias, forçando a teoria de Bion a se encaixar em um modelo teórico congelado.

Ao contrário disso, toma-se como ponto de partida a noção de Bion sobre a intuição psicanaliticamente treinada, como um dos recursos para que o analista, livre da memória e do desejo, possa apreender a realidade psíquica do paciente, uma vez que não sendo material, nem possuindo caracteres sensoriais, essa realidade não pode ser captada de outro modo, a não ser pela intuição, devido aos órgãos dos sentidos deixarem a desejar nessa condição.

Dando continuidade à reflexão sobre a analogia das redes sem fio, com a função intuitiva da personalidade, não é descabido afirmar que essas tecnologias de comunicação foram descobertas e desenvolvidas por mentes humanas. O que de outra maneira, poder-se-ia dizer que, antes do surgimento das tecnologias de comunicação sem fio, houve uma mente que as

pensou. Alguém refletiu e ousou cogitar que seria possível se comunicar mesmo a distâncias remotas, sem nenhum tipo de elo físico de conexão. Assim, conclui-se que a tecnologia dos aparelhos móveis foi consequência da criatividade humana, uma espécie de tecnologia da mente. Antes de um celular existir fisicamente no mundo externo, ele teve que existir subjetivamente no mundo interno de alguém, ou seja, na mente de algum pesquisador.

Como uma forma ilustrativa e conclusiva para se contemplar a articulação teórica da função do *roaming* intuitivo, destaca-se aqui um fenômeno que acontece na natureza, que é observação de um falcão livre em sua caçada. Essa analogia entre o falcão caçando e a atividade psicanalítica de *roaming*, tem a intenção de facilitar a compreensão de fenômenos muito complexos, como esses que se referem à atividade da percepção intuitiva.

Assim trazendo a analogia em pauta, do falcão caçando, percebe-se que ao sobrevoar uma paisagem atrás de comida, o falcão necessitará rastrear de modo panorâmico o solo para, então, descobrir algum sinal que indique um alvo para atingir, ou seja, uma vítima para lhe aliviar a fome. De modo simbólico, pode-se dizer que, neste momento, o falcão tem sua função de *roaming* ativada. Metaforicamente, o analista também necessita sobrevoar a paisagem psíquica do paciente para intuir alguma emanção de (O). Para ilustrar esse pictograma do rastreamento (*roaming*) na caçada de um falcão, concede-se espaço para a descrição poética dessa cena, por Wallace (2015):

Você alguma vez já viu um falcão pairando no ar enquanto vasculha o solo em busca de comida? Não há nada em que esse pássaro possa se segurar, mas com o monitoramento fino de suas asas e das correntes de ar, ele pode se manter imóvel em relação ao chão enquanto se desloca pelo ar. Ele paira por não se fixar e, ainda assim, há estabilidade.(p.40).

9.7 O Fato Selecionado e a Intuição

Retomando a investigação da intuição na obra bioniana, no início da coletânea “Cogitações” (Bion, 1992/2000) há um texto onde Bion reflete sobre o método dedutivo científico, assim como faz em vários textos compilados nessa obra póstuma. Ele começa a entrar no assunto do processo dedutivo científico utilizado na matemática, como um modelo para a atividade científica do analista, onde este último também deduz hipóteses, que surgirão no processo de investigação da realidade psíquica. Dentre as hipóteses que o analista cogita naturalmente uma em específico se destacará das demais, por introduzir organização e coerência onde só havia caos e ausência de sentido. Este então será um fato espontaneamente selecionado pela mente intuitiva do analista.

No que se refere ao fato selecionado, auto-surgido, se este é intuído e interpretado no tempo presente, poderá conduzir o paciente a expandir seu universo mental, uma vez que ele representa uma síntese aglutinadora que permite coerência ao fato observado e, assim, pode revelar alguma informação sobre a realidade psíquica do paciente. A este fenômeno de organização mental conclusiva em torno de um fato específico, Bion(2000) denominou de fato selecionado. Para tanto, esse autor mostra a origem desse termo advindo da obra do matemático Henri Poincaré, como pode ser visto na citação abaixo, onde descreve o sentido e a função que o fato selecionado se propõe a significar.

Precisa unir elementos conhecidos há longa data, mas até então dispersos e aparentemente estranho uns aos outros, e de repente introduzir ordem onde reinava a aparência de desordem. A partir daí ele nos capacita a ver, de um relance, a localização de cada um desses elementos no todo. O novo fato é valioso por si mesmo, mas não só isso: esse novo fato confere um valor aos velhos fatos que ele une. Nossa mente é tão frágil quanto nossos sentidos; ela se perderia na complexidade do mundo se tal complexidade não fosse harmoniosa; como o míope, ela enxergaria apenas os detalhes, e seria obrigada a esquecer cada um deles antes de examinar o seguinte, pois seria incapaz de assimilar o todo.(Poincaré, *Science and Method*, p.30 citado por Bion, 2000, p.16).

Bion (2000) dá mais algumas explicações sobre essa mesma citação de Poincaré, como se pode observar aqui: “Poincaré também opina que são dignos de atenção apenas o fatos que introduzem ordem dentro dessa complexidade, tornando-a, desse modo, acessível para nós”.(p.16).

Continuando a investigação sobre o fato selecionado e o articulando com a noção de *roaming*, pode-se cogitar que, após atividade de rastreamento do *roaming*, haverá um momento onde um sinal será interceptado. Assim, algo na sessão será identificado como tendo uma coerência chamativa, onde havia somente associações livres, aparentemente sem sentido. Quando o *roaming*do analista identifica um fato ou sinal de conexão afetiva com o paciente, este, então, de acordo com a extrapolação teórica dessa pesquisa, será o fato selecionado.

Seguindo agora o caminho mais restrito ao pensamento de Bion (2000), pode-se considerar que ele demonstra,através de suas reflexões, que o fato selecionado é uma transformação no estado de coisas que acontece no instante presente. Tais transformações têm relação próxima com a função-alfa de atribuir significado às experiências emocionais. A função-alfa transforma essas experiências em elementos-alfa, que podem ser identificados como novas ideias que se destacam das demais, aproximando-se da noção do fato selecionado. Desta forma, Bion (2000) afirma que:

Isso soa como se existisse uma situação fatural, multicausal, uma unificação em um determinado instante no tempo, conduzindo a uma mudança que resulta no efeito e a uma situação ideacional

na qual os elementos, enquanto matéria-prima, precisam ser transformados em ideias através da formação simbólica, de tal modo que ideias possam ser unificadas em um dado momento, resultando então em uma mudança que sentimos como o efeito.(p.18).

Assim como age a função-alfa na percepção do fato selecionado, de acordo com Bion (2000), também a pessoa precisa de uma tolerância à frustração que envolve o processo de abstração e o da formação de símbolos, uma vez que a mente precisa manter a representação de uma ideia sobre um objeto, na ausência deste. Assim como a criança tem que tolerar a frustração da ausência da mãe, criando uma representação abstrata dessa mãe, enquanto a mesma não vem. Fato que revela a síntese da posição depressiva. De modo que onde havia um estado persecutório de fragmentos desordenados, formados por objetos parciais, totalmente bons ou completamente maus, característicos da posição esquizo-paranóide, acontece, num segundo momento, um processo de síntese que forma um objeto total, contendo e unindo as partes boas e más concomitantes. Esta é a síntese da posição depressiva, que está relacionada à organização em coerência que acompanha o fato selecionado. Pode-se sedimentar essas afirmações com o alerta de Bion (2000) sobre tolerar a ansiedade da posição depressiva, para poder reconhecer um fato selecionado.

É impossível fazer isso caso você não tolere depressão, pois essa contrapartida ideacional (mesmo que sistema dedutivo científico?) é o processo que Melanie Klein chama de síntese da posição depressiva. E isso significa que o colapso na formação de símbolos é a incapacidade de transformar uma união real, de elementos reais em uma abstração, ou seja, em um sistema dedutivo científico ou cálculo. (Bion, 2000, p.18).

Na sequência, Bion (2000) fornece uma grande e minuciosa descrição do fato selecionado. Afirma que este fato tem uma relação de interação mútua entre as partes incoerentes e o todo. Quando essa relação evolui, ela ulteriormente leva ao surgimento de um elemento que fornece coerência entre as partes, agora coesa também em relação ao todo.

Agora de uma maneira excepcional, dentre todas as citações e alusões de Bion à intuição, a citação a seguir em específico é a pedra fundamental onde repousará a hipótese do possível conceito de intuição, na presente pesquisa. Ao explicar o fato selecionado, Bion (2000) dá um exemplo de uma percepção extraordinária do cientista Galileu Galilei, ao descobrir a equação de queda dos corpos cadentes e, através dessa percepção, deu um passo gigantesco para a ciência moderna, sendo posteriormente revisto por Issac Newton e Albert Einstein, gerando a teoria mecânica do cosmo. Segundo Bion (2000), Galileu chegou intuitivamente ao fato selecionado da compreensão da aceleração dos corpos em queda, como poderá ser observado logo adiante.

Considera-se que Bion relaciona o fato selecionado, com um tipo de percepção intuitiva.

Este tipo de percepção, como demonstrado no início desse trabalho, influenciou a descoberta da psicanálise, uma vez que esta também aconteceu através de uma intuição (fato selecionado) de Freud em trocar a hipnose pela associação livre. Várias leis científicas descobertas na natureza, aparentemente surgiram do mesmo modo. Ou seja, pela intuição de um fato selecionado.

Outro exemplo de percepções intuitivas, gerando fatos científicos complexos, pode ser observado na história do descobrimento da estrutura da molecular do benzeno, o hidrocarboneto aromático mais importante para a química orgânica. Essa complexa estrutura química foi descoberta pelo químico Friedrich August Kekulé, em 1858, quando este teve um sonho, no qual ele viu uma cobra mordendo a própria cauda. Assim teve uma intuição, um fato selecionado surgiu a sua mente, e então ele descobriu por uma inferência intuitiva que a estrutura do benzeno era composta por seis átomos de carbono e seis de hidrogênio unidos em um círculo, como uma serpente engolindo sua própria cauda. Essa descoberta trouxe um grande avanço para a química orgânica e para a ciência. Então, embasando essas afirmações, sobre o fato selecionado e sua semelhança com a intuição, nada melhor do que aferi-las nas próprias palavras de Bion (2000):

Disse que a seleção de um fato apropriado faz com que a massa embrionária de elementos incoerentes, ou aparentemente incoerentes, apareça ao observador como se estivesse reunida em um todo no qual os elementos parecem estar relacionados entre si como partes do todo. O fato selecionado é conhecido como a causa, quando o tempo é um componente essencial; mas esse fato não é diferente de outros fatos que são selecionados pela sua aparente capacidade de reunir elementos em um todo. Tais fatos não possuem necessariamente importância intrínseca; a importância dependerá do fato que falta ao observador; e isso obviamente, depende do observador. Galileu só pôde compreender a aceleração dos corpos cadentes quando selecionou um fato: a queda era proporcional ao tempo que o corpo levava para cair, e não a distância percorrida. (p.202).

Para justificar a presente pesquisa, pode-se observar a necessidade de trazer a intuição para uma linguagem comum, coerente, para que possa ser discutida e estudada com seriedade científica pela psicanálise. Assim é possível tirar esse fenômeno intuitivo dos bastidores secretos de depoimentos de analistas corajosos ao comunicar um evento que não podem justificar pelo uso da razão, como se reconhecer uma percepção dessas fosse uma heresia psicanalítica, caindo nas sombras de fatos exotéricos e místicos. Nesse paradigma, de respeitar algo que ainda é por natureza desconhecido, a intuição de um fato selecionado, de acordo com Bion (2000) só pode adquirir *status* de existência científica quando for possível comunicá-la nos meios acadêmicos. Percebe-se que o autor refere-se ao fato selecionado, como um processo semelhante à hipótese de um sistema dedutivo científico e, aqui, por uma

inferência pessoal, baseando-se nos pressupostos bionianos, equipara-se o fato selecionado à intuição.

Esse fato não irá constituir um fato científico enquanto não for possível comunicá-lo e, então, descobrir se ele é (ou não é) um fato que preenche essa função de integração para um grande número de pessoas, uma sociedade ou um grupo em comum. Mas a princípio, é um fato privado; foi escolhido justamente por se encaixar em um sistema dedutivo científico ou cálculo de imensa complexidade, pois é consonante com toda a mentalidade da pessoa.(Bion, 2000,p. 202).

10 APROXIMANDO A INTUIÇÃO ENQUANTO UM CONCEITO NO VÉRTICE DE W. R. BION

Chegou o momento final de trazer todas as reflexões teóricas desenvolvidas até então, para a reunião principal, ou seja, entrar no mérito do objetivo do presente trabalho, que é a investigação do fenômeno intuição, enquanto um possível conceito na obra de W.R.Bion. No transcorrer desta investigação, foram identificadas as raízes do pensamento de Bion na obra de Freud, como a sugestão bioniana de se evitar a memória e o desejo. Freud também recomenda que o analista evite ser tendencioso na observação das associações livres de seus pacientes, o que o levou a construção da ideia de atenção livremente flutuante. Assim como também reconheceu que os melhores avanços em suas análises foram obtidos quando não se tinha nenhum objetivo específico em vista e se permitia ser tomado de surpresa, por descobrimentos espontâneos através do curso das associações livres.

Dando continuidade a pesquisa, devido à aridez de material publicado sobre o conceito de intuição foi extraído o conceito de imagem intuitiva de Walter Trinka para auxiliar o desenvolvimento das ideias referentes à intuição psicanalítica. As imagens intuitivas muito se assemelham a intuição como Bion a entende. Uma vez que Bion, em algumas citações, se refere à intuição como sendo impressões pictóricas que flutuam espontaneamente para dentro da mente do analista. Foi trazido como exemplo de imagem intuitiva, um caso clínico descrito por Winnicott onde este descreve uma sessão de análise onde surgiu a imagem espontânea de uma moça em sua mente, embora estivesse com um homem a sua frente. Após Winnicott comunicar ao paciente essa imagem da moça, revelou situações emocionais do paciente vividas em sua infância, quando fora tratado por sua mãe como se fosse uma menina. Essas correlações entre a intuição e as imagens intuitivas ajudaram a dar uma ilustração didática ao tema por si mesmo difícil de ser colocado em palavras, a tratar, o conceito de intuição.

Investigando o tema da intuição na obra Freud também foi encontrada uma possível descrição de um funcionamento intuitivo. Em uma das recomendações aos médicos que praticam a psicanálise Freud sugere que o analista deveria direcionar a antena de seu inconsciente, como um órgão receptor, tipo um aparelho telefônico, em direção à antena transmissora do inconsciente do paciente. A partir disso, então, o inconsciente do analista deveria fazer uma decodificação das vibrações sonoras e transformá-las em um tipo de

reconstituição dos conteúdos inconscientes emitidos pelo paciente. Sendo esta uma atividade muito semelhante ao conceito da função-alfa, proposto por Bion. Esta descrição permite cogitar que Freud estivesse descrevendo, não intencionalmente, mas poeticamente, a intuição, relacionando ela com a metáfora de um aparelho telefônico.

Trazendo essas informações teóricas para as reflexões especulativas aqui realizadas, torna-se possível comparar essa metáfora do aparelho telefônico de Freud com a função de *roaming* discutida nessa pesquisa, uma vez que esse *roaming* também alude ao telefone e, de modo mais específico, à tecnologia de comunicação de redes sem fio. É fato, e sabido, que na época de Freud não havia celular, mas se o existisse, provavelmente ele teria aludido a essa tecnologia, uma vez que entre paciente e analista também não há elo físico de conexão, apenas uma ligação intersubjetiva.

Sendo assim, complementando a recomendação de Freud, e considerando uma hipótese surreal de que Freud tivesse acesso às tecnologias dos aparelhos telefônicos móveis, não é descabido supor que o criador da psicanálise recomendaria que o analista utilizasse sua função de *roaming* ao ficar na presença de seu paciente. Ele o fez utilizando-se de outras palavras ao recomendar o uso da atenção livremente flutuante, bem enfatizada nessa pesquisa.

Também foi possível constatar que a espinha dorsal da teoria de Bion repousa sobre a percepção do instante presente que, segundo ele, é a única oportunidade onde uma sessão pode ser de fato observada. E para que o analista possa se conectar ao momento presente, ele deve praticar a disciplina de evitar se envolver com fatos passados, influência das forças da memória, assim como evitar se preocupar com o futuro ou com a compreensão intelectual do que acontece nas vicissitudes de uma sessão.

Foi exaustivamente enfatizado que essa disciplina preconizada por Bion, do analista abster-se da memória e do desejo em sua prática clínica, tem um objetivo definido. Esse objetivo é que, mediante essa disciplina, o analista possa perceber, em sua plenitude, o momento presente, e com isso acessar sua intuição para apreender a realidade psíquica do paciente, que se revela na experiência subjetiva do devir. Esse objetivo da técnica bioniana é a base teórica de origem dessa pesquisa, que teve o intuito de investigar e elucidar o fenômeno da intuição psicanalítica, enquanto uma vertente teórico-conceitual.

A construção do projeto de estudar a percepção intuitiva teve suas raízes na seguinte questão: se Bion enfatiza tanto que o analista deve usar sua intuição, julga-se de importância crucial saber o que de fato este autor quer dizer com o uso dessa palavra. E assim então se procurou, através da pesquisa bibliográfica, na obra de Bion e de outros autores psicanalíticos, criar um atalho teórico para encontrar uma expressão lingüística que pudesse descrever a

essência de uma percepção intuitiva. Diante dessa investigação, naturalmente o raciocínio se aproxima da tentativa de descrever qual é a natureza de uma intuição. A partir dessa descrição, hipoteticamente propõe-se chegar ao objetivo final desse trabalho, que é estudar a intuição enquanto um conceito, na perspectiva bioniana.

Será realizada, então, uma tentativa de elucidação da intuição psicanalítica enquanto um conceito. Esta reflexão parte das observações realizadas durante toda a pesquisa, pautadas fidedignamente na teoria de Bion. Este é um exercício de extrapolação teórica com o objetivo de plantar sementes para que a intuição futuramente floresça nos meios psicanalíticos, enquanto um conceito ou não.

10.1 Considerações finais Sobre o Termo Intuição na Obra de W.R.Bion

Fazendo uma junção dos elementos estudados até agora, levanta-se a hipótese da existência de um tipo específico de funcionamento mental na prática do analista. Este se caracteriza por um foco nas informações que emanam da presença do paciente, na vigência da sessão. Este funcionamento mental, atento ao presente, é caracterizado pela capacidade de percepção imediata da realidade de um objeto (representações mentais, experiências emocionais, ou fragmentos da realidade psíquica). Este tipo de percepção acontece independente da atividade do raciocínio lógico-verbal, e assim se denomina intuição psicanalítica. Noutras palavras, considerando como uma possibilidade, a intuição na psicanálise pode ser considerada uma percepção direta da realidade psíquica, como uma espécie de transmissão mente a mente. Essa transmissão direta se realiza através do campo intersubjetivo de forças inconscientes da dupla analítica.

Esse funcionamento perceptivo específico, caso ele exista, está potencialmente presente em todas as pessoas, embora ele esteja em maior evidência nas mães em atividade de cuidar de seus bebês. Nessa misteriosa tarefa, a mãe precisa perceber (intuir) o que se passa com a criança, de uma maneira direta, não verbal, pois o bebê não fala. Essa atividade mental, de comunicação além das palavras, seria a função intuitiva da personalidade.

Tal função intuitiva da personalidade então se encarregaria de ajudar as mães a expressarem o amor pelos seus bebês. Este cuidar amoroso foi descrito por Bion (1973/1975), nas “Conferências Brasileiras”, quando ele inicia as explicações sobre o significado da identificação projetiva realista e sua relação com o processo onírico da *reverie*. Nesta

explicação, Bion descreve as vicissitudes da comunicação de uma mãe com seu bebê, e que a partir dessa, é possível compreender a comunicação inconsciente que caracteriza a identificação projetiva realista. De acordo com Bion (1973/1975), esse exemplo mãe-bebê ilustra mais fidedignamente o significado realista da identificação projetiva do que qualquer conceito teórico. Nessa cena de cuidados maternos, a mãe sonha, diga-se, intui os conteúdos provenientes das angústias de aniquilamento projetados a ela, por seu bebê. E através da sua função alfa, faz a desintoxicação dessas experiências emocionais, devolvendo agora de modo tolerável e útil à mente da criança. A função alfa da mãe se realizada através do mecanismo de identificação projetiva realista, e contribui para o desenvolvimento saudável da criança.

Esta função intuitiva da personalidade deveria ser então estimulada na formação de um psicanalista, pois os analistas, assim como as mães, cuidam de seus pacientes na clínica cotidiana e precisam também intuir o que se passa na realidade psíquica deles.

Essa função intuitiva pode auxiliar o terapeuta, em certos momentos da análise em que os pacientes entram em regiões de suas personalidades onde não lhes é possível se comunicar com palavras. Exemplo disso foi dado anteriormente em relação ao tratamento dos pacientes de difícil acesso. Utiliza-se o verbo intuir na perspectiva da psicanálise bioniana, uma vez que a realidade psíquica, de acordo com esse autor, não pode ser vista, nem tocada, nem cheirada e nem ouvida.

Desta forma, o desenvolvimento da função intuitiva da personalidade pode se desenvolver cultivando os seguintes fatores. São eles: a disciplina da ausência de memória e desejo, em junção com a atenção livremente flutuante; e, por fim, os seus desdobramentos gerando o estado de paisagem mental livremente flutuante. Esse por sua vez, quando em ação em busca por algum sinal de contato emocional com o paciente, ativa a função de *roaming* do analista, assim como também de sua função alfa.

A atividade da função alfa culminará com a proliferação de elementos alfa, formando com isso a barreira de contato, que irá permitir o intercâmbio entre elementos inconscientes e conscientes. Esta barreira de contato, possuindo uma permeabilidade saudável, resultará numa intuição através do aparecimento de um fato selecionado na consciência, concluindo uma experiência de *reverie*.

A partir dos elementos acima, então, hipoteticamente, inicia-se uma descrição do fenômeno de uma intuição psicanalítica, utilizando para isso elementos da teoria de Bion. Esses vocábulos e terminologias, citados acima, podem contribuir para a iluminação e descrição de uma intuição enquanto um conceito. A seguir, seguem as possíveis conjunturas teórico-explicativas, de uma tentativa em descrever como se processaria uma intuição

psicanalítica.

Mediante a presença da paisagem mental livremente flutuante, a função alfa trabalha sobre a realidade psíquica de ambos, paciente e analista, atribuindo certa ordem ao caos, através da produção de elementos alfa. E assim, à medida que o *roaming* do analista é ativado, ele irá realizar um escrutínio gradual no camponos níveis grosseiro, sutil e secreto. E através deste rastreamento, iniciará a busca por algum sinal de contato emocional com o paciente dentro da atmosfera do campo analítico. Esse hipotético sinal, se dá pelo surgimento de um fato selecionado. Esse fato flutuará espontaneamente para dentro da mente do analista, concluindo a experiência intuitiva de uma *reverie*.

E com essa *reverie*, enfim se concretizará a percepção (intuição) sobre o que o bebê de uma determinada mãe, necessitava naquele momento. De forma análoga acontece também a *reverie* do analista sobre um fragmento da realidade psíquica captada do instante da sessão.

Para concluir o trabalho, de maneira a aproximar o fenômeno da intuição de uma descrição teórica, faz-se a seguinte hipótese do que seria um conceito de intuição psicanalítica: Uma intuição psicanalítica refere-se ao ato mental de percepção não sensorial do instante presente, realizado de modo não causal pela mente do analista. Esta percepção capta através do *roaming* do analista, um sinal da realidade psíquica do paciente que emana do campo analítico. Essa percepção intuitiva pode vir de duas maneiras:

a) Através de uma imagem espontânea que surge a mente do analista. Esta imagem ao ser publicada para o paciente revela conteúdos inconscientes que de outra maneira não teriam surgido na sessão. Em muitas vezes essas imagens revelam aspectos do mundo mental do paciente que ainda não tiveram condições de serem simbolizados e expressos com palavras. Um tipo de comunicação primitiva, não verbal.

b) Através do surgimento de um fato selecionado, como um objeto psíquico espontaneamente realizado que representa uma experiência emocional vivida pela dupla e que representa de modo direto, sem intermediários racionais, forças inconscientes vigentes no campo intersubjetivo da sessão.

Essa sugestão de descrição da intuição psicanalítica é apenas uma cogitação teórica baseada em textos selecionados de Bion, construída com objetivos didáticos e ilustrativos. Certamente que, diante de uma temática tão complexa quanto é a intuição, depara-se com a necessidade de que novas investigações, tanto teóricas quanto clínicas, sejam desenvolvidas, visando com isso um aprofundamento e expansão da psicanálise no que tange aos estudos sobre o fenômeno das percepções intuitivas.

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2012). *Dicionário de filosofia*. (A. Bosi, Trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Ahumada, J. L., & Doria-Medina, R. (2004). Acerca da investigação: um diálogo em contraponto. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 11(2), 317-330.
- Almeida, A., Nunes, A., Costa, A. P., Polónio, A., Teixeira, C., Murcho, D., Sameiro, J., Rodrigues, L., Galvão, P., & Santos, P. (2003). *Dicionário escolar de filosofia*. Lisboa: Plátaro. Recuperado em 06 dezembro, de 2014, de <http://www.defnarede.com>.
- Andrade, M. M. (1997). *Introdução a Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo. Atlas.
- Bachelard, G (2007). A intuição do instante.(A.P. Danesi, Trad.).Campinas. Verus.
- Barros, E. M. R. (2004). Ensaio sobre o sonhar, elaboração psíquica e perlaboração. *Livro anual de psicanálise*, XVIII, 131-138.
- Bion, W. R. (1975). *Conferências Brasileiras*. (P. D. Correa, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1973).
- Bion, W. R. (1990).Notas sobre Memória e Desejo.In E. B. Spillius, *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica* (Vol. 2,pp.30-34). (B. P. Haber, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1967).
- Bion, W. R. (1991). *O aprender com as experiências*. (P. D. Correa, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1962).
- Bion, W. R. (1996). *Uma memória do futuro II: O passado apresentado*. (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1977).
- Bion, W. R. (2000) *Cogitações*. (E. H. Sandler, & P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.(Obra original publicada em 1992).

- Bion, W. R. (2004a). *Elementos de psicanálise* (2a ed.). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1963).
- Bion, W. R. (2004b). *Transformações: Do aprendizado ao crescimento*. (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1965).
- Bion, W. R. (2007). *Atenção e Interpretação*. (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1970).
- Bléandonu, G. (1993). *Wilfred R. Bion. A vida e a obra 1897-1979*. (L. L. Hoory, & M. Mortara, Trans., revisto por W. Dantas). Rio de Janeiro: Imago.
- Capier, R. (2002). *Tendo mente própria. Uma visão Kleiniana do Self e do objeto*. (H. Pereira, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Cassorla, R. M. (1991). Considerações sobre um tipo de comunicação intuitiva. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 25(3), 515-530.
- Coelho, M. P. (2009). Linguagem e os limites da filosofia: uma leitura de Wittgenstein [Resumo]. In Anais do XVII Seminário de iniciação científica da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Costa, P. J. (2010). *A mente primitiva: um estudo conceitual a partir da produção psicanalítica escrita*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Departamento de Design da UFPR (2012). *O que são pictogramas?*. Recuperado em 23, julho, de 2015, de <https://pictobike.wordpress.com/o-que-sao-pictogramas/>.
- Ferreira, A. B. H. (1975). *Dicionário on line da Língua Portuguesa*. Recuperado em 16 novembro, de 2014, de <http://www.dicionariodoaurelio.com>.
- Freud, S. (1969). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. (J. O. A. Abreu, Trad.). In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud* (Vol.

- 12,pp. 149-159). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud* (Vol.4-5,pp.01-725). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).
- Freud, S. (1974). História do movimento psicanalítico. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud* (Vol. 19,pp.16-82). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1976). Conferência XXXV: A questão de uma Weltanschauung. In S. Freud, *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise outros trabalhos.* (J. L. Meurer, Trad.). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*(Vol. 22, pp. 193-220). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1932).
- Freud, S. (1981). Historia del movimiento psicoanalítico. (L. L-B De Torres, Trad.). In S. Freud, *Obras Completas* (Tomo II; p. 1895-1930). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1917).
- Freud, S. (2003). Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. (J. L. Etcheverry, Trad.). In S. Freud, *Obras Completas* (2a ed., Vol. 14,pp.03-64). Buenos Aires: Amorrortu.
- Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T. (1973). *Introdução às ideias de Bion.* (Vol. 30, T., O., Brito, Trad.). Coleção Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago editora.
- Grotstein, S. J. (2010). *Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise.* Porto Alegre: Artmed.
- Isaacs, S. (1986). A natureza e a função da fantasia. Os progressos da psicanálise (3ª ed.). Melanie Klein [et.al]; org. Joan Reviere. (p.79-135). (A.Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Guanabara. (Obra original publicada em 1952)

- Joseph, B. (1990). O paciente de difícil acesso. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje: Desenvolvimento da teoria e da técnica* (Vol. 2, p 62-75). final. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963. In M. Klein, *Obras completas* (Vol. 3, pp. 20-43). (L. P. Chaves, Trad.). Rio de Janeiro. Imago.
- Lakatos, M. E., & Marconi, M. A. (1992). *Metodologia do trabalho científico* (4a ed.). São Paulo: Atlas.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. (1983). *Vocabulário da Psicanálise* (7a ed.). (P. Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1967).
- Medina, G.S (1980). A intuição no processo de conhecimento em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 14,481-492.
- Mijolla, A. (2010). *Dicionário Internacional da Psicanálise*. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Morais, M. B. L. (2006). Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. *Estudos de Psicanálise*, 29. Recuperado em 18 maio, de 2015, de <http://www.dicionariodoaurelio.com.br>
- Muniz, J. R. (1988). Intuição: um estudo teórico. *Revista Informação Psiquiátrica*, 7(3), 99-104.
- Neri, C (2013). A noção ampliada de campo em psicanálise. In A. Ferro, & R. Basile. (2013). *Campo analítico: um conceito clínico* (p.34-42). (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Ogden, T. H. (2013). *Reverie e interpretação: captando algo humano*. (T. M. Zalberg, Trad.). São Paulo. Escuta
- Piccini, A. M. (1985). Intuição: lacuna teórica na psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 19 (1), 33-68.

- Pinto, G. C. (2009). A essência da clínica. In G. C. Pinto (Ed.), *Coleção memória da psicanálise: Bion* (Vol. 6, p.24-29). São Paulo: Duetto Editorial.
- Rezze, C. J. (2009). Transformações na clínica. In G. C. Pinto (Ed.), *Coleção memória da psicanálise: Bion* (Vol. 6, p.35-40).São Paulo: Duetto editorial.
- Ribeiro, O. M. (2010). *Psicanálise - bases neurofisiológicas: escuta analítica, empatia e intuição*. São Paulo: Escuta.
- Rosito, C. A. M. (1995). Da comunicação inconsciente à intuição no processo analítico. *Revista De Psicanálise da Sppa*,(vol.2.p.03-12) Recuperado 10 março, de 2015, de http://site.sppa.org.br/info_conteudo_revista/18.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1997). *Dicionário de Psicanálise*. (V. Riberio, L. Guimarães, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Saint-Exupéry, A. (1990). *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sandler, P. C. (1997). *As Origens da Psicanálise na Obra de Kant: apreensão da realidade psíquica* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago.
- Sandler, P. C. (2005). *The Language of Bion: a dictionary of concepts*. London: Karnac Books.
- Sandler, P. C. (2009). Uma obra em metáfora. In G. C. Pinto (Ed.), *Coleção memória da psicanálise: Bion* (Vol. 6, p.22-28).São Paulo: Duetto editorial.
- Sapienza, A. (1999). O trabalho de sonho alfa do psicanalista na sessão: intuição-atenção- interpretação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 33(3), 423-430.
- Sapienza, A. (2011). Os caminhos desde as teorias para a clínica psicanalítica. In C. J. Rezze, E. S. Marra, & M. Petriciane (Eds.). *Psicanálise: Bion Clínica-Teoria*(pp.25-30). São Paulo: Vetor.

Suzuki, S.(1994).*Mente zen, mente de principiante*.(O.Lara,Trad).São Paulo. Palas Athena.

Tavares, L. A. T., & Hashimoto F. (2013). A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 166-178.

Trinca, W. (1987). Notas sobre imagens intuitivas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21, 537-542.

Wallace, B.A. (2015). Felicidade genuína: meditação como caminho para a realização. (J.Pilli, Trad).Rio de janeiro. Lúcida Letra.

Winnicott, D. W. (1975). A criatividade e suas origens. In D. W. Winnicott.*O brincar e a realidade* (pp. 95-120). (J. O. A. Abreu,& V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971).

Wikipédia (s.d.). *Pictograma*. Recuperado em 22, julho, de 2015, de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pictograma>.

Zimmermann, D. E. (2001). *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.

Zimmermann, D. E. (2004). *Bion da Teoria à Prática: uma leitura didática*. Porto Alegre: Artmed.

Zimerman, D. E. (2009). Wilfred R. Bion, uma vida dialética. In G. C. Pinto (Ed.), *Coleção memória da psicanálise:Bion* (Vol. 6, 23-31) São Paulo: Duetto editorial.

Zolty, L. (1997). Apresentação: como definir um conceito psicanalítico. In J. D. Nasio (Ed.),*Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise* (pp. 9-10). (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1988).